

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**A Representação da Cultura e da Identidade
Brasileira em Manuais de PLE**

Hong Yu

Tese orientada pelo Professor Doutor
António Manuel dos Santos Avelar,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em
Português como Língua Estrangeira/ Língua Segunda

2019

Agradecimentos

Aos meus pais que me ofereceram muito amor, compreensão e carinho, e pacientemente me apoiaram durante toda esta digressão académica.

Ao Prof. Dr. António Avelar, o meu orientador, pela orientação eficiente ao longo desta investigação, sem a qual este trabalho não teria sido realizado.

A todos os meus professores, pela atenção sempre dispensada.

À Universidade de Lisboa pela oportunidade de realizar o Mestrado em Português como Língua Estrangeira.

À Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, por me permitir os primeiros passos em direção ao mundo de português.

Aos meus amigos, pelas palavras de incentivo e pelo suporte, sempre que precisei.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação, gostaria de endereçar os meus sinceros agradecimentos!

Lista de siglas

Geral

ACD - Análise Crítica do Discurso

LA - Linguística Aplicada

LD - Livro Didático

LE - Língua Estrangeira

LSF - Linguística Sistêmica-funcional

PLE - Português como Língua Estrangeira

PL2 - Português como Língua Segunda

QECR - Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

Manuais

AB - Novo Avenida Brasil

BV - Bem-vindo!

DB - Diálogo Brasil

EB - Estação Brasil

FB - Fala Brasil

FLE - Falar...Ler...Escrever

MP - Muito Prazer

PB - Panorama Brasil

PC - Português para estrangeiros

PE - Pode Entrar

PV - Português via Brasil

TB - Tudo bem?

TC - Terra Brasil

VL - Viva! – Língua Portuguesa para Estrangeiros

Resumo

Esta é uma dissertação sobre manuais brasileiros para o ensino de PLE e a apresentação da cultura do país que neles é feita. Interessa-se por identificar os processos linguísticos e multimodais através dos quais a cultura brasileira é apresentada aos aprendentes de PLE.

Recorrendo aos pressupostos da Análise Crítica do Discurso (Fairclough: 1989, 2001; Van Dijk: 1993), o estudo procede a uma análise quantitativa dos textos de 12 manuais para o ensino de PLE, representativos da edição atual brasileira, organizando dos tópicos selecionados em torno de quatro grandes domínios. Esta análise revela a prevalência de determinados tópicos sobre outros e as inclinações dos autores para o tratamento de categorias centrais na apresentação da cultura brasileira.

A análise qualitativa recai sobre uma escolha de textos considerados representativos do panorama editorial brasileiro revelando processos linguísticos e multimodais que são postos ao serviço das duas imagens predominantes: a do Brasil, grande democracia, país pertencente aos BRICS, turístico, carnavalesco e futebolístico e a do Brasil com a sua cultura variada, profunda. A primeira destas representações está presente nos manuais através de uma estereotipação positiva; a segunda, é descorada e faz-se através de estereótipos negativos.

Confirma-se a preponderância do manual de ensino de uma língua não materna na difusão da cultura e identidade por detrás da língua que é aprendida.

Palavras-chave: Manual de PLE, identidade brasileira, representação cultural, estereótipo

Abstract

This is a dissertation about Brazilian textbooks for teaching of Portuguese as a foreign language (hereinafter as PLE), as well as how the culture of the country is presented in them. Concerning to identify the linguistic and multimodal processes through which Brazilian culture is presented to foreign learners.

Using the assumptions of Critical Discourse Analysis (Fairclough: 1989, 2001; Van Dijk: 1993), the study goes along a quantitative analysis of the contents of 12 representative PLE textbooks of the current publications, organizing topics selected around four major domains. This analysis reveals the prevalence of certain topics over others and the authors' inclinations in dealing with the central categories in the presentation of Brazilian culture.

The qualitative analysis relies on a choice of texts considered representative of the Brazilian editorial panorama, revealing linguistic and multimodal processes that are used to achieve the two predominant images: the image of Brazil being a great democratic country, one of the members of BRICS, touristic, carnivalesque and football; and that of a country with diverse and profound culture. The former is presented in the textbooks through a positive stereotyping; whilst the second is disregarded and is done through negative stereotypes.

It can be included that there exists a preponderance of non-maternal language teaching textbooks in the diffusion of culture and identity behind the learnt language.

Keywords: Portuguese as a foreign language textbook, Brazilian identity, cultural representation, stereotype.

Índice

Agradecimento	2
----------------------	---

Resumo	4
---------------	---

Introdução	9
-------------------	---

Capítulo I - Referências Teóricas

1.1 Identidade	14
----------------	----

1.1.1 Cultura e identidade	17
----------------------------	----

1.1.2 A identidade nacional e crise de identidade	19
---	----

1.1.3 A identidade brasileira	24
-------------------------------	----

1.2 Linguística aplicada, investigação sobre a identidade e ensino de línguas	27
---	----

1.3 Conhecimento da sociedade e da cultura no ensino das línguas	30
--	----

1.4 Representação da identidade nos manuais	32
---	----

Capítulo II - O contexto brasileiro de produção de manuais de ensino de PLE

2.1 O manual de PLE e a experiência brasileira	35
--	----

2.2 Análise crítica do discurso e linguística sistêmica funcional	39
---	----

2.2.1 A dimensão de texto fundada na visão sistêmica-funcional e na análise crítica do discurso	43
---	----

2.2.1.1 A teoria de linguística sistêmica funcional	43
---	----

2.2.1.2 Análise textual	45
-------------------------	----

2.2.1.3 Análise discursiva	48
----------------------------	----

2.2.1.4 Análise social-discurso como prática social: ideologia e hegemonia	48
--	----

2.3 Géneros textuais	50
----------------------	----

Capítulo III - Constituição e apresentação do Corpus

3. Apresentação do Corpus	56
3.1 Especificação dos elementos e propósitos de análise	59
3.2 Outros elementos de natureza quantitativa	60
3.2.1 Referência aos símbolos brasileiros	61
3.2.2 Referência a raças e etnias	63
3.2.3 Referência a identidades regionais	65
3.2.4 Referência aos gêneros nos manuais	68
3.2.4.1 Gênero no mercado do trabalho	68
3.2.4.2 Gênero nas relações familiares	69

Capítulo IV - Práticas de apresentação da cultura brasileira, análise qualitativa

4.1 O ser brasileiro	73
4.1.1 Diversidade étnica	73
4.1.1.1 Língua portuguesa no Brasil	88
4.1.2 Identidade regional	92
4.1.2.1 Gastronomia	94
4.1.3 A presença da mulher brasileira	98
4.1.4 Festas brasileiras	103
4.2 O estar brasileiro	106
4.2.1 O fanatismo por futebol	106
4.2.2 O jeito brasileiro	109

Considerações Finais	115
-----------------------------	-----

Referências bibliográficas	121
-----------------------------------	-----

Anexo	131
--------------	-----

Lista de figura e quadros

Figura 1 Circuito da cultura, segundo du Gay et al (1997)	16
Figura 2 Diagrama em cebola: diferentes níveis de profundidade das manifestações da cultura (adaptado de Hofstede, 2001: 34)	18
Figura 3 O crescimento da produção dos manuais de PLE no Brasil (Lopes, 2009: 139)	38
Figura 4 Concepção tridimensional do discurso (adaptado de Fairclough, 1989: 25)	42
Figura 5 Recontextualização da LSF na ACD (Resende, 2006: 61)	45
Figura 6 As duas apresentações da cultura brasileira	115

Índice de Quadros

Quadro 1 Arquitetura do manual de PLE (adaptado de Cordier-Gauthier, 2002: 25-36)	36
Quadro 2 Análise do texto (adaptado de Fairclough, 1989: 234, 235, 236)	47
Quadro 3 Análise da prática discursiva (adaptado de Fairclough, 1989: 232)	46
Quadro 4 Análise da prática social (adaptado de Fairclough, 1989: 237, 238)	49
Quadro 5 Domínios sociais de comunicação e capacidade de linguagem (Dolz e Schneuwly, 2004: 121)	51
Quadro 6 Objetivos gerais dos manuais presentes no Corpus	58
Quadro 7 Percentagem relativa das categorias abordadas nos manuais de PLE	61
Quadro 8 Tópicos da cultura brasileira nos manuais, apresentação quantitativa	62
Quadro 9 Raças, etnias e sua designação apresentados nos manuais	64
Quadro 10 Representatividade das regiões brasileiras nos manuais	66
Quadro 11 Elementos destacados no texto <i>Quem somos afinal?</i>	82

Introdução

Esta é uma dissertação sobre os manuais brasileiros para o ensino de língua não materna e a apresentação da cultura do país que neles é feita. Interessa-se por identificar os processos linguísticos e multimodais através dos quais a cultura brasileira é apresentada aos aprendentes de PLE.

A experiência de aceder a um manual do país (*Bem Vindo!*, no caso vertente) desconhecendo a grande parte deste país, como nós, tem a percepção de uma imagem seguramente atraente e até encantatória, das praias do turismo, da alegria do povo, da miscigenação racial não pode deixar de perguntar-se até que ponto esta é uma representação verossímil do país.

O outro Brasil que podemos ler as notícias internacionais não coincide de modo nenhum com esta realidade. No momento em que escrevemos esta introdução, houve um assassinado; uma vereadora que lutava contra a discriminação racial e era feminista. Não será por acaso que “as principais agências internacionais apresentam o Brasil como uma nação assombrosa, oscilando entre paraíso tropical e inferno dantesco” (Burke, 2006).

Há, portanto, uma reflexão a fazer. Como sintetizar as duas imagens acima referidas numa representação da identidade cultural, em manual? Esta condensação de imagens opostas é realizável?

Terão os autores verdadeira consciência da necessidade desta síntese, de modo a não defraudar o aprendente?

O manual de PLE constitui, com efeito, um poderoso promotor de ideias sobretudo que atinge os públicos que são linguística e culturalmente muito apertados do Brasil.

O manual, entre outros materiais didáticos, é um dos documentos mais apropriados para fazerem emergir a representação de um povo, da sua vivência e do seu modo de estar. Porém, um manual de PLE tem duas condicionantes principais; a primeira tem a ver com o facto de que o público-alvo não ter a mestria da língua, pelo que muitas vezes os textos sobre cultura acabam por ser mais os textos para o desenvolvimento da própria língua junto dos aprendentes. A segunda, prende-se com a própria escolha dos autores, na medida em que estes, frequentemente, agem sobre os textos (os textos autênticos são desejados do ponto de vista didático) com o intuito de apresentar uma certa imagem do Brasil, aquela que mais os motiva. A imagem, esta que também é uma escolha do gosto e da subjetividade do autor. Os materiais didáticos, o manual em particular, são portanto, do ponto de vista ideológico, um agregado de ideologias-padrão sobre a linguagem e os conteúdos; além disso são multifacetados, na medida em que agem como outras ordens de ideias que sustentam outras tantas formas de apresentar e representar uma imagem da cultura. Referimo-nos, particularmente, às ideias referentes à identidade nacional, racial, étnica, bem como sobre os valores atribuídos à diversidade cultural.

Neste sentido, esta dissertação, parte do pressuposto de que, se a análise for orientada por critérios adequados, quantitativos e qualitativos, será suscetível de revelar a orientação da escolha dos autores, de onde emergirá uma determinada imagem do Brasil e da identidade do seu povo. A primeira limitação desta dissertação prende-se, desde logo, com duas noções prioritárias com que lidamos; a de cultura e a de identidade - ambas complexas, de difícil definição e aplicação.

Quanto à cultura, teremos como pano de fundo as ideias muito difundidas de Hofstede (2001) “culture is the collective programming of the mind and distinguished the members of one group or category of people from another” (Hofstede, 2001: 10)

especificadas, para efeitos de aplicação, em quatro elementos principais: valores (crenças, atitudes e habilidades), rituais (maneiras de cumprimento, cerimónias sociais e religiosas, etc), heróis (pessoas livres ou mortas, reais ou imaginárias) e símbolos (palavras, gestos, fotos, objetos). Mais do que a noção de cultura, a de identidade implica a produção de discursos portadores de signos de identificação, não sendo auto referencial mas relacional, na medida em que nasce e se desenvolve na relação como o outro. Para a análise dos textos dos manuais teremos em conta que a nação, noção associada à de identidade, não é apenas uma entidade política, mas um sistema de representação cultural, pelo que uma nação é, neste sentido, uma comunidade simbólica. A identidade nacional está, pois, profundamente ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e à própria construção do Estado brasileiro.

Tenhamos, pois, consciência de que, relativamente à representação de identidade, independentemente de cursos e de livros didáticos, os estrangeiros já têm noções próprias da imagem brasileira com base nos estereótipos que vêm circulando nos locais de origem deles. Muitas vezes utilizam o critério referencial dos seus próprios conhecimentos para comparar com os outros fenómenos culturais, o que vai provocar estranheza. Neste caso, os manuais como um meio pelo qual os alunos estrangeiros estão em contato com a língua e cultura do Brasil, têm a responsabilidade de propiciar aos alunos situações e fatos ocorridos da língua/cultura-alvo. Este trabalho procura orientar-se pela resposta às seguintes questões:

- I. Que os aspetos da identidade brasileira são revelados nos textos dos manuais? (análise quantitativa e qualitativa)
- II. Até que ponto o manual reflete a variedade social do Brasil, incluindo os aspetos negativos ou problemáticos?
- III. Há estereótipos ou discriminações de género e raça na representação do povo e do seu território?

IV. Quem são, o que fazem e como são os brasileiros que os aprendentes estrangeiros vão conhecer por meio do livro didático?¹

Nesta dissertação foram considerados os contributos da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) como um referencial teórico-metodológico para enquadrar a análise de textos de ensino de PLE. Este referencial teórico (Hodge; Kress: 1988; Fairclough: 1989, 2001; Van Dijk: 1993) tem-se mostrado útil para analisar produções textuais que resultam e refletem mudanças rápidas e contínuas das sociedades, potencializadas por textos e novas tecnologias que vão reconfigurando a nossa relação social. Além disso, a disciplina tem considerado o modo como as relações de dominação, discriminação, poder e controlo se manifestam na linguagem, o que nos é particularmente útil em alguns textos. Em última análise, a nossa opção por este referencial teórico fica a dever-se ao facto de o Livro Didático ser um género discursivo que abrange os outros géneros pelo que, na maioria das vezes, textos adaptados ou reescritos para a função que se pretende. Em termos metodológicos, o presente estudo pressuporá uma abordagem transdisciplinar em que os dois pilares disciplinares que são o ensino-aprendizagem de PLE e a Análise Crítica do Discurso. Através de uma análise quantitativa e qualitativa de 12 manuais brasileiros de PLE, livros didáticos, teremos em conta os dois modos em presença, a linguagem verbal e a visual. Relativamente à análise quantitativa, seleccionamos quatro domínios: símbolos do Brasil, raça e etnia, identidade regional, as mulheres no mercado do trabalho e na família. No que concerne à análise qualitativa, esta será estruturada em dois grandes domínios, “o ser brasileiro” e “o estar brasileiro”, naturalmente, submetida a um critério pessoal de escolha dos textos e temas representativos, bem como aos princípios analíticos da ACD.

Tendo em conta as nossas perguntas de investigação e a metodologia escolhida, estruturamos esta dissertação da seguinte maneira:

¹ Esta é uma questão é inspirada na proposta levantada por Carvalho, Orlene (2008: 7).

No primeiro capítulo deste trabalho faremos uma reflexão sobre os conceitos de cultura e identidade, explorando as dimensões nacional e simbólica; reflexão sempre ancorada no papel que o manual de PLE pode assumir como veículo de representação cultural. Nesta revisão bibliográfica daremos atenção à linguística aplicada e aos seus contributos para uma dissertação desta natureza.

No segundo capítulo, daremos conta do desenvolvimento da indústria de edição de manuais de PLE no Brasil e refletiremos mais detalhadamente sobre o contributo da Análise Crítica do Discurso (Fairclough: 1989, 2001) e da Linguística Sistémica Funcional (Halliday: 2009).

No terceiro capítulo, será feita uma breve apresentação dos LDs escolhidos e terá lugar a análise quantitativa do *Corpus*.

No quarto capítulo, terá lugar uma análise qualitativa dos textos, dando-se, sempre que necessário, um lugar particular ao significado multimodal em presença.

Far-se-ão, finalmente, algumas considerações finais de natureza conclusiva.

Capítulo I- Referências Teóricas

Este capítulo tem por objetivo abordar as diversas dimensões que constituem o âmbito desta dissertação e que lhe oferecem o suporte teórico. Desta forma, revisitaremos, brevemente, as principais noções relativas à teorização sobre a identidade, a identidade brasileira nos nossos dias, o papel da Linguística Aplicada e o modo como justificamos a pertença deste trabalho à área desta disciplina. Serão perspectivadas as sínteses que, do interior da área do ensino das línguas, têm sido feitas à abordagem da cultura e da identidade e do modo como estas ideias merecem ser plasmadas nos manuais.

1.1 Identidade

Apesar da origem latina do termo “identidade” ser composta por *idem*, que significa *mesmo*, tal como é usado hoje, implica duas noções divergentes: a de similaridade e a de diferença. Por um lado, a identidade é algo único para cada um de nós que assumimos, de modo mais ou menos consequente, ao longo do tempo e que, de uma forma ou outra, nos distingue e individualiza. Por outro lado, a identidade também implica o coletivo mais alargado das nossas relações, o grupo social, porque verdadeiramente se desenvolve e apresenta no seu interior (Buckingham, 2008: 1). Segundo Hall (1996: 2), a identidade é construída com base no reconhecimento de algumas origens comuns ou características compartilhadas com outras pessoas ou grupos, com ideais, e com o estabelecimento natural de solidariedade e aliança, ou, no

dizer de Freud “the earliest expression of an emotional tie with another person” (Freud, S. 1921/1991: VII). Elias, (1990: 224), acrescenta a ideia de que a identidade é subjacente aos povos e moldada por regularidades humanas e sociais.

Reis, na sua reflexão sobre as identidades brasileiras comenta a interpretação de Hall pondo ênfase nas práticas discursivas envolvidas:

“Hall utiliza o termo ‘identidade’ para significar ‘o pronto de sutura’ entre os discursos e as práticas que nos leva a assumir certas posições sociais. Para ele, as identidades são construídas em práticas discursivas, que levam um indivíduo ou grupo a assumir uma ‘posição de sujeito’ ”. (Reis, 2006: 11)

Para Hall, há duas formas de gerar a identidade; a primeira assume que há um contexto intrínseco e essencial para qualquer identidade definida por uma origem comum ou por uma estrutura comum de experiência. Lutar contra construções existidas de uma identidade particular com forma de concorrência entre imagens negativas e imagens positivas, tentando descobrir os conteúdos ‘autênticos’ e ‘originais’ de identidade. A segunda forma enfatiza a impossibilidade das identidades constituídas, serem inteiramente distintas, negando, portanto, a existência de identidades autênticas e originárias baseadas na origem ou experiência compartilhada universalmente (Hall, 1996: 89).

Será que as identidades são fluídas e mutantes? O antropólogo brasileiro Gilberto Velho também afirma haver duas formas de identidades: as que são socialmente dadas e outras que são construídas. Santos (2011) chama a atenção para os fechamentos identitários com expressão na atualidade:

Por um lado, vemos a afirmação de nacionalismos, regionalismos, fundamentalismos e tantos outros movimentos de identidades fechadas, por outro, vemos a constante mudança de nacionalidade, de sexo, de religião.... (Santos, 2011: VII).

Esta constatação liga-se ao pensamento de Hall, que o exprime através de uma da tensão entre o essencialismo e o não-essencialismo, um dos tópicos centrais da discussão em curso. O essencialismo baseia-se na história e na biologia, como por exemplo a maternidade, que prova a identidade pode ser biologicamente fundamentada. Embora o nível das representações da identidade esteja sempre integrado num processo temporal contínuo, nos discursos essencialistas esse tempo é congelado, pouco mutável (Moreno, 2014: 9). Mas os movimentos étnicos ou nacionalistas reivindicam uma cultura ou uma história comum como a base na identidade. Para Reis (2006: 11), a visão não essencialista da identidade apareceu no final do século XIX, como a crítica das ciências sociais ao sujeito moderno. Portanto, surgiu um indivíduo isolado, “que perdeu o sentido de si na multidão urbana e impessoal, que precisava de reconstruir sempre a própria imagem”.(Reis, 2006: 11)

A identidade constitui, assim, uma noção complexa. Será necessário examinar a forma como a identidade se insere no “circuito da cultura” bem como a forma como, identidade e diferença, se relacionam com a discussão sobre a representação.

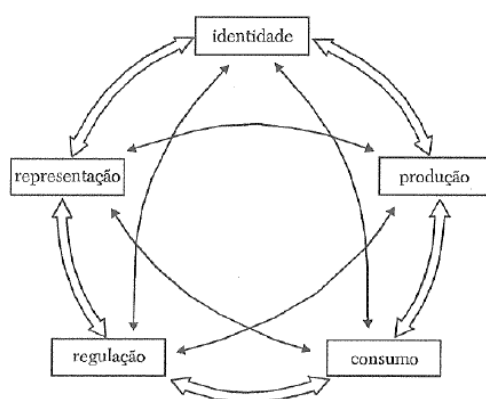


Figura 1: Circuito da cultura, segundo du Gay et al (1997).

Paul du Gay et al. (1997: 3), quando analisaram o Walkman da Sony, deram relevo ao circuito de cultura, em que um produto cultural se constrói na interligação de processos de representação, identidade, produção, consumo e regulação. Segundo

du Gay, cada elemento do circuito inicia-se e reaparece na construção do constituinte seguinte. Por exemplo, começando com a Representação; as representações consideradas constituem um elemento do ponto seguinte, e assim sucessivamente quanto aos restantes elementos.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos. A representação, então compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e sistemas simbólicos nos quais ela se baseia para fornecer possíveis respostas à pergunta: quem sou eu? Quem poderia eu ser? O que quero ser? (Silva, 2000: 17)

“Historicamente, as relações entre populações e territórios têm resultado em formas de representações coletivas associadas a identidades sociais, culturais e políticas, através das quais as pessoas podem reconhecer a sua pertença a uma unidade e podem aceitar, por meios pacíficos ou violentos, a autoridade de símbolos, indivíduos ou entidades políticas que pretensamente representam um território, os seus habitantes, a natureza, a herança cultural, etc.” (Ribeiro 2000: 95)

1.1.1 Cultura e identidade

Apesar de todos os autores convergirem na centralidade da cultura, nem sempre é possível encontrar uma definição do conceito que seja verdadeiramente operacional sem ser parcelar. Marconi(1987) destaca a importância da cultura realçando-a nos seguintes termos: “não há indivíduo humano desprovido de cultura, exceto o recém-nascido e o *homo ferus*, um porque ainda não sofreu o processo de endoculturação e o outro porque foi privado do convívio humano” (Marconi, 1987: 41). Hofstede oferece-nos uma abordagem construtiva ligada à programação da mente: “culture is the collective programming of the mind and distinguished the members of one group or category of people from another” (Hofstede, 2001: 10). O autor

considera a aplicação do conceito o termo cultura a quatro elementos principais: valores (crenças, atitudes e habilidades), rituais (maneiras de cumprimento, cerimónias sociais e religiosas, etc), heróis (pessoas livres ou mortas, reais ou imaginárias) e símbolos (palavras, gestos, fotos, objetos) e propõe o desenho de um diagrama em forma de cebola para representar a relação entre os quatro elementos considerados para manifestar a cultura aos níveis diferentes de profundidade. No diagrama, os valores ficam no núcleo de cebola, uma vez que, da perspectiva de Hofstede, os valores são invisíveis até se tornarem evidentes em comportamento. Ainda assim, muitos elementos utilizados para descrever manifestações visíveis de cultura são considerados exteriores, permanecendo em redor de núcleo (Hofstede, 2001: 27).

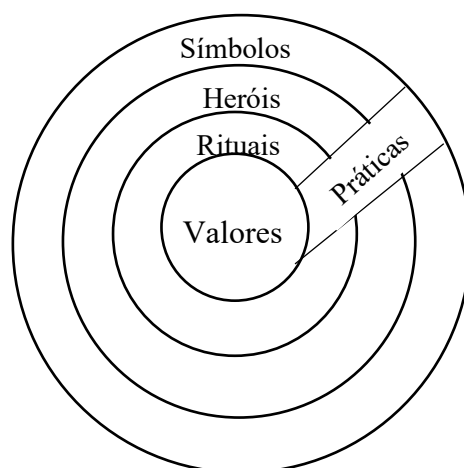


Figura 2: Diagrama em Cebola: diferentes níveis de profundidade das manifestações da cultura (adaptado de Hofstede, 2001: 34)

Não há, no entanto, consenso em torno de uma definição única do que seja cultura. A cultura é entendida, geralmente, como entidade dinâmica, não estática, em permanente mutação. Vale a pena considerar o modo como Damatta (1986) atribui a cultura à instância modificadora do homem:

“(…) a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa...Um mapa, um receituário, um código através do

qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmos. É justamente porque compartilham parcelas importantes deste código (o da cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas transforma-se num grupo onde podem viver juntos, sentindo-se parte da mesma totalidade.” (Damatta,1986: 123)

As identidades constroem as respostas da dúvida individual no que concerne a “a onde é que pertença?”. Baseadas em imagens mútuas, em estereótipos e emoções relacionadas com as camadas exteriores no diagrama em cebola que exclui os valores. (Hofstede, 2001: 33).

Mais incisivamente do que a noção de cultura, a de identidade implica a produção de discursos portadores de signos de identificação. Desta forma, a identidade está ligada à representação da cultura de um ou mais grupos humanos (Moreno, 2014: 8) A identidade cultural não é auto referencial como se pensava; ela é, pelo contrário, relacional, na medida em que nasce e se desenvolve na relação como o outro. As identidades culturais levam a marca, por excelência, do humano: a complexidade e o dinamismo. Tal como explicado, aqui, o conceito de identidade, este implica um princípio de dinamismo em que aquela nunca será entendida nem vivenciada como igual e permanente, mas sim contraditória, múltipla e mutável. (Santos, 2011: 145)

1.1.2 Identidade nacional e a crise de identidade

O termo “nação”, do latim *natio*, derivado de *nascor*, (eu) nasci. *Natio* refere-se, pois, a algo nascido, sendo para Cícero a personificação da deusa do nascimento. Apesar da longevidade do termo, Hobsbawn (1991), no entanto, sublinha a hodiernidade do mesmo:

A ‘nação’ pertence exclusivamente a um período particular e historicamente recente. Ela é uma entidade social apenas quando relacionada a uma certa forma de Estado territorial moderno, o “Estado-nação”; e não faz sentido discutir nação e nacionalidade fora desta relação. (Hobsbawn,1991: 9)²

Segundo Reis (2006), a nação não é apenas uma entidade política, mas um sistema de representação cultural. Um indivíduo não é apenas um cidadão legal, mas faz parte e pertence a uma cultura nacional. Neste sentido, uma nação é equivalente a uma comunidade simbólica. Em geral, as representações podem incluir um uniforme, a bandeira nacional ou mesmo um hábito de consumo de uma bebida, normalmente alcoólica (cf. Vodka, na Rússia, Whisky, na Escócia, Baijiu, na China). O autor destaca a fluidez dos critérios em presença e salienta algumas das “definições subjetivas”:

1. Considerar-se membro de um povo;
2. Ter a consciência de pertença a uma terra natal, a uma pátria, a um lugar de origem, a uma descendência, a uma alma comum, a um espírito nacional, ao gênio de um povo (Reis, 2006: 12).

D. Smith em *National Identity* (1991), aborda o conceito destacando os elementos que o compõem em termos essencialmente históricos (memória comum), espaciais (território), económicos (interesses comuns) e judiciais (direitos legais):

“a named human population sharing an historic territory, common myths and historical memories, a mass, public culture,

² E.J. Hobsbawn, acrescenta na sua argumentação: “I do not regard the ‘nation’ as a primary nor as an unchanging social entity. It belongs exclusively to a particular, and historically recent, period. It is a social entity only insofar as it relates to a certain kind of modern territorial state, the ‘nation-state’, and it is pointless to discuss nation and nation-ality except insofar as both relate to it.” Hobsbawn: 9-10.

a common economy and common legal rights and duties for all members.” (D. Smith,1991: 14)

A construção de uma nação exige que os indivíduos partilhem valores ancestrais, uma mesma cultura e que o património coletivo seja transmitido pela tradição ao longo dos séculos (Thiesse, 2017: 14). Fanon detalha, particularmente, o que entende por cultura nacional:

A national culture is not a folk-lore, nor an abstract populism that believes it can discover a people’s true nature. A national culture is the whole body of efforts made by a people in the sphere of thought to describe, justify and praise the action through which that people has created itself and keeps itself existence (Fanon, 1963: 188).

D. Smith, não acrescentando muito ao já debatido, aponta como características fundamentais de identidade nacional as seguintes:

1. an historic territory, or homeland;
2. common myths and historical memories;
3. a common, mass public culture;
4. common legal rights and duties for all members;
5. a common economy with territorial mobility for members.

(Smith. D. 1991: 14)

Resta perceber como é construída a identidade nacional.

Para Santos (2011: 150), em muitos casos, a construção da identidade está amalgada com a relação de poder. No processo de identificação-diferenciação, quem exerce o poder de representar, também exerce o poder de definir a apropriação dos bens simbólicos e materiais. No mesmo sentido vêm as observações de Chartier (1990) ao destacar a força impositiva dos agentes com poder:

“a construção das identidades sociais seria o resultado de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma.” (Chartier, 1990: 183)

Quanto nós definimos a identidade nacional, a relação entre tradição e a modernidade não pode ser ignorada e nem a primeira, nem a segunda pode ser abordada de forma isolada já que os valores de identidade nacional compartilhados são encarnados como símbolo de um passado, onde a tradição é corporificada. Nesta medida, a modernidade é vista como veículo de transformação e abertura (Souza, 2007: 357).

Ao longo da história, no século XIX, predominou uma “visão essencialista” da identidade nacional na medida em que esta era a principal fonte de identidade. Sem a sua identidade nacional, o indivíduo moderno experimentaria uma profunda perda subjetiva. Para a visão não essencialista, a “nação” tornou-se apenas num modo discursivo de classificação de grupos de seres humanos, embora um modo de classificação difícil de operar.

Esta dificuldade na operacionalidade, junta com alguns paradoxos no sentimento das populações leva a que se possa crer estar a identidade a atravessar uma crise. Atualmente, quase todo o mundo discute sobre “identidade” o que é sintomático, como aponta, justamente, Mercer (1990) – a identidade só se torna um problema quando está em crise, com efeito, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável e, na verdade não é, é fácil instalar-se a dúvida e a incerteza (Mercer, 1990: 4).

Todavia, na época de globalização, a crise de identidade é perceptível, especialmente na dimensão nacional. Em *O choque das civilizações* (1999), escrito por Samuel P. Huntington, o conceito de uma ordem mundial, é baseada no conflito entre as civilizações, originada pelas diferenças culturais. O mundo multipolar e multicivilizacional onde a cultura e as identidades culturais, mais amplamente, são as

identidades das civilizações, estão a configurar os padrões de coesão, desintegração e conflito no mundo pós-Guerra Fria. A globalização pode influenciar a perda da identidade nacional na medida em que, quando países mais ricos se instalam em países mais pobres, pode registar-se uma desvalorização da cultura nacional, a par da exploração da matéria-prima e da mão-de-obra barata. São exemplo deste fenómeno muitas comunidades de África e da América do Sul que abandonaram as línguas maternas para falar inglês ou outra língua da cultura dominante. Segundo Martins (2007: 1), numa época em que a globalização fazia desvanecer as fronteiras políticas e culturais, emergem por todo o lado as identidades, novas ou antigas, originais ou recriadas. Consequentemente, em todo o mundo se vêm replicando novas formas de violência e de discriminação já que esta diversidade parece ser percebida como uma ameaça às identidades, à unidade e coesão dos nossos países.

V. S. Naipaul em *A Turn in the south* (1989), exprime uma preocupação com a perda do passado (identidade histórica) e as implicações que esta pode ter para a identidade individual, designadamente num processo de mudanças em que o presente é incerto:

I always knew how in 1961, when I was travelling in the Caribbean for my first travel book, I remember my shock, my feeling of taint and spiritual annihilation, when I saw some of the Indians of Martinique, and began to understand that they had been swamped by Martinique, that I had no means of sharing the world view of these people whose history at some stage had been like mine, but who now, racially and in other ways, has become something other. (1989: 33).

Como Reis disse (2006: 14), a globalização desintegra as culturas nacionais ao ocidentalizá-las, pelo que elas estão a perder a sua privacidade e intimidade, os próprios códigos, linguagens e referências locais.

As crises globais da identidade relacionam-se com deslocamento das populações, uma vez que as sociedades modernas não têm qualquer núcleo ou centro determinado que produza identidades fixas; pelo contrário, a sociedade moderna produz uma pluralidade de centros (Silva, 2007: 29). Douglas Kellner (2006) ainda argumenta que a identidade continuando a ser um problema durante a modernidade, está longe de desaparecer da sociedade contemporânea, já que esta vai ser reconstruída e redefinida. Atualmente, a identidade torna-se um jogo com escolha livre. Quando alguém transfere racionalmente, por vontade própria, provavelmente vai perder o controlo dessa transferência.

1.1.3 A identidade brasileira

Desde o descobrimento do Brasil até agora, tem-se procurado construir uma imagem do Brasil que o represente e diferencie suficientemente dos restantes países do mundo. A montante desta construção, presidem duas questões quase irrespondíveis: os brasileiros, quem são eles? Como são eles?

Geralmente a primeira e superficial impressão que os estrangeiros têm sobre os brasileiros é de que eles são os alegres, tropicais, fanáticos por futebol e samba, entre outros aspetos. Mas como foram estas imagens construídas? Sem dúvida que a resposta à questão tem a ver com a identidade. Tal como Ribeiro (2001) aponta, “os modos de representar coletividades baseiam-se comumente em estereótipos, na redução das características e na diferenciação interna de um determinado agrupamento social complexo e, por definição, heterogêneo.” (Ribeiro, 2001: 2)

A identidade nacional está, pois, profundamente ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e à própria construção do Estado brasileiro: não será por acaso que “as principais agências internacionais apresentam o Brasil como uma nação assombrosa, oscilando entre paraíso tropical e inferno dantesco” (Burke, 2006).

A terra do Brasil já seria conhecida dos europeus antes da chegada da armada de Pedro Álvares Cabral vinda de Portugal: porém não existe outra data antecedente a 1500 DC na cronologia do Brasil, quando, porventura, se ensaiou uma primeira e entusiasmada descrição “O escrivão resumia as impressões iniciais do Brasil. A terra era de tal modo graciosa que daria tudo.” (Calmon, 2002: 26). Esta tentativa de surpreender a alma da terra, todavia, levou vários séculos a consolidar-se.

Segundo Ribeiro (2000: 10), nas salas do consulado do Brasil em Nova Iorque, na década de 80, abundavam cartazes de traseiros torneados e bronzeados tendo como pano de fundo as magníficas praias. Em Washington, na televisão (supostamente por todo o país), em meados da década de 90, eram habitualmente difundidas inúmeras imagens de mulheres quase despidas no carnaval do Rio de Janeiro. O Carnaval *Parade de São Francisco* da Califórnia, era um desfile multicultural e um ritual de afirmação de identidade étnica, onde as Escolas de Samba brasileiras atraíam e (ainda atraem) multidões que querem ver os corpos seminus a dançar com ritmos sensuais. A culminar todas estas constatações inequívocas, investigação profunda realizada por entre vários cientistas da linguagem, mostram que “diversões”, “libertinagem”, “carnaval” e “pecado” são imagens estereotipadas frequentemente relacionadas com o Brasil, seja nos média, no cinema ou na literatura. (Barizon, 2010: 47)

Além disso, a reprodução de postais ilustrados propicia um arsenal de topos que, complementando o acima afirmado, contribui para a representação do Brasil e dos brasileiros. Tais imagens, mesmo que sejam repetitivas e às vezes, derogatórias, funcionam como consolidação da identidade nacional brasileira. Carvalho (2015: 12) também afirma que vários estereótipos sobre a beleza da terra e a preguiça do povo foram formados com o auxílio da literatura de viagem, que mais não faz do que refletir o olhar eurocêntrico, principalmente do século XIX. Toda esta energia construtiva vinha a par das concepções iluministas de progresso que atribuem à ciência um papel fundamental na busca do desenvolvimento e, ao mesmo tempo de doutrinas e teorias raciais que legitimavam a supremacia da raça branca.

Necessário será ter em conta uma série de eventos essenciais para a formação do Estado-nação no Brasil e fonte primordial e poderosa de inserção do país no sistema mundial; a saber, o sistema da plantação da cana do açúcar, no Nordeste, os ciclos do ouro no século XVIII em Minas Gerais, e a expansão da agrícola cafeeira em São Paulo, no século XIX, em que as respectivas elites políticas e económicas, criaram sistemas regionais próprios. A par disto, ocorre toda a expansão, no século XIX e XX, de uma outra configuração no sul, com a grande migração e colonização de origem europeia. Como espécie de corolário triste deste amalgamar de experiências, temos a migração forçada em que o fluxo de população escrava, negra, de origem africana, de enormes proporções, teve impactos profundos na cultura e na futura divisão étnica do Estado-nação (Ribeiro, 2001: 4).

Porém, o reforço da democratização e afirmação dos direitos humanos na sociedade brasileira atinge fortemente muitas das instituições dos estados, restringidos pelos projetos nacionais, com a liquidação de diferenças culturais, em regra, de grupos subordinados. Neste contexto, as diferenças culturais dos povos indígenas, dos afro-descendentes e de outros povos portadores de identidades específicas foram sistematicamente negadas, classificados como inferiores e, inevitavelmente, assimilados pelo poder dominante (Oliveira; Freire, 2006: 10). Autores como Ortiz (1985:19) não deixam de afirmar que o quadro de interpretação social atribuía à raça branca uma posição de superioridade na construção da civilização brasileira.

Para Queiroz (1989: 38), os escravos negros e servidores indígenas foram sempre empregados por famílias brancas; as crianças brancas criadas e amamentadas por mães-pretas no contexto de um *modus faciendi* em que, não raro, os senhores brancos tinham amantes negras e mulatas, de cujas relações nasciam filhos misturados.

Na verdade, os negros livres e indígenas vivendo nas matas sempre existiram no Brasil; nas camadas inferiores, entre as populações urbanas e as zonas rurais,

peças de origem étnica variada foram-se misturando de tal modo que, o fim do século XVIII, a civilização brasileira já tinha adquirido certa estabilidade.

A dinâmica cultural implica um processo de desterritorialização e de reterritorialização. Analisada de uma perspectiva positiva, uma das riquezas da dinâmica cultural brasileira baseia-se na capacidade de assimilar o que vem de fora, reestruturá-lo e transformá-lo em algo diferente e novo (Oliven, 1989: 21). Com efeito, os brasileiros dedicaram-se a esta prática de uma maneira alegre e intuitiva desde o início da sua história, com refere Andrade (1978): “Antes de os portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade...A alegria é a prova dos nove” (Andrade, 1978: 18)

O Brasil, hoje, é uma sociedade com grandes desigualdades sociais e económicas que experimentou uma modernização conservadora, em que a tradição se mescla com a modernidade, a mudança relaciona-se com a continuidade, e o processo com a miséria. (Oliven, 1989: 39) Segundo Rodrigues (1939), os atrasos e os desequilíbrios da sociedade brasileira, conflitos sociais, provinham das misturas raciais, bases biológicas e culturais encontradas no país.

1.2 Linguística aplicada, investigação sobre a identidade e ensino de línguas

Antes de continuar, impõe-se uma breve reflexão sobre o escopo deste trabalho e os suportes teóricos que o sustentam. Como já foi afirmado, esta dissertação é em Linguística Aplicada; porém, convocando os estudos de outra natureza (cf. identidade, cultura brasileira) pode levantar-se a questão da sua verdadeira natureza.

A Linguística Aplicada pode ser encarada como um amplo campo de estudo interdisciplinar envolvendo soluções para um conjunto vasto de problemas envolvendo a linguagem e o seu uso. A ênfase na aplicação distingue-a do estudo da linguagem *per se*, ou seja, a linguística geral ou teórica. Na verdade, a disciplina é comumente atribuída ao estabelecimento de um instituto para o efeito criado, o

English Language Institute, na Universidade de Michigan em 1941 se bem que a cunhagem do termo seja associada ao *Language Learning*, 1948; *A Quarterly Journal of Applied Linguistics* (Berns & Matsuda, 2006: 19).

De acordo com Crystal (1985: 19), a Linguística Aplicada é um ramo da linguística em que a principal preocupação é a aplicação de teorias linguísticas, métodos e resultados na elucidação de problemas linguísticos que se originem de outras áreas e experiências. Na introdução do dicionário de Linguística Aplicada, Ricards et al (1985: VI), os autores argumentam que o termo “linguística aplicada” diz respeito ao estudo do ensino e aprendizagem de línguas, às aplicações do estudo da linguagem em qualquer área de cunho prático e, finalmente, às aplicações dos resultados da linguística teórica.

Na maior parte dos casos, os autores aceitam que o rótulo aplicado se refere ao ensino de línguas (Davies; Elder, 2004); mas, a Linguística Aplicada não se ocupa somente do ensino de línguas e não se configura como mero espaço de aplicação da Linguística Teórica. Sendo um campo inter/trans/disciplinar, a Linguística Aplicada focaliza-se, entre outros tantos temas, na discussão sobre a identidade, a linguagem e o trabalho, os géneros antropológicos, o uso das tecnologias, a comunicação intercultural, a problemática das línguas minoritárias, os géneros do discurso, a formação de professores etc. (Rodrigues et al, 2011: 37).

“‘Applied Linguistics’ is using what we know about language, how it is learned, and how it is used, in order to achieve some purpose or solve some problem in the real world.”
(Schmitt&Celce-Murcia, 2002: 1)

Grabe (2002) propõe para a Linguística Aplicada, uma dimensão restrita ao fenómeno do ensino, economia e política de língua, que por si só, abrange já um vasto leque de atividades de investigação:

“the focus of applied linguistics is on trying to resolve language-based problems that people encounter in the real world, whether they be learners, teachers, supervisors, academics, lawyers, service providers, those who need social services, test takers, policy developers, dictionary makers, translators, or a whole range of business clients.”(Grabe, 2002: 9)

Esta parece-nos ser uma visão até certo ponto restrita, na medida em que exclui a consideração de fatores essenciais como a investigação sobre os contextos. A visão de Daves (2004) parece-nos ser mais abrangente e consensual nos nossos dias:

“Linguistics is primarily concerned with language in itself and with language problems in so far as they provide evidence for better language description or for teaching a linguistic theory, applied linguistics is interested in language problems for what they reveal about the role of language in people’s daily lives and whether intervention is either possible or desirable. What this means is that applied linguistics is as much concerned with context as with language and will therefore be likely to draw on disciplines other than linguistics.”
Davies (2004: 11-12)

O debate sobre o âmbito disciplinar, em todo o caso, não exclui trabalhos como este do rótulo de Linguística Aplicada. Com efeito, procurando entender as dinâmicas principais da cultura brasileira, investigamos, sobretudo, o modo como os manuais dão conta dessa realidade. Na verdade, o próprio ensino das línguas, desde o surgimento de um documento fundamental como o Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECR), inspirado na investigação propiciada pelo Conselho da Europa, considera, de uma forma sistemática, o modo e o âmbito com que o conhecimento da sociedade da língua alvo deve ser apresentado a um aprendente novo.

1.3 Conhecimento da sociedade e da cultura no ensino das línguas

Com efeito, esse trabalho, dando corpo a um pensamento pedagógico que se nos afigura consensual nas suas linhas gerais, estabelece um conjunto de princípios orientadores que não autorizam a separação entre a língua, o seu ensino e a cultura. Desde logo, o entendimento de que a competência de aprendizagem mobiliza a competência existencial, o conhecimento declarativo e a competência de realização, e se apoia em competências de diferentes tipos que se realizam em domínios identificados e estabelecidos (domínio público, profissional e educativo):

“a competência de aprendizagem pode ser concebida como ‘saber como ou estar disposto a descobrir o outro’, quer o outro seja outra língua, outra cultura, outras pessoas quer sejam novas áreas do conhecimento” (QECR: 33)

A competência existencial é concebida em termos interativos convocando as capacidades de ouvir e entender “o outro” que é diverso culturalmente, relativamente ao próprio aprendiz. O conhecimento declarativo é delineado em termos, por exemplo, do conhecimento “de que relações morfosintáticas correspondem a variações de declinação em determinada língua, ou a consciência de que pode haver rituais especiais ou tabus associados a práticas alimentares ou sexuais nalgumas culturas, ou que podem ter mesmo conotações religiosas” (QECR: 33).

Por outro lado, a exigência de que um processo de aprendizagem implica o desenvolvimento de uma consciência intercultural que compreende a compreensão da relação com “o outro” e inclui a consciência da diversidade regional e social dos dois mundos em jogo – o do aprendiz e o da língua alvo. Para além do conhecimento objetivo, a consciência intercultural engloba uma consciência do modo como cada comunidade é entendida na perspetiva da outra, “muitas vezes na forma de

estereótipos nacionais” alerta o texto do Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas (QECR: 73) .

O conhecimento da sociedade e da cultura da(s) comunidade(s) onde a língua é falada é um dos aspetos do conhecimento do mundo, suficientemente importante para exigir uma atenção especial, uma vez que, ao contrário de muitos outros componentes do conhecimento, “parece provável que este conhecimento fique fora da experiência prévia do aprendente e seja distorcido por estereótipo, alerta, de novo, o texto do QECR (QECR: 148)

O conhecimento da sociedade e da cultura da língua alvo, em contextos de aprendizagem de uma língua estrangeira, de L2 ou de LE é, portanto, um dos aspetos didáticos centrais, de tal modo que o Quadro Europeu Comum de Referência o modeliza de forma explícita, concebendo divisões específicas na sua estruturação interna. Entre elas, destacamos as seguintes:

1. A vida quotidiana

comidas e bebidas; feriados; horários e hábitos de trabalho; atividades dos tempos livres (passatempos, desportos, hábitos de leitura, meios de comunicação social, etc.);

2. As condições de vida

nível de vida (variantes regionais, sociais e étnicas); condições de alojamento; cobertura da segurança social;

3. As relações interpessoais

estrutura social e relações entre classes; relações entre sexos (género, intimidade); relação entre gerações; estruturas e relações familiares; relações no trabalho; relações com as autoridades (polícia, CEF, etc); organismos públicos; relações entre comunidades e raças; relações entre grupos políticos e religiosos;

4. Os valores, as crenças e as atitudes

classe social; grupos socioprofissionais; riqueza; culturas regionais; segurança; instituições, tradição e mudança social; história; minorias; identidade nacional; países estrangeiros, estados, povos, política; artes; religião; humor;

5. A linguagem corporal

Gestos; expressão facial; postura; contato visual; contato corporal; proximidade;

6. As convenções sociais

Pontualidade; presentes; roupa; bebidas e refeições; convenções e tabus da conversação e do comportamento; duração da visita; modo de sair / despedir-se;

7. Os comportamentos rituais

práticas religiosas e ritos; nascimento, casamento, morte; comportamentos do auditório e do espectador em espetáculos públicos e cerimónias, celebrações, festivais, balé, discotecas, etc.(QECR, 2001: 148-150).

Como é possível depreender, o elenco de tópicos previstos é bastante exaustivo, logo exigente, do ponto de vista de quem demanda a nova língua.

O roteiro proposto pelo QECR ser-nos-á útil em momentos futuros desta dissertação.

1.4 Representação da identidade nos manuais

O texto do Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas mais não faz do que plasmar as ideias mais consensuais produzidas pela investigação em áreas como a dos estudos culturais, da etnologia, da sociolinguística, ideias estas que têm vindo a consolidar-se nos estudos mais recentes. Aquele documento tem como propósito, entre outros, o de fornecer linhas orientadoras aos autores dos manuais

didáticos para ensino das línguas, o que, tendo em consideração a data da sua primeira publicação (2001, tradução portuguesa) e os resultados obtidos na atenção à cultura, alguns evidenciados neste trabalho, não terá produzido o efeito desejado.

O manual é um instrumento fundamental no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira. Manual, do latim *manus* (que se pode manusear) é constituído por textos verbais e não verbais, podendo constituir um excelente transmissor da imagem das culturas e dos países. Do manuseamento destes textos por professores e alunos resultará uma imagem, apropriada ou não, da cultura e do país em questão, do Brasil, no caso vertente. Júdice (2011) destaca esta dinâmica nos seguintes termos:

As palavras da língua-alvo que se alinhavam e constituem textos oferecidos à leitura nos livros didáticos de língua estrangeira, ao tecerem cenários, personagens, situações e interações afiguram-se aos aprendizes como porções da realidade ligada aos contextos em que essa língua funciona. Cada autor, ao criar os seus próprios textos e ao seleccionar textos de outros autores para inclusão nas lições ou unidades de ensino que elabora, recorre a representações do objeto focalizado (no caso, da identidade articulada à língua e à cultura-alvo) que são compartilhadas por seu grupo social. (Júdice 2011: 3)

Aprender ou estudar uma língua estrangeira implica o conhecimento de uma nova cultura, como um diálogo simples numa unidade, pressupõe uma contextualização situacional e cultural. O autor também não deixa de afirmar que, ao apresentar, com alguma frequência, amostras equivocadas da língua em uso no Brasil, o manual pode distorcer a identidade que pretende representar nos determinados aspetos.

Leeman e Martínez (2007) relacionam a aprendizagem de uma língua estrangeira com a transmissão de visões ideológicas da sociedade que o livro-texto apresenta:

“os materiais e as práticas pedagógicas são multifacetados ideologicamente e ideologias-padrão sobre a linguagem coexistem e interagem com outros tipos de ideologia, como as ideologias referentes à identidade nacional, racial e étnica, assim como as ideologias sobre o sentido e o valor da diversidade e o papel da educação.” (Leeman e Martínez, 2007: 37)

Pinto (1999) refletindo sobre isto, exprime a ideia de que os LDs “induzem a representação do mundo e das pessoas através da disseminação de valores e modelos, constituindo, assim, agentes poderosíssimos no processo de socialização e de formação da identidade de crianças e jovens.” (Pinto, 1999: 390). Choppin, (2004) vai mais longe ao sublinhar o poder deformador e erróneo que o LD possui ao modelar as visões dos utentes “não é um simples espelho: ele modifica a realidade para educar as novas gerações, fornecendo uma imagem deformada, esquematizada, modelada” (Choppin, 2004: 57).

Com todas as disponibilidades tecnológicas disponíveis nos nossos dias, o manual continua a ter uma função mediadora incontestável.

Qual será, então, a contribuição do manual para a relação entre a identidade brasileira e a didática de PLE? Como são as identidades brasileiras interpretadas nas salas de aula dos cinco continentes, tendo em conta as propostas dos manuais disponíveis? Tais são as preocupações que orientam esta dissertação. A procura de respostas será realizada no quadro das reflexões que acima foram feitas.

Capítulo II – O contexto brasileiro de produção de manuais de ensino de PLE

Sendo esta dissertação sobre manuais de ensino de línguas publicados no Brasil, faz sentido fazer uma breve incursão ao que nesse país é investigado e publicado sobre os elementos principais do manual, bem como sobre as preocupações quanto ao uso de imagens e condições de publicação.

2.1 Manual de PLE e a experiência brasileira

Os manuais fazem parte da rotina das escolas, públicas, privadas e cursos livres, mediando o trabalho em aula e a distribuição de tarefas professor-aluno no trabalho educacional da LE (Tosatti, 2009: 3). Os manuais para ensino de línguas são constituídos a partir de uma combinação dos elementos textuais muito diferentes na sua duração, na sua forma e no seu papel; mas todos estão submetidos às regras de edição e, de certo modo, a longa tradição do livro escolar (Choppin, 1992).³ Porém, livro didático de PLE, no Brasil, não segue o mesmo caminho dos LDs utilizados pelas escolas de ensino regulares; a produção é mais independente, com poucos recursos e destina-se a um público-alvo específico. Ao invés dos conteúdos, métodos, sequência de tópicos selecionados pelo professor para atenderem especificamente às

³ Choppin(1992), no livro *Les manuels scolaires: histoire et actualité*, argumenta que “Le Manuel de langue est constitué d’un assemblage d’éléments textuels très disparates en ce qui a trait a leur longueur, leur forme et leur rôle. Mais chacun d’entre eux y a sa place répondant aux besoins bien précis des règles de l’édition et d’une longue tradition du livre scolaire.”

demandas dos alunos, as decisões dos autores do livro didático têm a responsabilidade de servirem para a generalidade dos públicos.

Terá o manual de ensino de línguas a relevância que, normalmente, lhe é atribuída? O'Neill (1990: 110) acha que o uso do manual desenvolve a interação necessária à aula de língua estrangeira, sendo o ponto de partida para um conhecimento que se completa posteriormente:

“A great deal of the most important work in a class may start with the textbook but end outside it, in improvisation and adaptation, in spontaneous interaction in the class, and development from that interaction”.

No Brasil, embora existam pesquisas sobre o tema, ainda são poucos os trabalhos que investem no estudo sobre os LDs em PLE.

É bastante semelhante a estruturação interna dos manuais de ensino de línguas publicados no Brasil, consistindo a divergência em aspectos de detalhe.

Periferia		Corpo central do manual	Periferia	
Título;	Prefácio;	Lição 1-	Sistematização	Referências
Nome dos	Introdução;	Lição2-	gramatical;	bibliográficas;
autores;	Advertência;	Lição3, etc.	Conjugações;	Página do
Coleção;	Tabela dos assuntos;	Ou	Glossário;	impressor;
		Unidade 1-	Sumário;	
		Unidade 2-		
		Unidade 3, etc		

Quadro 1- Arquitetura do manual de PLE

(Adaptado de Corinne Cordier-Gauthier, 2002: 25-36).

Assim a proposta de Cordier-Gauthier (2002: 25-36) quanto à estrutura básica de um manual, usando as noções de “Corpo central” e “Periferia”, não sendo exaustiva, cumpre a função de organizar os elementos dispersos para facilitar a análise. (Quadro 1)

Na verdade, sobretudo após o advento da abordagem comunicativa para o ensino das línguas, elementos aqui considerados de “periferia”, como “lição” ocorrem no Corpo Central; quando muito havendo lugar para anexos onde, aí, a gramática é apresentada, de uma forma geral, como consta em manuais de ensino da língua materna. A crescente inclusão de materiais de outra natureza (cf. CDs Rom e informação precisa sobre a ligação a páginas na internet) também constitui novidade não contida na proposta esquemática de Cordier-Gauthier, o que não invalida a sua funcionalidade.

A edição de manuais tem vindo a sofrer um incremento significativo, diretamente relacionado com o crescente aumento de interesse pela língua portuguesa:

“a grande concorrência do mercado editorial exerce influência na estética do manual, e isso pode ser observado no investimento na impressão a cores, em papel de qualidade e no uso de ilustrações, que passam a ser ferramentas pedagógicas, constituindo documentos de apoio. Às vezes, uma foto tem o poder de suscitar reflexão e explicitar mais rapidamente a representação que um grupo faz de si mesmo” (Carvalho, 2015: 26-27)

No que concerne à publicação de materiais didáticos de PLE no Brasil, a consolidação do mercado editorial de LDs é considerada recente. A primeira obra sobre o tema tem sido publicada nos anos 1940⁴ sendo a produção editorial nesta área insípida nas décadas seguintes. Nos anos 60, formou-se uma equipa binacional (americanos da *Modern Language Association of America* e investigadores brasileiros) que elaborou uma edição experimental do manual *Modern Portuguese* (Pacheco, 2006: 72). Segundo Lopes (2009: 23), nas décadas de 1960 e 1970, os outros manuais foram publicados em países diferentes. Ao mesmo tempo, por causa da escassez de publicações de LDs de PLE, algumas escolas de idiomas começam a produzir os seus

⁴ A língua portuguesa para estrangeiros, de Töpker.

próprios materiais. Desde a década de 1980, mais sistematicamente, na década de 1990, houve um significativo avanço da literatura na área de PLE, impulsionado pela institucionalização dessa área nas universidades brasileiras. Esses fatores promoveram as produções de materiais didáticos de PLE nacionais. Desde o início do presente século, as publicações aumentaram, adaptando-se, decisivamente, às necessidades do mercado. Lopes (2009) apresenta um gráfico ilustrativo do aumento da produção de LDs de PLE no Brasil:

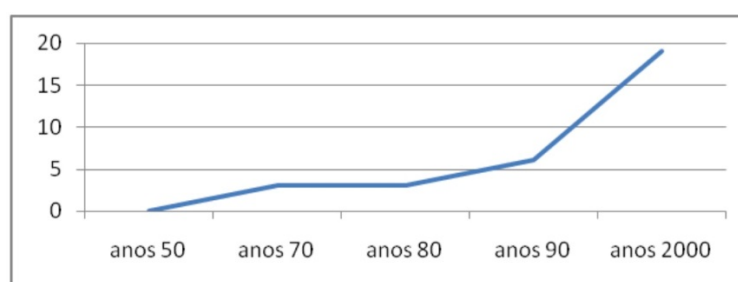


Figura 3 – O crescimento da produção dos manuais de PLE no Brasil.
(Lopes, 2009: 139)

No quadro, é possível visualizar o nível de crescimento da quantidade de publicações dos manuais de PLE no Brasil.

Como Carvalho (2015: 32) aponta, uma das preocupações dos autores e editores prende-se com a apresentação; ou seja, com a qualidade das imagens propostas, dado o efeito motivacional que desempenham e o tipo de informação que carregam.

Relativamente à função de imagem nos textos, Choppin (1992: 20) indica que quer os elementos visuais, quer os elementos textuais, transmitem um sistema de valores, uma ideologia e certa cultura de um povo, ou seja, as imagens transmitem conhecimentos socioculturais. Porém, Brown (2007: 172-173) adverte para o recurso ao estereótipo na medida em que, se pode facilitar uma imagem ao descrever um aspeto típico de uma determinada cultura, desconsidera as singularidades de cada personalidade. Sendo assim, o uso de imagens culturais tradicionais, os estereótipos,

são tidos como perniciosos num contexto de ensino de língua estrangeira. A qualidade da imagem, não preocupa os investigadores, tanto pela sua tecnicidade, como pelo efeito simplista e nefasto junto do aprendiz.

2.2 Análise Crítica do Discurso e Linguística Sistémica Funcional

Antes de referir aspetos metodológicos e práticas usadas nesta dissertação, vou fazer breves referências aos fundamentos teóricos que presidiram e sustentaram as escolhas metodológicas. Esta dissertação aplica métodos da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) como um referencial teórico-metodológico do ensino de PLE.

Na atualidade, à medida que o aprofundamento de globalização, as mudanças das sociedades são rápidas e contínuas, implicando que as novas tecnologias reconfigurem a nossa relação social; em consequência disso, o papel da linguagem adquire novos contornos pelo que deve ser reconsiderado.

A Linguística Crítica surgiu a partir da publicação de *Language and Control* (Fowler; Hodge; Kress; Trew, 1979) onde a atividade do analista era considerada como uma prática social organizada em para poder responder a questões de equidade social tal como explicou Norman Fairclough num artigo publicado no *Journal of Pragmatics*, em 1985, onde estabelecia os contornos da ACD.

Considerando a preocupação com a linguagem, a ACD tem o objetivo de promover uma complementação entre os aspetos sociais e as linguísticas para executar uma análise crítica das estruturas sociais. Na visão do Fairclough, “a practice not just of representing the world, but of signifying the world, constituting and constructing the world in meaning” (Fairclough, 1992 a: 64) Fairclough também referiu a discurso como uma prática social. O discurso implica as maneiras de ser e fazer também as maneiras de significado. “Discourses include much more than language.”(Gee, 1990: 142)

A discourse is a socially accepted association among ways of using language, of thinking, feeling, believing, valuing, and of acting that can be used to identify oneself as a member of a socially meaningful group or 'social network', or to signal (that one is playing) a socially meaningful 'role'. One can make various important points about Discourses, none of which, for some reasons, is very popular with Americans, though they seem to be commonplace in European social theory. (Gee, 1990: 143)

Nunca será demais salientar o papel deste autor, tendo em conta o seu enorme contributo para o desenvolvimento da ACD, mas outros autores permitiram precisar alguns conceitos igualmente essenciais, como o de discurso. Entre estes, (Pennycook 2001, Paltridge 2000) abordam o termo 'discurso' destacando duas categorias extensivas em uso:

1. Discourse as an abstract noun denoting language in use as a social practice with particular emphasis on larger units such as paragraphs, utterances, whole texts or genres.
2. Discourse as a *countable* noun (one that permits pluralization) denoting 'a practice not just of representing the world, but of signifying the world, constituting and constructing the world in meaning'.

A ACD também integrou com facilidade os estudos de Foucault, na medida em que este autor afirmou que a vontade de verdade se apoia sobre um suporte institucional que pode ser vista de modo geral como as relações de poder entre discursos “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discurso...uma espécie de pressão e como que um poder de coerção.” (Foucault, 1996: 18) Da perspectiva de Foucault, o poder não pertence meramente a qualquer indivíduo, país ou organização;

pelo contrário, espalha-se por toda a dimensão da prática social. Ao mesmo tempo, discurso e poder têm uma relação isomorfa e dialética. Dialética, porquanto, embora discurso e poder sejam diferentes na sua essência, não se reduzem um ao outro e partilham fronteiras bastante fluídas. Assim, o fator fundamental que influencia e controla discurso é o, com efeito, o poder. Fairclough (1989: 43) reflete sobre a relação entre os dois conceitos, defendendo que o estabelecimento do poder no discurso assenta em dois tipos de relações; uma é o poder *no* discurso, exercido a partir da textura da linguagem com recurso a palavras e textos específicos, outra, é o poder *atrás* do discurso, oriundo das “ordens de discurso”. Deste pensamento resultam os caracteres “constituído” e “constitutivo” da linguagem.

A ACD pode, pois, ser definida como uma disciplina que considera o modo como as relações de dominação, discriminação, poder e controlo se manifestam na linguagem. Distinta de outras propostas de análise discursiva, a ACD tem uma posição sociopolítica explícita que exprime os seus pontos de vista, princípios e alvos, o que passa por estabelecer os tópicos pretendidos e dar-lhes a relevância desejada, como Van Dijk sugere: “They monitor theory formation, analytical method and procedures of empirical research. They guide the choice of topics and relevancies” (Van Dijk: 1993: 252-253).

Secundando Van Dijk, Fairclough acrescenta uma ideia sobre a relação do discurso com a realidade “Discourse is in an active relation to reality, that language signifies reality in the sense of constructing meanings for it.” (Fairclough, 1992: 42)

O discurso assim entendido, como prática social, tem o poder de criar, reforçar ou desafiar identidades ou posições sociais pelo que não se pode mencionar os discursos de forma dissociada da sociedade.

A natureza do poder social e do domínio são cruciais para a compreensão de ACD. Para, a produção do discurso na sociedade está sujeita a um certo número de procedimentos para que seja eficaz:

“ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e os perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar a sua pesada, temível materialidade.” (Foucault 1996: 9)

Em *Language and Power* (1989) e *Critical Discourse Analysis* (1995), Fairclough aborda as três formas diferentes de análise que possibilitam a compreensão do papel social do discurso: análise de textos (falados ou escritos), análise de prática discursiva (consiste no processo total de produção, distribuição e consumo dos textos) e análise de prática social (os eventos discursivos como instâncias da prática sociocultural). O autor subordina estas possibilidades analíticas ao eixo de relações tridimensionais presentes no discurso – elementos herdados da tradição linguística sistêmico-funcional, como se pode ver no quadro abaixo:

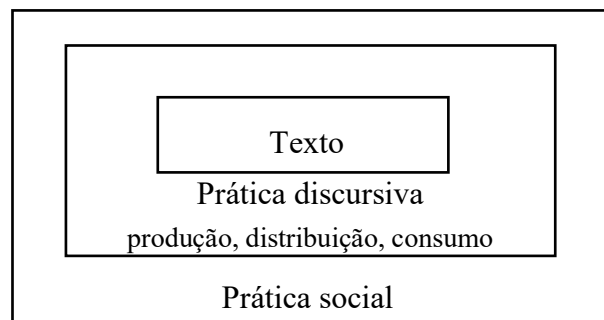


Figura 4- Conceção tridimensional do discurso
(adaptado de Fairclough, 1989: 25)

O texto, tal como representado no quadro acima, é produto do processo interpessoal ou da prática do discurso; ambas indispensáveis para análise do discurso. Este processo abrange a produção, distribuição e consumo do texto que todos são definidos pelas condições certas de prática social. Desta forma, Fairclough (1989: 26) propõe três dimensões instrumentais de análise discursiva que, respetivamente, são a descrição, a interpretação e a explicação. A descrição é a dimensão relacionada com atributo do texto; a interpretação prende-se com a relação entre texto e interação,

procurando significados de descrição; a explicação tem a ver com a relação entre a interação e o contexto social, é a implicação do significado na prática social. Este constitui o roteiro para a análise do modo como os discursos influenciam o conhecimento, as atitudes e as ideologias partilhadas na sociedade.

2.2.1 A dimensão de texto fundada na visão sistémico-funcional e na ACD

Segundo Fairclough, o texto é o produto no processo de produção de texto. O discurso refere-se ao processo inteiro de interação social de que o texto só é uma parte. Para distinguir “texto” e “discurso”, Hodge e Kress(1988: 6) define texto como “a structure of messages or message traces which has a socially ascribed unity” e discurso como “the social process in which texts are embedded”. Inspirado pelo Fairclough, Resende (2006: 61) somou que a análise discursiva “é um nível intermediário entre o texto em si e o seu contexto social – eventos, práticas, estruturas.” Análise textual baseia-se em duas categorias: análise linguística e análise intertextual.

2.2.1.1 A Teoria de Linguística Sistémica Funcional

Segundo Resende (2006: 56), a Análise Crítica do Discurso baseia-se no paradigma funcionalista dos estudos linguísticos mas a teoria é orientada pela Linguística Sistémica Funcional (doravante LSF) de Halliday. Na visão sistémico-funcional, coloca língua entre uma língua é considerada como um sistema semigenético, ou seja, um sistema capaz de criar significado. (Halliday, 2009: 60) Segundo Halliday (2009) “SFL locates language, in its turn, as one among a wider class of systems called semiotic systems – systems of meaning. The opposition here is that between semiotic and material: systems of meaning and systems of matter.” Refere-se a língua como um sistema semiótica, o termo “sistema” aqui é a

estenografia de sistema-&-processo. Além disso, Halliday estabelece cinco princípios que guiam as dimensões de organização que definem o sistema: a realização, a organização metafuncional, a organização paradigmática dos sistemas, a organização sintagmática das estruturas e a instanciação. (Halliday, 2009: 62)

A LSF considera a linguagem como multifuncional que se realiza significados ideacionais, interpessoais e textuais. A metafunção *ideacional* designa-se a representação da experiência, a reflexão da realidade; a metafunção *interpessoal* está ligada às perspectivas de sua função durante a interação social; a metafunção *textual* tem relação com os aspetos semânticos, gramaticais, estruturais analisados no texto. Quando analisamos os textos, temos que abordar cada um desses três significados porque são inter-relacionados.

As funções da linguagem têm três tipos de processos que se desenvolvem simultaneamente na linguagem: a construção da realidade; a representação e a negociação de relações sociais e identidades; a construção do texto.

No âmbito da análise linguística, a ACD fundamenta-se na LSF. Porém, considerando no potencial do diálogo, as duas disciplinas ainda se relacionam limitados. Portanto, Fairclough amplia o diálogo teórico entre ACD e a LSF em *Analysing Discourse*, que sugere uma articulação entre as metafunções de Halliday e os conceitos de género, discurso, estilo, no lugar das funções da linguagem, propondo três principais tipos de significado: o significado acional, ligado à formação dos géneros discursivos; o significado representacional, associado à configuração de modos que se representa a realidade e o significado identificacional, relativo à construção semiótica de caracteres identitários. Nisto, está imbricada a compreensão de que os discursos constroem e representam as relações sociais e as identidades. Desta forma, são ação, representação e identificação. (Fairclough, 2003). De acordo com Resende (2011: 51), isto liga-se com três eixos da obra de Foucault analisado por Silveira (2005: 41) que é *o eixo do poder, o eixo do saber ou verdade e o eixo do*

sujeito. Comparado com Linguística Sistêmica Funcional, nas linhas de Fairclough (2007: 27):

“representation corresponds to Halliday’s ‘ideational’ function; Action is closer to his ‘interpersonal’ function, though it puts more emphasis on text as a way of (inter)acting in social events, and it can be seen as incorporating Relation (enacting social relations); Halliday dose not differentiate a separate function to do with identification-most of what I include in Identification is in his ‘interpersonal’ function. I do not distinguish a separate ‘textual’ function, rather I incorporate it within Action.”

Resende (2006: 61) fez uma ilustração que apresenta a evolução dessa perspectiva de multifunção da linguagem:

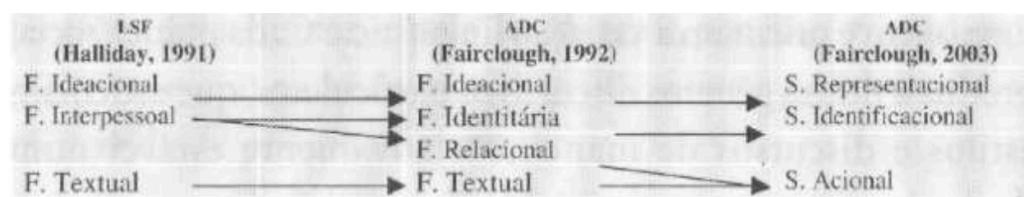


Figura 5- Recontextualização da LSF na ACD (Resende, 2006: 61)

2.2.1.2 Análise textual

De acordo com Fairclough (2001: 75), a análise textual pode ser organizada dentro de quatro itens principais: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.

O vocabulário principalmente trata das palavras individuais, a gramática soluciona as palavras combinadas dentro de orações e frases, a coesão é responsável pela ligação entre orações e frases, a estrutura textual agencia as características organizadas do texto em grande escala.

Itens de análise	Tipo	Alvo
	Significado de palavras	Enfatizar as palavras-chave que apresentam significado cultural, as palavras com significado variável e mutável, o significado potencial de uma palavra, e como elas

Vocabulário		funcionam como um modo de hegemonia e um foco de luta (Fairclough, 2001:236)
	Construção de palavras	Contrastar as formas de lexicalização dos sentidos com as formas de lexicalização desses mesmos sentidos em outros tipos de textos e verificar a perspectiva interpretativa por trás dessa lexicalização
	Metáfora	Caracterizar as metáforas utilizadas em contraste com metáforas usadas para sentidos semelhantes em outro lugar, verificar que fatores (cultural, ideológico, histórico, etc) determinam a escolha dessa metáfora. Verificar também o efeito das metáforas sobre o pensamento e a prática
Gramática	Geral	Trabalhar com a transitividade (função ideacional da linguagem), tema (função textual da linguagem) e modalidade (função interpessoal da linguagem)
	Transitividade	Verificar se os tipos de processo (ação, evento...) e participantes estão favorecidos no texto, quais escolhas de voz são feitas (ativa ou passiva) e quão significativa é a nominalização dos processos (Fairclough, 2001: 235)
	Tema	Observar se há um padrão discernível na estrutura temática do texto para as escolhas de tema das orações (Fairclough, 2001: 236)
	Modalidade	Determinar padrões no texto com grau de afinidade expressa com proposições através de modalidade.
Coesão	Geral	Mostrar como as orações e frases são conectadas juntamente no texto. Esta informação tem relação com o 'modo retórico' do texto.
	Geral	Descrever as características organizacionais

Estrutura textual/ Controlo interacional		gerais, o funcionamento e o controlo das interações
	Polidez	Determinar quais estratégias de polidez são mais usadas no exemplo, se há diferenças entre os participantes e quais feições são sugeridas sobre relações sociais entre os participantes.
	Ethos	Juntar as características que contribuem para a construção de 'eu' ou identidades sociais.

Quadro 2 - Análise do texto

(adaptado de Fairclough, 1989: 234, 235,236)

Na perspetiva da análise de textos, Jäger (2001: 24 -32) também nos ajuda a perceber a estrutura do discurso:

- Linhas discursivas (analogamente ao conceito de géneros de Fairclough);
- Fragmentos discursivos (textos);
- Enredamentos discursivos (intertextualidade);
- Eventos discursivos e contextos;
- Planos discursivos (lugares sociais onde se dá a enunciação);
- Posição discursiva (lugar ideológico específico de uma pessoa ou meio);
- A relação entre um determinado discurso e os demais discursos na sociedade;
- História, presente e futuro do discurso (temporalidade na intertextualidade)
- Os géneros textuais

2.2.1.3 Análise discursiva

Como já se indica em cima, a análise discursiva possui três processos que são a produção, a distribuição e o consumo do texto. Fairclough aqui também adicionou a condição da prática discursiva como os aspetos sociais e institucionais. A natureza

desses processos varia-se entre diferentes tipos de discurso de acordo com os fatores sociais. As representações de cada um processo mostram no seguinte quadro:

Práticas discursivas	Tipo	Alvo
Produção do Texto	Interdiscursividade	Especificar quais tipos discursivos são utilizados na amostra discursiva sob análise e como são utilizados.
	Intertextualidade manifesta (Fairclough, 2001: 232)	Especificar o que os outros textos são delineados na construção do texto da amostra e como isso acontece.
Distribuição do Texto	Cadeias intertextuais	Especificar a distribuição de uma amostra discursiva descreve através das séries de textos nas quais ou das quais são transformadas.
Consumo do Texto	Coerência	Verificar as implicações interpretativas das características intertextuais e interdiscursivas da amostra do discurso. Isto é, investigar como os textos são interpretados atualmente.
Condições da prática discursiva	Geral	Especificar o que e como os outros textos são delineados em constituição da análise textual.

Quadro 3 - Análise da prática discursiva

(adaptado de Fairclough, 1989: 232)

2.2.1.4 Análise social

Discurso como Prática Social: ideologia e hegemonia

A prática social tem várias orientações – económica, política, cultural e ideológica. A análise de um texto como prática social procura explicitar como o texto internaliza os aspetos sociais relacionados às formações ideológicas, culturais e às lutas contra hegemonia. Coloca o texto no seu contexto social, pretendendo explicar as relações com que estabelece nos aspetos sociais, políticos, culturais e históricos.

O objetivo geral de prática social é especificar a natureza da prática social da qual a prática discursiva faz parte, é a base explicar a razão de como é a prática discursiva e os efeitos da prática discursiva sobre a prática social. (Fairclough, 2001: 237)

O quadro a seguir trata-se de sugestão do Fairclough:

Itens de análise	Objetivos
Matriz social do discurso	Explicitar as relações sociais e hegemônicas e estruturas que constituem a matriz desta instância particular da prática social e discursiva, como esta instância (Fairclough, 2001: 237)
Ordens do discurso	Especificar o relacionamento da instância de prática social e discursiva com as ordens de discurso e os efeitos de reprodução e transformação das ordens de discurso para as quais colaborou.
Efeitos ideológicos e políticos do discurso	Focalizar os seguintes efeitos particulares ideológicos e hegemônicos: sistemas de conhecimento e crença; relações sociais; identidades sociais(eu) (Fairclough, 2001: 238)

Quadro 4 - Análise da prática social

(adaptado de Fairclough, 1989: 237, 238)

O discurso como prática social, mais especificamente, tem relação com ideologia e poder, Fairclough (2001: 86) situa-o de uma concepção de poder como hegemonia e de uma concepção da evolução das relações de poder como luta hegemônica.

A ideologia é composta por maneiras de ver o mundo. O autor mais representante é de Althusser. Na base teórica dele, a ideologia tem uma existência material em práticas de instituição como o ensino nas aulas. Althusser também reparou que a ideologia tem uma função crucial de hierarquização social que quase é imutável para o indivíduo. No entanto, alguns membros de grupos ou organizações dominantes assumem um papel no planejamento, na tomada de decisões e no controle do poder. Nas palavras de Fairclough (2001: 89), “is an accumulated and naturalized

orientation which is built into norms and conventions, as well as an ongoing work to naturalize and denaturalize such orientations in discursive events”.

A origem do conceito de hegemonia é de Lenin mas a mais importante trata-se dos estudos de Gramsci no que diz respeito a capitalismo ocidental e estratégia revolucionária na parte oeste da Europa. (Fairclough,1995: 75) Hegemonia tem liderança e dominação, ultrapassando os setores económico, político, cultural e ideológico. De acordo com Van Dijk (1993: 257), esse controle de discurso não só uma forma de controle de ação social, mas também implica as condições de controle sob os pensamentos de outras pessoas, ou seja, o controle de representações sociais. Mais controle sob mais propriedades de texto e contexto, envolve mais pessoas e mais influenciado, por tanto, isto é hegemonia.

2.3 Géneros textuais

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), as atividades de linguagem têm a função de apoio com o objetivo de o indivíduo compreender como ocorre a construção interna dos conhecimentos, isto é, o que é necessário para o indivíduo produzir e compreender a linguagem. Segundo Ueti (2012: 15) “o objeto de estudo de um livro didático deve ser o texto”, porque “esse texto está inserido na esfera da atividade humana e como ele faz a ligação entre essas esferas e a linguagem...”, “que o aprendiz poderá conceber o seu conhecimento cultural de determinada sociedade.”

Bakhtin (1992: 279) aponta que o uso da língua se realiza em forma de enunciados, e que cada uso da língua elabora os seus tipos estáveis de enunciados, aqui chamamos *géneros do discurso*. Estes dividem-se em dois tipos: um é primário (orais, mais simples), o outro é secundário (escritos, mais complexos). Os géneros também constituem “o aspeto especificamente discursivo de maneiras de ação e interação no decorrer de eventos sociais” (Fairclough, 2003). Para fins didáticos mais efetivos de ensino/aprendizagem de PLE, é necessário utilizar mais diversos géneros

discursivos, assim podemos organizar as estruturas e componentes linguísticos. Fairclough distingue os pré-gêneros dos gêneros situados. Segundo a definição de Swales (1990: 58), os pré-gêneros são categorias abstratas que se integram na composição de diversos gêneros situados. “Narrativa, argumentação, descrição e conversação são pré-gêneros no sentido de que são ‘potenciais’ abstratos que podem ser alçados na composição de diversos tipos de texto.” (Resende, 2006: 63). Quanto a gêneros situados, “são categorias concretas, utilizadas para definir gêneros que são específicos de uma rede de prática particular.” (Resende, 2006: 63) Na perspectiva de agrupamentos de gêneros, Dolz e Schneuwly (2004) dividiram os seguintes diferentes gêneros:

Domínios sociais de comunicação	Capacidade de linguagem dominantes	Exemplos de gêneros orais e escritos
Cultura literária ficcional	NARRAR Mimeses da ação através da criação de intriga	Conto maravilhoso Fábula Lenda Narrativa de aventura Narrativa de ficção científica Narrativa de enigma Novela fantástica Conto parodiado
Documentação e memorização de ações humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	Relato de experiência vivida Relato de viagem Testemunho Curriculum Vitae Notícia Reportagem Crónica desportiva Ensaio biográfico
Discussão de problemas sociais controversos	ARGUMENTAR Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição.	Texto de opinião Diálogo argumentativo Carta do leitor Carta de reclamação Deliberação informal

		Debate regrado Discurso de defesa (adv.) Discurso de acusação (adv.)
Transmissão e construção de saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	Seminário Conferência Artigo ou verbete de enciclopédia Entrevista de especialista Tomada de notas Resumo de textos expositivos ou explicativos Relatório científico Relato de experiência científica
Instruções e prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	Instruções de montagem Receita Regulamento Regras de jogo Instruções de uso Comandos diversos Textos prescritivos

Quadro 5: Domínios sociais de comunicação e capacidade de linguagem (Dolz e Schneuwly, 2004: 121)

Segundo Fairclough (2003a), os padrões dos gêneros não são rígidos ou imutáveis mas são variáveis e criativos, situando-se em eventos discursivos concretos. Quando analisamos um texto do ponto de vista do gênero, o objetivo principal é observar como o texto figura na ação social e como contribui para ela em eventos sociais concretos em compreensão de Resende (2006: 62).

Um aspeto importante para a classificação dos textos é a sua integridade que se prende, tratando-se de textos em manuais de ensino de línguas, com a autenticidade dos textos - um texto autêntico é um texto original, não alterado ou não fabricado para fins didáticos. A recomendação de utilização dos textos autênticos ou semi-autênticos é crucial porque eles desempenham um papel de desencadeador de situações

autênticas, desde que esse texto tenha sido selecionado e adaptado segundo os interesses e necessidades dos aprendentes.

Puren *et alli* (1988) apresentam uma categorização pensada para a análise da abordagem do componente cultural:

Documentos fabricados:

1. Documentos fabricados para o ensino-aprendizagem da cultura pelos autores
2. Outros tipos:
 - Diálogos que retratam situações do quotidiano
 - Apresentações de temas culturais

Documentos autênticos:

1. De todo o tipo
2. Tipos específicos de documentos:
 - Textos de alunos estrangeiros sobre a cultura-alvo
 - Textos literários
 - Documentos artísticos (escritos, sonoros, visuais, audiovisuais)
 - Textos jornalísticos (históricos, sociológicos, geográficos...)
 - Documentos antropológicos (cartas, bilhetes, prospectos, avisos, receitas...)
 - Outros

Como se pode observar, cruzam-se considerações da ordem da autenticidade com as de tipologia. Por nós, e para os fins desta dissertação, usamos a classificação genológica proposta pela Escola de Sydney (Martin & Rose (2008), Christie & Derewianka (2008), Christie (2012)). O conceito, no interior desta escola, parte da assunção de que as escolhas linguísticas dos falantes resultam do propósito com que os textos são produzidos, como sintetizou Schleppegrell alguns anos mais tarde:

“Texts produced for different purposes in different contexts have different features, because different lexical and grammatical options are related to the functional purposes

that are foregrounded by speakers/writers in responding to the demands of various tasks”. (Schleppegrell, 2004: 18)

O conceito abraça um contexto mais lato; uma relação entre o sistema linguístico e o contexto (Registo) e o propósito social e comunicativo. No quadro da LSF, o Género resulta, portanto, da associação de um Registo a um dado fim social e/ou cultural e prende-se com a estruturação interna (Etapas e Fases) que os unificam. Assim, em síntese, um Género é definível pelo propósito sócio-comunicativo (instruir, classificar, descrever, discutir, avaliar, etc.) e pela sua estruturação interna. A teorização desenvolveu-se em torno de vários projectos, entre os quais o Projeto R2L (Reading to Learn) em que se inclui a experiência do programa TeL4ELE na qual participaram investigadores portugueses, onde foi estabelecida e adaptada a rede de géneros escolares que suporta esta dissertação.

O Livro Didático é um género discursivo que abrange os outros géneros e onde, na maioria das vezes, muitos textos são adaptados ou reescritos para a função que é tida como conveniente na situação, cujo objetivo poderá ser ensinar vocabulário, gramática ou cultura. Neste caso, será muito difícil identificar os géneros discursivos dos textos porque perdem as suas características discursivas mais genuínas.

Capítulo III- Constituição e apresentação do *Corpus*

Neste capítulo procederemos à apresentação do corpus e à análise de elementos quantitativos desse mesmo corpus.

O corpus que foi objeto de análise no presente trabalho é composto por 14 manuais de PLE disponíveis no mercado brasileiro, tomados como representativos no universo em questão, publicados de 1989 até os dias de hoje pelas principais editoras dedicadas a este tipo de produto. No que concerne o nível de proficiência, foram considerados os projetos que se destinam aos níveis básico e intermédio. De facto, como os manuais não referem convenientemente o âmbito do seu projeto, nem sempre é fácil determinar o nível em causa, no entanto, podemos com segurança, adotando o sistema de nivelamento estabelecido pelo QECR, afirmar que *grosso modo* se situam entre o A1 e o B2. Quanto ao público-alvo, podemos classificá-los de generalistas já que se destinam a aprendentes jovens e adultos de qualquer nacionalidade, sem que se encontra outra especificidade significativa.

No quadro de publicação de um manual de ensino de línguas, é comum estarem associados outros diferentes tipos de materiais, tais como o livro de exercícios, CDs, os materiais informáticos, o manual do professor, um guia pedagógico, entre outros. Optámos por restringir a nossa análise ao livro do aluno com o qual o aprendente contata e a partir do qual forma a sua visão do Brasil.

A análise quantitativa subjacente à apresentação do *corpus* lida com o tratamento numérico dos dados para reforçar os critérios de escolha dos tópicos analisados. Como complemento, seleccionamos algumas amostras que consideramos mais representativas a serem comentadas e comparadas no processo de análise

qualitativa.

Os dados analisados têm em conta questões abertas e fechadas, observando as características gerais dos manuais e as específicas a partir das seguintes categorias:

- ✧ Símbolos do Brasil
- ✧ Raças e etnias
- ✧ Identidades regionais
- ✧ Género nos manuais (no âmbito de trabalhos e relações familiares)

A forma escolhida de apresentação, destacando os elementos quantitativos, qualitativos, tem como objetivo sustentar e até antecipar algumas dinâmicas que serão mais esclarecidas na análise qualitativa (próximo capítulo).

3. Apresentação do *Corpus*

De algum tempo para cá, o mercado editorial tem publicado muitos materiais didáticos para o público estrangeiro que se destina à aprendizagem de português como língua não materna. Seguimos a proposta de Barizon (2010: 50), apresentando, em primeiro lugar, as referências dos respetivos autores, a editora e data de publicação, o local de publicação e os materiais complementares. Trata-se dos 14 projetos com a seguinte designação, cuja referência total se encontra em anexo (Anexo A):

- **Novo Avenida Brasil:** Curso básico de Português para estrangeiros

(Doravante AB)

- **Bem-Vindo!**

(Doravante BV)

- **Diálogo Brasil:** Curso Intensivo de Português para Estrangeiros

(Doravante DB)

- **Estação Brasil:** Português para Estrangeiros
(Doravante EB)
- **Fala Brasil:** Português para Estrangeiros
(Doravante FB)
- **Falar... Ler... Escrever...** Um curso para estrangeiros
(Doravante FLE)
- **Muito Prazer:** Fale o Português do Brasil
(Doravante MP)
- **Panorama Brasil:** Português para Estrangeiros
(Doravante PB)
- **Português para estrangeiros I:** Curso básico, material para as aulas.
Português para estrangeiros II: Curso intermediário, material para as aulas
(Doravante PC)
- **Pode Encontrar:** Português do Brasil para Refugiadas e Refugiados
(Doravante PE)
- **Português via Brasil:** Um Curso Avançado Para Estrangeiros
(Doravante PV)
- **Tudo Bem?** Português para Nova Geração
(Doravante TB)
- **Terra Brasil:** curso de língua e cultura
- **Viva!** Língua Portuguesa Para Estrangeiros

Destes 14 manuais, apresentados por ordem alfabética, *Terra Brasil - curso de língua e cultura* e *Viva!- Língua Portuguesa Para Estrangeiro* na internet, não foi possível aceder a nenhuma versão digital completa, pelo que optamos por analisar, apenas, os restantes 12 manuais. Haverá a possibilidade de mais alguma publicação ter surgido no mercado editorial; porém, estamos convencidos de que a amostra é representativa.

Hoje, no Brasil, há uma grande produção com foco geral para os jovens e adultos mas não suficiente para atender a uma procura que se apresenta cada vez mais específica, pelo que dois manuais são destinados a fins específicos (PB e PE); três são para o aprendente de nível avançado (PV; EB). Um manual destina-se adolescentes a partir de 11 anos (TB). Os restantes manuais são pensados para o público de jovens adultos e adultos, desde o nível inicial até o pós-intermediário. Quatro dos projetos são da mesma editora, EPU (AB, DB, FLE, PV), dois são da editora SBS (BV, TB).

Todos os manuais estão estruturados de forma idêntica em unidades ou lições, que num dos casos, recebeu a designação de “plataforma”. A quantidade de unidades por manual varia entre as 5 e as 20. Alguns manuais incluem, ainda, seções independentes de natureza cultural (BV, TB e PB).

O seguinte quadro apresenta o objetivo geral de cada manual tal como foi indicado pelos seus autores:

Manual	Objetivo
AB	Capacitar o aluno a compreender e falar; para os aprendentes poderem comunicar-se com os brasileiros e participar de sua vida quotidiana.
BV	Levar os aprendentes a conhecer as expressões coloquiais, mais usados dialetos regionais e muito vocabulário útil a situações diversas
DB	Propiciar o conhecimento de comportamentos sociais e culturais brasileiros, facilitando, dessa maneira, através do aprendizado da língua, uma adaptação profissional mais rápida e segura no país.
EB	Não apenas visam à compreensão e produção oral e escrita do aluno, mas à problematização e ao respeito às diferenças interculturais.
FB	(não explicita)
FLE	Proporcionar a um público estrangeiro um método ativo, situacional para a aprendizagem da língua portuguesa, visando à compreensão e expressão oral e escrita em nível de linguagem coloquial correta.
MP	Capacitar o aluno, de qualquer nacionalidade, a aprender o Português falado no Brasil e a comunicar-se com precisão e fluência
PB	Abordar temas que fazem parte da realidade brasileira, de seu dia-a-dia e, muito em particular, do modo como o povo brasileiro lida com os Negócios.
PC	(não explicita)

PE	Auxiliar os refugiados a darem os primeiros passos linguísticos para sua integração ao país.
PV	Levar o aluno pré-avançado a um alto nível de proficiência linguística, dando-lhe, ao mesmo tempo, visão ampla da cultura brasileira, através de textos que enfocam paisagens e usos e costumes regionais.
TB	Enfatizar a linguagem coloquial, com as necessárias referências à gramática normativa.

Quadro 6: Objetivos gerais dos manuais presentes no Corpus, de acordo com a indicação dos seus autores

Como se pode observar, trata-se de uma definição bastante genérica e pouco elucidativa.

Vários são os manuais que mencionam a importância da comunicação e do ensino da gramática; todavia, somente três se referem à perspectiva cultural e intercultural (DB, EB, PV). Vale a pena ressaltar que em muitos manuais a explicitação dos objetivos de cada unidade pura e simplesmente não é feita, à exceção de PE, que coloca as propostas de complementação pedagógica de cada unidade, com explicações concretas, no final do manual. AB apresenta uns objetivos sucintos de cada lição, no sumário. Em relação à organização dos textos, muitos apenas se concentram no ensino da língua com exclusão da contextualização do vocabulário, e, em regra, não apresentam nenhum contexto discursivo.

3.1 Especificação dos elementos e propósitos de análise

O *Corpus* de análise é constituído por identidades contidas nas imagens, tais como fotografias, desenhos, quadrinhos ou ilustrações, por textos verbais, com ou sem diálogos. Excluem-se da análise as partes textuais correspondentes aos exercícios e gramática. Quanto à seleção dos textos, naturalmente, serão todos os relacionados com a identidade brasileira, tenham uma referência direta e significativa ou apenas, indireta ou pontual. O critério optado é aplicado entre todos os manuais.

Temos como propósito verificar se os conceitos de género⁵, raça e etnia nos manuais são objetivos, a fim de desconstruir os estereótipos atribuídos historicamente a certos grupos sociais. Em resumo, e para o efeito, tivemos em consideração três critérios: representatividade, exaustividade e pertinência. Lembra-se que minha intenção primordial, neste trabalho é procurar as respostas para as seguintes questões:

1. Quais os aspetos da identidade brasileira são revelados nos textos dos manuais? (análise quantitativa e qualitativa)
2. Até que ponto o manual reflete a variedade social do Brasil, incluindo os aspetos negativos ou problemáticos?
3. Há estereótipos ou discriminações de género e raça na representação do povo e do seu território?
4. Quem são, o que fazem e como são os brasileiros que os aprendentes estrangeiros vão conhecer por meio do livro didático?⁶

3.2 Outros elementos de natureza quantitativa

Esta secção começa com os dados analisados que representam os aspetos ligados às identidades brasileiras, organizada em torno dos seguintes quatro domínios considerados:

-símbolos brasileiros,

-raças e etnias,

-identidades regionais,

-géneros no mercado de trabalho e nas relações familiares

⁵ A categoria “género”, aqui, prende-se com masculino e feminino

⁶ A proposta é levantada pelo Carvalho, Orlene (2008: 7) em *Aspetos da identidade brasileira em livros didáticos de português para estrangeiros: um estudo lexical*.

A seguir, apresentamos a tabela com a percentagem de ocorrências (textos) relativamente aos aspetos abordados nos manuais de PLE.

	Símbolos brasileiros	Raças &etnias	Identities regionais	Trabalhos& profissões	Relações familiares
AB ⁷	9.09%	1.14%	3.41%	4.55%	2.27%
BV	6.98%	1.55%	2.33%	2.33%	1.55%
DB	33.33%	0%	3.33%	16.67%	3.33%
EB	6.45%	0%	0%	3.23%	0%
FB	0%	0%	9.76%	3.23%	3.23%
FLP	11.11%	3.17%	6.35%	0%	0%
MP	8%	2%	0%	7%	3%
PB	13.04%	1.74%	0%	20%	0%
PC ⁸	10.52%	0%	5.26%	0%	5.26%
PE	8.82%	0%	0%	5.88%	2.94%
PV	16.33%	2.04%	6.12%	4.08%	0%
TB ⁹	14.42%	2.88%	6.73%	0.96%	0%

Quadro 7: Percentagem relativa das categorias abordadas nos manuais de PLE

3.2.1 Referências aos símbolos brasileiros

Para a análise deste campo, escolhemos os aspetos mais representativos e típicos nos manuais, divididos em seis subdomínios: *costume social, desporto e jogos, festas populares, músicas e danças, gastronomia e riqueza natural*. Vale a pena destacar que, aqui, as riquezas naturais abrangem desde os recursos minerais ou naturais, até faunas e vegetação e os pontos turísticos. Uma vez que esses aspetos

⁷ Avenida Brasil inclui 3 volumes

⁸ Português para Língua Estrangeira inclui 2 volumes

⁹ Tudo Bem? inclui 2 volumes

possuem uma alta representatividade e grande importância na cultura brasileira, podem ser considerados como partes analíticas.

	Costume social	Desporto e jogo	Festa popular	Música ¹⁰ e dança	Gastronomia ¹¹	Riqueza natural
AB	1	2	2	0	1	2
BV	0	3	3	2	0	1
DB	1	3	1	0	2	3
EB	2	0	0	0	0	0
FB	0	0	0	0	0	0
FLP	0	0	1	0	0	6
MP	2	1	1	0	1	3
PB	0	4	1	1	1	8
PC	0	0	1	0	1	0
PE	0	1	1	1	0	0
PV	1	0	3	1	0	3
TB	1	2	3	1	2	6

Quadro 8 - Tópicos da cultura brasileira nos manuais, apresentação quantitativa

No que concerne a *Costume Social*, os tópicos referidos são:

- pontualidade dos brasileiros (manuais de AB e EB)
- hábito de dar beijinhos e o casamento (MP)
- rituais anteriores na história do Brasil (PV)

Quanto a *Desporto e Jogo*, a maioria dos textos relaciona-se com o fanatismo do povo brasileiro por futebol; apenas os seguintes tópicos são um pouco diferentes:

¹⁰ Música, designa as informações sobre particularidades e estilo da música do Brasil, as letras de canções não são incluídas.

¹¹ Os cardápios e outros tipos de texto quando apenas meramente funcionais para aprendizagem da língua, não foram considerados.

-o jogo do bicho, uma bolsa ilegal de apostas em números que representam animais (AB)

-rodeio e vaquejadas, um desporto tradicional (TB)

No que diz respeito a *Festas Populares*, muitos textos referem-se às festas juninas, carnaval e bumba-meu-boi; em BV e DB, além dos em cima que referem, também apresentam as festas regionais e várias outras festas.

Em relação às *Músicas e Danças*, somente BV apresenta com detalhes uma dança típica brasileira: capoeira e os conhecimentos das músicas brasileiras. Em PB, a dança brasileira é manifestada por meio indireto, através de um colóquio com uma bailarina brasileira. Ademais, o teatro do Brasil é introduzido em PV e forró, um tipo de música bem conhecida e praticada em todo o Brasil, apresentado em TB.

A maior parte dos manuais, no que diz respeito a gastronomia, sugerem textos em torno da feijoada ou churrasco do Brasil. Alguns manuais salientam, em particular, a gastronomia de Bahia, onde a presença dos afro-descendentes é óbvia.

No que concerne às *Riquezas Naturais*, por ser um projeto para fins específicos, PB integra quase todos os setores nesta área, sejam os recursos turísticos (Amazonas, os patrimónios mundiais do Brasil, Parque do Pantanal, etc.), sejam os recursos minerais (pedras preciosas do Brasil) e naturais (os animais tais como o tucano e o jubarte), procurando abordar o modo como o povo brasileiro faz negócios e procura atrair mais investidores estrangeiros. FLE, no presente domínio, concentra-se mais nos recursos naturais: nos rios, no pau-brasil, no açúcar, no café e nas pedras preciosas, enquanto BV se centra na fauna e nas flores exuberantes exclusivamente originárias de São Paulo.

3.2.2 Referência a raças e etnias

Em certa medida o conceito de etnia surgiu, entre outros fatores, para substituir o conceito de raça aplicado aos seres humanos. A ideia de raças humanas foi muito

difundida até ao início do século XX. O termo *raça* era utilizado pelo senso comum e também nos meios académicos, enunciando ao genético, biológico, intelectual e que há as características físicas marcantes dos indivíduos. O termo etnia “engloba as ideias de nação, povo e raça; diz respeito a um grupo com traços físicos e culturais, cujos membros se identificam com grupo, ou seja, sentem que pertencem ao grupo”(Carneiro, 2003: 15).

Desde o censo demográfico do IBGE (2010: 35) que se utilizam, na investigação sobre a cor ou raça e etnia da população brasileira cinco categorias:

- Branca (para a pessoa que se declarou branca)
- Preta (para a pessoa que se declarou preta)
- Parda¹² (para a pessoa que se declarou parda)
- Amarela (para a pessoa que se declarou amarela)
- Indígena (para a pessoa que se declarou indígena)

Quando refletimos como as raças estão representadas nos materiais didáticos, temos uma grande responsabilidade. Segundo Júdice (2004), a abordagem que se utiliza como os textos, influenciará na construção das representações culturais e políticas na sociedade brasileira; sobretudo se o aprendente não estiver em contexto de não-imersão. Os LDs têm o papel de apresentar essa diversidade étnica, de mostrar adequadamente os aspetos oriundos dos portugueses, africanos, indígenas, outros imigrantes e o modo como contribuem para a identidade cultural do Brasil, integrando-a. O seguinte quadro apresenta os elementos lexicais referentes a raças e etnias presentes nos manuais:

Raças/etnias	AB	BV	DB	EB	FB	FLP	MP	PB	PC	PE	PV	TB
índio	+	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-	+
negro	+	+	-	-	+	+	-	-	+	-	+	-

¹² Segundo a definição do IBGE, pardos são as pessoas que se declaram *mulatas, caboclas, cafuzas, mamelucas* ou *mestiças de negro*.

preto	+	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-	+
branco	-	+	-	+	-	+	-	+	-	-	-	+
moreno	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-
mulato	-	+	+	-	-	+	-	-	-	-	+	+
crioulo	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+
mestiço	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	+	-
pardo	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
amarelo	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
caboclo	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Quadro 9– Raças, etnias e sua designação apresentados nos manuais

No quadro em cima, os resultados mostram que os manuais que apresentam mais variedade de raças e etnias são BV (6 itens), DB (6 itens), FLE (6 itens) e TB (5 itens).¹³

3.2.3 Referências a identidades regionais

Atualmente, o Brasil segue a divisão regional estabelecida em 1970, que divide o país em cinco regiões, composto por 26 estados. Uma vez que nas regiões diferentes têm as suas próprias identidades e culturas, há uma tendência de descentralização administrativa para frisar as suas diferenças em relação ao resto do país. A afirmação de identidades regionais pode ser considerada como um modo de destacar a diferença, um esforço contra homogeneização cultural (Oliven, 2002: 35). O quadro abaixo apresenta o número de textos que apresentam as diferentes regiões, onde consideramos dois tipos de referências: com significativo referencial, quando a identidade regional constitui o próprio foco do texto, e significativo pontual, quando a referência à identidade regional surge diluída num texto com outros propósitos centra.

¹³ É bom lembrar que no Brasil o termo “preto” tem um valor pejorativo.

	Centro-oeste ¹⁴	Nordeste ¹⁵	Norte ¹⁶	Sul ¹⁷	Sudeste ¹⁸
AB	SR	SR	SR	SR	SR
BV	SP	SP	SP	SP	SP
DB	SR	SR	SR	SR	SR
EB	-	-	-	SP	SP
FB	SP	SP	-	SP	SP
FLP	SP	SP	SP	SP	SP
MP	-	SP	-	-	SP
PB	SP	SP	SP	SP	SP
PC	SP	SP	SP	SP	SP
PE	-	SP	-	-	SP
PV	SP	SP	SP	SP	SP
TB	SR	SR	SR	SR	SR

Quadro 10– Representatividade das regiões brasileiras nos manuais

Neste campo, os manuais que apresentam mais variedade são AB, DB, TB. Os seus aspetos articulados com os territórios geográficos são mais destacados do que as próprias características do povo brasileiro, incluindo os símbolos e os costumes, etc. Porém, BV tem uma maior quantidade de apresentação do povo brasileiro de diferentes regiões, sobretudo os textos descritivos com título de *quem somos afinal?* (Bem Vindo!: 162,172) onde se introduz o gaúcho, o nordestino, o caipira, o sertanejo etc. PV pareceu-nos ser mais autêntico, criativo e concreto, relativamente às apresentações das características das cidades principais de cada região, uma vez que usa textos autênticos e literários.

¹⁴ Centro-oeste é composta pelos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito federal.

¹⁵ Nordeste é formado pelos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

¹⁶ Norte é composta pelos estados de Roraima, Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins.

¹⁷ Sul é formado pelos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

¹⁸ Sudeste é composta pelos estados de Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro

Acontece que as imagens das cidades são estereotipadas e simbólicas.

Os dados aqui apresentados é desequilibrado, uma vez que a análise indica um número considerável de ocorrências (São Paulo e o Rio de Janeiro), estando presentes em 100% das 12 obras pesquisadas. Em conta partida, alguns estados como por exemplo, o estado de Alagoas, Sergipe, Mato Grosso do Sul, não são introduzidos.

Feito este levantamento quantitativo das ocorrências nos manuais, faz sentido fazer uma apreciação daquilo que os números nos revela. Globalmente, o número de ocorrências, do ponto de vista quantitativo, é claramente insuficiente. Se tivermos em consideração que se trata de 12 manuais, e a importância da apresentação da cultura no ensino de uma língua não materna, até porque muitos dos interessados em aprender a língua ignoram aspetos relevantes da cultura brasileira, o número de ocorrências é pobre. Veremos adiante na análise qualitativa se o modo como é realizada, supera este dado.

Dada riqueza cultural do Brasil, quase todos os tópicos por nós selecionados são importantes de ser trabalhados; porém, de fato, tendo em conta o universo dos manuais, é verdadeiramente dada pouca importância à cultura. Além disso, o desequilíbrio dentro dos manuais é grande, como também é grande a divergência da sua própria constituição.

Por outro lado, convém referir que o desequilíbrio em termos como símbolos brasileiros se manifesta pelo predomínio de “trabalhos e profissões” em detrimento de todos os restantes. Pergunta-se, como é possível trabalhar de forma adequada uma apresentação da cultura brasileira e do povo brasileiro, da sua identidade referindo de forma muito parcelar, por exemplo, a questão das raças e etnias (questão incontornável) ou as relações familiares, cujas referências são relativamente poucas? Como veremos adiante a questão agrava-se pelo tratamento estereotipado, em que, por exemplo, a verdadeira família brasileira na vida real está praticamente ausente.

Outro tipo de desequilíbrio manifesta-se no que diz respeito ao tratamento das regiões. Sabemos que, no mundo, as regiões mais conhecidas serão São Paulo e o Rio

de Janeiro, as grandes metrópoles de país. A cultura brasileira resulta de um tecido de contributos de outras regiões que têm uma importância insofismável, e que os estereótipos turísticos, mundialmente conhecido não permite apresentar. Serão os manuais brasileiros de português para língua estrangeira a poderem rebater esse desequilíbrio que já existe no conhecimento do aprendente mais normal. Globalmente, infelizmente nos manuais brasileiros reforçam este predomínio de referências às duas regiões já conhecidas.

3.2.4 Referência ao género nos manuais

3.2.4.1 Género no mercado do trabalho

Sabe-se que a desigualdade de género é um problema persistente no Brasil onde a crença de que as mulheres são inferiores aos homens é muito invocada. No trabalho, acredita-se que o homem é mais capaz do que a mulher, até porque tem e merece um salário mais alto, achando-se que o lugar da mulher é em casa, cuidando da família. Em muitos manuais, predominam as figuras masculinas havendo uma grande ausência e invisibilidade de figuras femininas.

Nas personagens do sexo feminino nos manuais de PLE, predominam as representações relacionadas com o lar ou trabalhadoras informais tais como empregada doméstica, secretária, dona de casa, babá. Em vários textos já aparecem algumas profissões que eram dominadas pelos homens, tais como atleta, engenheira, economista etc. Há claramente, na presença e ausência feminina nos manuais, uma correspondência a estereótipos das atividades profissionais. O desequilíbrio de género no mercado de trabalho, em princípio, vem demonstrado de uma forma indireta, interpretando-o a partir dos diálogos de entrevista ou uma breve introdução pessoal. Portanto não esboçamos a tabela.

Entre os 12 manuais, TB e PC não há unidade exclusiva, relativamente à situação do mercado de trabalho no Brasil. Em DB, respetivamente há dois diálogos

(p.2 e p.15) em que o cenário ocorre num gabinete, onde o homem manda e a mulher é a secretária.

3.2.4.2 Género nas relações familiares

Relativamente à divisão da composição familiar, tendo como referência a definição de IBGE (2010: 34), não são incluídas as pessoas na condição de convivente, agregado, pensionista, empregado doméstico ou parente do empregado doméstico nas famílias únicas e conviventes principais. Ou seja, tem alguma relação de parentesco. As famílias únicas foram classificadas como:

- Casal sem filho(s)
- Casal sem filho (s) e com parente(s)
- Casal com filho(s)
- Casal com filho(s) e com parente(s)
- Mulher sem cônjuge com filho(s)
- Mulher sem cônjuge com filho(s) e com parente(s)
- Homem sem cônjuge com filho(s)
- Homem sem cônjuge com filho(s) e com parente(s)
- Outro

De acordo com os resultados das análises, observou-se que a família é representada sob diferentes configurações:

- Composta por casal com filhos: o pai é o protetor e o provedor financeiro.
- Composta por casal sem filhos

O povo brasileiro, na família, não ocupa um espaço significativo nos manuais, com uns poucos e sucintos textos com apresentação de agregados familiares. Neste âmbito, muitas representações são feitas de maneira indireta.

Na história da formação do Brasil sobretudo no período da colonização, formou-se uma relação patriarcal na família. Esta relação caracteriza-se por a patriarca, ou seja, o pai, é dominador e chefe da casa, ao mesmo tempo, é o administrador das atividades económicas que uma família exerce. Há textos que transmitem a ideia de que “o trabalho para a família é das mulheres, mercado é dos homens.”

A abordagem do tema obedece a critérios diversificados no *corpus* desde os textos até as imagens estereotipadas sobre os papéis do homem e da mulher na família nuclear. Em MP, há um texto (p.111) fala sobre a rotina de uma família, de manhã o pai lê o jornal, enquanto a mãe é única pessoa que faz comida para a família. Em BV (p.5), um texto apresenta uma família que o pai tem trabalho, contudo, a mãe é dona de casa. Em PC I (p.10), há uma apresentação de uma família rica que o pai ganha muito dinheiro, a mãe não tem trabalho e contrata um babá em casa a cuidar os bebés. Reparámos que o papel das mulheres em muitos manuais ainda é apresentado como dona doméstica, com uma visão estereotipada.

Porém, o manual PE (p.99) acrescenta os diversos arranjos familiares existentes e adoção. Uma vez que uma constituição familiar não apenas significa um agrupamento de um casal heterossexual, também é possível entre homossexual, que contra a delimitação do conceito de família. O texto segue uma alteração de definição para: “entidade familiar como o núcleo social formado por duas ou mais pessoas unidas por laços sanguíneos ou afetivos, originados pelo casamento, união estável ou afinidade”.

Notamos as mudanças na composição do grupo familiar brasileiro e na distribuição de papéis nos manuais. Por um lado, podemos notar que os valores tradicionais ainda estão em vigor, por um outro lado, estes valores são atualizados não só por meio de relações sociais conservadoras, mas também de novas estruturas sociais como por exemplo nas famílias homossexuais. Com os dados recolhidos, é possível fazer uma análise mais qualitativa. Esta análise também cumpre a metodologia de ACD.

Capítulo IV- Práticas de apresentação da cultura brasileira. Análise Qualitativa.

“E mais! Um país de povo alegre, festeiro, que dribla todas as dificuldades com o célebre jeitinho, um país feliz! E mais! Um povo que nunca enfrentou guerras, nem pestes, nem vulcões, nem terremotos, nem furações, nem lutas fratricidas. E mais! Um povo que convive em amenidade e cortesia, um povo prestativo, de coração bondoso, em que todas as cores e raças se misturam livremente, pois desconhece o preconceito racial, visto que aqui o preconceito é económico. E mais! Um povo de extraordinária musicalidade, capaz de, com instrumentos improvisados tais como caixas de fósforos, copos, pratos e latas velhas, fazer música que impressiona a qualquer estrangeiro...” (Ribeiro, 1984:626)

Neste capítulo vamos proceder uma análise qualitativa das práticas identificadas nos manuais para a apresentação da cultura do Brasil. Para esta análise, atendendo à extensão e diversidade do *Corpus*, serão selecionados para análise mais circunstanciada quer textos integrais, quer excertos que textuais considerados representativos das práticas identificadas nos manuais. Os critérios de seleção prendem-se, em primeiro lugar, com a relevância dos temas; aspeto que, em certa medida, resulta já da abordagem quantitativa realizada no capítulo anterior. Em segundo lugar, teremos em consideração o modo e os processos utilizados nos tratamentos dos temas; importa que esta seleção seja emblemática, representando a um modo como, na globalidade do *Corpus*, estes assuntos são tratados. Em terceiro lugar, usaremos um critério mais subjectivo, estando a escolha ligada ao interesse em dar entender como alguns manuais, tratam não só a identidade brasileira, como

algumas representações particulares, como por exemplo, o tratamento da mulher brasileira.

Sendo assim, os tópicos identificados nos capítulos anteriores serão reagrupados e serão abordados segundo a seguinte ordenação:

1.O ser brasileiro

1.1 Procuraremos neste conjunto de textos analisar o modo como no *Corpus*, a ideia e a condição do ser brasileiro é apresentada. Teremos, em primeiro lugar, textos que serão orientados para a diversidade étnica. Poderemos considerar um subtópico: a língua portuguesa no Brasil;

1.2 a identidade regional (procuraremos mostrar as dinâmicas presentes no modo como esta identidade é apresentada). Daremos atenção à tipologia dos textos e a subtópicos como por exemplo, a gastronomia;

1.3 a mulher brasileira, quer na família, quer no mercado de trabalho, quer no tratamento dos traços estéticos ou físicos;

1.4 as festas (procuraremos identificar textos simbólicos da apresentação das festas brasileiras em geral, seja o carnaval, sejam as festas juninas).

2. O estar brasileiro

2.1 daremos atenção ao modo como a própria essência brasileira está presente no quotidiano observável, mesmo pelos estrangeiros e menos profundo, como o jeitinho, a pontualidade, o costume do beijo, o modo como o futebol e outros desportos são vividos.

Mauad (2015: 83), referindo-se à função da imagem no manual, refere que esta tem uma dupla função: educação e instrução. O conjunto das imagens visuais é um conjunto iconográfico, é suporte de relações sociais, reflete as ideias, simboliza os valores com os quais a sociedade se identifica e reconhece como universais. Daremos especial atenção às imagens que podem, com efeito, ter funções várias, entre as quais,

a de espelhar a sociedade, o cotidiano cultural, preconceituoso e estereotipado, os valores e os comportamentos. Procuremos entender o modo como as ilustrações refletem a desigualdade de gênero e de raça, incluindo a possibilidade de induzir à discriminação, de dificultar o reconhecimento da diversidade cultural e a promoção de igualdade de gênero. Nesses textos, a sua multimodalidade será invocada e analisada.

4.1 O Ser brasileiro

Iniciaremos a análise, como acima foi dito, por tratar o ser brasileiro e o modo como a sua condição é apresentada; ocupar-nos-emos de textos que serão orientados para a diversidade étnica.

4.1.1 Diversidade étnica

Textol :

Cena brasileira: O Negro

O Preconceito racial

Cento e tantos anos depois da Abolição da Escravatura, a libertação dos negros é ainda uma questão mal resolvida.


Dentro da totalidade da população brasileira, o negro é minoria – 44% de todos os habitantes do país, considerando-se nesse grupo todas as pessoas de pele mais escura – do negro de pele preta com reflexos azulados ao mulato claro. Na camada pobre, no entanto, os negros formam a maioria. Se, de cada dez brasileiros, quatro são negros, de cada dez brasileiros pobres, os negros são seis.

Embora ilegal desde 1951, a discriminação racial está integrada ao cotidiano brasileiro.

O preconceito racial não assume formas agressivas, mas faz, indiscutivelmente, parte do comportamento da população. O racismo, condenado publicamente, de forma vigorosa, frequentemente aflora na esfera privada e em situações concretas de trabalho.

O brasileiro reage de forma emocional, indignada mesmo, se acusado de possuir preconceito racial. A atitude das classes média e alta, porém, o contradiz. Na classe baixa, no entanto, há confraternização – a confraternização na pobreza.

É nessa camada que se verifica a miscigenação.

A cartoon illustration of five men of different ethnicities standing in a line. From left to right: a Black man in a white t-shirt and blue pants; a White man with dark hair in a light blue t-shirt and dark pants; a White man with spiky hair in a blue t-shirt and white pants; a man with a mustache in a grey t-shirt and dark pants; and a Black man in a white t-shirt and black shorts. They are all looking towards the right.

Texto multimodal, representação étnica 1: Português via Brasil: 27

O título é “Preconceito racial” sob o tema do preconceito racial ao negro no Brasil. O preconceito é um juízo pré-concebido, que se manifesta numa atitude discriminatória, perante as pessoas, as crenças, os sentimentos e as tendências de comportamentos. Uma primeira observação multimodal: neste texto, a imagem azulada não estabelece qualquer relação significativa com o conteúdo verbal, nem tão pouco com o tópico; a própria correlação estatística das figuras simbólicas representadas não tem qualquer correspondência com o afirmado no interior do texto verbal.

Trata-se do único texto em todos os manuais que menciona o preconceito racial. Porém, ainda assim, as afirmações parecem servir mais como justificação política: “O negro é minoria - 44% de todos os habitantes do país”.

Na verdade, o Brasil é um país onde a maior parte da população é constituída por afrodescendentes (negros e pardos), e não a minoria afirmada no texto: “considerando-se nesse grupo todas as pessoas de pele mais escura - do negro de pele preta com reflexos azulados ao mulato claro”. Percebemos que, aqui, o negro seja classificado pela cor da pele. Devido à escala de gradação que vai do estritamente branco ao completamente pretos, os negros são discriminados pela presença de traços e marcas aparentes, em princípio a cor de pele.

“Na camada pobre, no entanto, os negros formam a maioria”. O modo de dizer, contrastando os termos minoria/maioria de uma forma quase irónica, deixa entender que os negros não acedem a lugares de poder nem são bem remunerados. Sem mais comentários ou explicações, a formulação, para quem está agora a aceder à cultura brasileira, admite o estabelecimento de muitos estereótipos relacionados com a pobreza, criminalidade, falta de educação associados à população negra. O índice de pobreza, publicado pela Comissão Económica para a América Latina e Caribe (CEPAL), mostra que os afrodescendentes pobres atingem 22%, percentagem duas vezes superior à dos brancos (10%)¹⁹. Relativamente aos dados de IBGE em 2010, há

¹⁹ Fonte: *La matriz de la desigualdad social en América Latina*, CEPAL, 2014: 30.
Link: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/40668/4/S1600946_es.pdf

uma maior percentagem de indivíduos sem rendimento entre os negros ou pardos (27.4%) comparada com a dos brancos (22.6%)²⁰. O negro é pobre, mas é pobre porque é negro.

Prosseguindo, o texto não deixa de afirmar o fenómeno da discriminação racial – “Embora ilegal desde 1951, a discriminação racial está integrada ao quotidiano brasileiro”. – porém, o contexto em que o faz não favorece o esclarecimento. Seria interessante que houvesse uma explicação sobre o facto de inicialmente, na época da colonização, o Brasil tenha sido conquistado pelos europeus com recurso a trabalho escravo de africanos e indígenas e que, apesar de hoje em dia, a escravidão ter sido abolida e o esforço dos movimentos antirracista e pluriétnicos ser significativo, a população negra e indígena são alvos de discriminação, seja nas escolas, seja no mercado de trabalho, ou nas diversas atividades quotidianas.

O racismo como sistema de dominação social tem duas dimensões principais – a das representações socialmente compartilhadas (atitudes preconceituosas), por um lado, e práticas sociais específicas de tratamento ilegal (discriminação) (Van Dijk, 2016:18). O autor refere que o discurso racista é uma das formas de prática social discriminadora e acontece que os mais influentes são os discursos discriminatórios públicos das elites simbólicas na política, nos *média*, educação e Universidade.

²⁰ Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010: 121.

Tabela 22 - Proporção de pessoas de 16 anos ou mais de idade sem rendimento, por sexo, cor ou raça e situação do domicílio, segundo as Grandes Regiões - 2010

Grandes Regiões	Proporção de pessoas de 16 anos ou mais de idade sem rendimento, por sexo (%)				
	Total	Cor ou raça		Situação do domicílio	
		Branca	Preta ou parda	Urbana	Rural
	Total				
Brasil	25,1	22,6	27,4	23,9	32,3

Nada do que Van Dijk refere transparece dos manuais de PLE, onde se ignora a questão e, mesmo no único texto em todos os manuais que menciona o preconceito racial, os tons são azulados e o tratamento superficial.

Dediquemos, agora, alguma atenção a outro modo de apresentação da variedade étnica e cultural brasileira. Antes de analisarmos a primeira personagem-tipo, o “caboclo”, atentemos no processo geral e no contexto de apresentação.

O texto é autêntico, publicado na revista “Terra”, constituído por um conjunto de janelas em que se fazem desfilarem personagens-tipo ou “personagens típicas” como a elas se refere o próprio texto afinal.

Destas personagens, fazem parte o caboclo, o mulato e o mestiço oriental, para além dos trabalhadores nordestinos e os gaúchos do Sul que fazem criação e pastoreio de gado, o vaqueiro que se dedica à criação extensiva de gado no Pantanal, o seringueiro que trabalha a extração do látex na floresta amazónica e o jangadeiro que pesca nos mares nordestinos. Se atentarmos bem, as três primeiras personagens têm estritamente a ver com as origens étnicas da população, enquanto as restantes representam mais tipos sociais ligados a uma ocupação específica e a uma determinada região, razão pela qual nos referiremos a estas últimas na próxima secção, embora isso nos obrigue a uma separação que os autores não previram.

O título destas páginas remete o leitor para uma discussão sobre a identidade brasileira, justamente desencadeado pelo título “Quem somos afinal?”. Enquadrando visual e retoricamente as janelas em que se apresentam as personagens, está patente.

Texto 2:

QUEM SOMOS, AFINAL? (1)

Uma fusão de raças e culturas que já dura meio milênio deu aos brasileiros traços e personalidade próprios. Mas basta olhar mais de perto para perceber que, apesar de tudo, não perdemos contato com as raízes de nossa formação.

Algumas das cabeças mais brilhantes do Brasil, de Gilberto Freire a Darcy Ribeiro, gastaram décadas de trabalho tentando resolver a questão "o que é ser brasileiro?" e não chegaram a uma resposta definitiva.

De algumas coisas, porém, temos noções suficientes para darmos palpites: somos um povo ainda em formação, que junta num vasto território raças e culturas distintas, numa imensa massa humana que já chega a 160 milhões de pessoas - e que costumamos chamar de povo brasileiro.

O brasileiro é isso: o resultado de uma mistura que, mesmo submetida a tantos contrastes históricos e geográficos, manteve-se unida. E não só por causa da língua portuguesa que todos os brasileiros entendem, pois nossos vizinhos hispano-americanos acabaram se fragmentando em vários países. O que temos no Brasil é, por falta de um termo mais apropriado, uma alma comum.

Mas de onde vem essa alma? "Dos nossos índios", arrisca o sociólogo Roberto Gambini, "apesar da importante influência portuguesa e negra na nossa constituição, os principais traços culturais que distinguem o brasileiro dos outros povos foram herdados dos índios. Nosso espírito brincalhão, por exemplo, que não consegue ver limites muito claros entre o que é trabalho e o que é diversão, pode ser ainda hoje encontrado nas aldeias indígenas espalhadas pelo país".

Segundo essa hipótese, os tipos regionais brasileiros, dos gaúchos do sul aos caboclos do norte, das caipiras do litoral aos sertaneiros do Mato Grosso, possuem em comum um estrato básico de cultura indígena. Não só aquele facilmente comprovado nos nomes das cidades, nas técnicas de cultivo, nos utensílios ou no folclore de sacis e curupiras, mas algo mais profundo, que moldou nosso inteiro jeito de ser.

O GAÚCHO O tipo gaúcho está diretamente ligado às vastas pastagens dos pampas do Rio Grande do Sul. Solitário e destemido, essa figura surgiu em busca do gado que, trazido pelos jesuítas, ficou abandonado depois da destruição das missões, reproduzindo-se de maneira selvagem. A bombacha nas pernas, a boleadeira no lugar do laço, o chimarrão e o churrasco são as suas marcas registradas.



O CABOCLLO A palavra caboclo também é usada como sinônimo de mameluco - a mistura entre brancos e índios. Como tipo cultural, no entanto, o caboclo é o ribeirinho, ou seja, o morador das margens dos rios, principalmente os da região Norte, da bacia amazônica. Vive basicamente da pesca e do pequeno roçado aberto em clareiras, e mora em palafitas por causa das frequentes cheias a que está sujeito.



O CAIPIRA De um modo geral, é quem mora no interior de São Paulo e Minas Gerais, vivendo de cultivar a roça. Planta principalmente o milho, do qual fabrica o fubá, mas também retira a palha para o chapéu e o cigarro. Seus modos rústicos, herdados da convivência com os índios, provocavam desdém quando visitava a cidade. Tem mais de setenta sinônimos, a maior parte deles pejorativos, como jeca, capiau, matuto e pé-duro.



O SERTANEJO É o morador das zonas secas do país, principalmente das chapadas e da caatinga nordestina. Enfrenta a dureza do sertão com uma vida simples, baseada na criação de umas poucas cabeças de gado e no plantio de subsistência. Sua figura sobre o jegue, de facão na cintura, chapéu e gibão de couro e capanga inspirou obras de escritores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha.



Claro que o Brasil não se esgota na herança indígena, como também não está tão permeado pela cultura negra como se chegou a afirmar nas últimas décadas, graças principalmente à intensa produção cultural dos baianos.

Nos centros urbanos vivem hoje 76% dos brasileiros, o que teve um impacto gigantesco na forma de encararmos o mundo. Em 1900, éramos pouco mais de 17 milhões de pessoas, a grande maioria espalhada pelo interior do país, vivendo em contato com a natureza. Não tínhamos televisão, as estradas eram poucas e quase ninguém tinha a chance de viajar por outras partes do país. Quem morava no sul nem sonhava com o estilo de seus conterrâneos do norte. Hoje, porém, vivemos num Brasil bem diferente. Primeiro, experimentamos a chegada de milhares de imigrantes convocados para trabalhar nas lavouras de café de São Paulo ou, então, colonizar as zonas desabitadas do sul brasileiro. Foi um incremento populacional importante, que, além da força de trabalho, introduziu novos elementos culturais. Quem anda pelas ruas das cidades brasileiras neste final de século sente-se tentado a dizer que estamos cada vez mais parecidos. Mas, se olharmos mais de perto esses brasileiros, veremos que ainda é possível encontrar gente que leva consigo a alma de caipiras, sertanejos e tantos outros personagens que fizeram a história do povo brasileiro.

Fonte: Revista TERRA 06/98 - resumo do texto de Vinícius Romanini

Texto multimodal, representação étnica. Bem Vindo!: 162

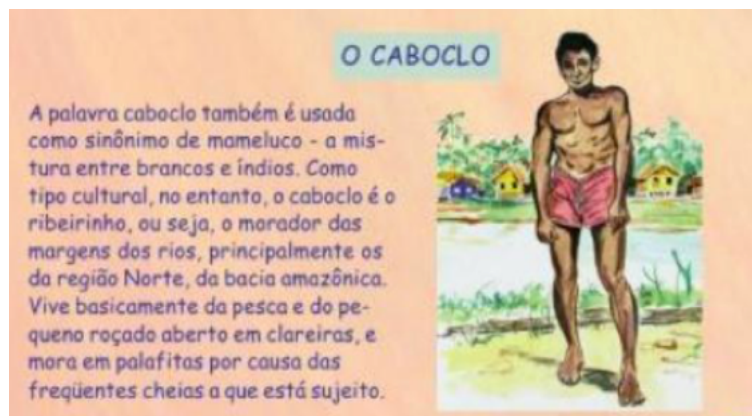
Um texto que começa por destacar o facto de o brasileiro resultar da “fusão de raças e culturas que já dura meio milênio”, e o facto de isto ter conferido ao brasileiro “traços e personalidades próprias”. Procurando sempre sublinhar a dificuldade em definir “uma alma comum na diversidade”, são evocados autores incontornáveis como Gilberto Freire e Darcy Ribeiro que, para além de conferirem um tom de cientificidade ao descrito ajudam a sublinhar a dificuldade prática em responder à pergunta do título. Segundo o texto, aqueles mesmos autores não conseguiram uma

resposta definitiva à questão “o que é ser brasileiro?”. Termina o texto com uma quase sugestão interpretativa, subtilmente diluída no último período: uma vez que nos grandes centros urbanos “vivem hoje 76% dos brasileiros” (e não nos contextos geográficos ocupacionais e culturais dos quais as personagens são originárias), “estamos cada vez mais parecidos”. Há, pois, a sugestão implícita de que as personagens definidas ao longo das duas páginas são personagens congeladas no tempo, na distância das suas origens, no anacronismo das suas ocupações.

Trata-se, no mínimo, de uma visão incompleta do processo de fusão étnica e cultural que teve lugar (e ainda está a ter) naquele país. Um bom texto, seguramente, para discussão, mas não para a apresentação ideal do que se pretende. Os equívocos de um aprendente da cultura do Brasil, sem outro enquadramento, seriam enormes, e não só por se associar o mulato com o sertanejo, o caboclo com o gaúcho ou o mestiço oriental com o caipira.

Concentremo-nos seguidamente na representação étnica do caboclo.

Texto 3:



Texto multimodal, representação étnica. Bem-vindo! : 162

“O caboclo verdadeiro é só o índio. Porque na realidade o caboclo mesmo é aquele que veste penas.” (Definição de um adepto do candomblé baiano, *apud* Santos, 1992: 60). O termo caboclo, uma designação antiga que, com o tempo se tornou um termo pejorativo e discriminatório, atribuindo aos indígenas características de pessoas

preguiçosas, incapazes e de pouca educação. O termo caboclo não é um termo que sirva para a autodesignação, porque primeiramente, “é a conotação pejorativa e o significado de ‘índio domesticado’, nem é uma raça cruzada entre branco e índio, que transmite entre a população rural” (Lima, 1999: 21).

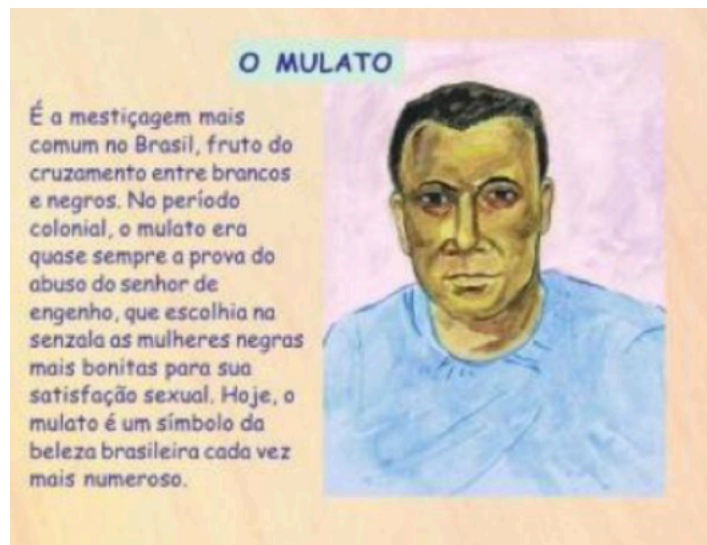
No texto, o caboclo é “a mistura entre brancos e índios”, também é “o morador das margens dos rios”. A designação é a combinação de um “tipo racial” específico e uma região geográfica.

Tal como no caso do texto anterior, o significado multimodal é deveras paradigmático: a imagem estampada no texto mostra-nos um caboclo com cor de pele morena, ausência de saúde, vivendo num ambiente não civilizado. Toda a construção reforça o preconceito de que o caboclo é julgado, em muitos juízos, como fracassado. A exuberância da floresta e paisagem do rio impõe um contraste em relação à sua magreza e pobreza. A postura corporal é desarmónica, desproporcionada, submissa e passiva. Tal como em muitos outros textos que se dedicam à apresentação étnica rática ou cultural, a fotografia dá lugar à imagem estampada ou desenho o que confere mais possibilidades de escolha ao autor quanto aos traços que pretende sublinhar. Nos casos em apreço, a escolha foi clara; reforço dos estereótipos, construção negativa da representação.

O mesmo manual, utilizando processos muito idênticos, refere-se, agora, ao Mulato²¹.

²¹ A designação deste elemento da constituição étnica do Brasil não deixa, ela própria, de carrear três percepções negativas: 1. Mistura de espécies; 2. A palavra “mula” referente ao animal incapaz de se reproduzir (por ser fruto de dois animais diferentes e destinado a trabalhos pesados) 3. Falta de inteligência.

Texto 4:



Texto multimodal, representação étnica. Bem-vindo! : 172

O género textual é o mesmo em todas as janelas (explicação factorial; escola de Sydney), que poderia corresponder a uma entrada (artigo) de um dicionário geral da língua. Trata-se de um texto muito breve que se inicia por uma afirmação sobre a mestiçagem: “É a mestiçagem mais comum no Brasil, fruta do cruzamento entre brancos e negros.” Assumindo, assim, uma pretensa distância e o rigor histórico, o pequeno texto faz contrastar o facto supostamente desfavorável de ter sido quase sempre “a prova do abuso do senhor de engenho, que escolhia na senzala as mulheres negras mais bonitas para sua satisfação sexual” para uma evolução tão surpreendente como favorável que permite ser exaltado como o ícone da beleza nacional: “Hoje, o mulato é um símbolo da beleza brasileira cada vez mais numeroso”. Com efeito, segundo Pessoa (2007), às mulheres negras no período colonial não lhes era somente exigida capacidade produtiva manifesta em força de trabalho, mas também em disponibilidade sexual, particular, as cativas que, não raro, sofriam um verdadeiro estupro (Pessoa, 2007: 68). Porém, quanto à evolução para símbolo nacional, esta afirmação num texto tão sintético e definidor, não corresponde totalmente à realidade. De facto, autores como Daflon chamam a atenção para o facto de esse estatuto estar

restrito particularmente a produções que a reduzem (a mulher mulata) a objeto de desejo masculino, e às narrativas de brasilidade contidas em determinados eventos, *shows* e festividades nacionais, como por exemplo, do carnaval (Daflon, 2017: 127). Refira-se que, talvez não por acaso, a imagem, grande plano do busto, tipo passaporte ou bilhete de identidade, é de um indivíduo do sexo masculino. Assim, o prestígio propalado no texto em análise não se reflete na representação quotidiana em espaços simbólicos de *status* e de prestígio como a televisão, o cinema e a publicidade (D'Adesky, 2001; Candido, Moratelli et al., 2014)

Texto 5:



Texto multimodal, representação étnica. Bem-vindo! : 172

O termo “mestiço oriental” designa o filho de um japonês ou descendente de japoneses com um não-descendente. Mas, essa definição é diferente em função do ascendente japonês ser pai ou mãe: “somente o filho de mãe japonesa era tido como mestiço porque ele estava fora de um sistema de transmissão patrilinear, ao passo que filho de pai japonês possuía o estatuto de japonês.” (Hatugai, 2013: 3). Esta precisão não está presente no texto em análise, pequeno como os anteriores, que opta por duas grandes afirmações: a definição de mestiçagem (aparentemente, fora do propósito do texto) e a referência ao facto, não muito lisonjeira, de os imigrantes japoneses

viverem em colónias vedadas. Não são dadas outras razões menos desprestigiantes para a mestiçagem tardia, como o facto de a língua e os hábitos dos japoneses serem muito diferentes dos do Brasil e o sonho de enriquecimento e retorno rápido à terra natal Hatugai (2013: 7). Nada se fica a saber sobre a comunidade mestiça oriental na atualidade e à sua benéfica implantação na sociedade brasileira pelo que consideramos este pequeno texto pouco adequado à apresentação do “ser brasileiro” não só pelo que é dito, mas sobretudo pelo que não se refere.

A imagem que acompanha o pequeno texto, tal como a anterior, é um grande plano do busto de um indivíduo do século masculino, denotando mais os traços nipónicos do que verdadeiramente os da mestiçagem. Tal como o texto verbal, fica aquém da função que lhe era destinada.

Texto 6:

QUEM SOMOS, AFINAL? (2)

Outros personagens típicos entre o povo brasileiro são:

O MULATO

É a mestiçagem mais comum no Brasil, fruto do cruzamento entre brancos e negros. Na período colonial, o mulato era quase sempre a prova do abuso do senhor de engenho, que escolhia na senzala as mulheres negras mais bonitas para sua satisfação sexual. Hoje, o mulato é um símbolo da beleza brasileira cada vez mais numeroso.



O PANTANEIRO

O homem pantaneiro, que é basicamente um vaqueiro adaptado para as pastagens úmidas, nasceu com a chegada da criação extensiva de gado ao Pantanal. O sistema de cheias e vazantes do Rio Paraguai obriga o constante deslocamento dos rebanhos das terras baixas e alagáveis para as altas e secas. Ao contrário do gaúcho, que só come carne, o pantaneiro também aprecia a fartura de peixe da região.



O SERINGUEIRO

Vive recluso no meio do mato, nas regiões da Floresta Amazônica, onde as seringueiras nascem espontaneamente, como no Acre. Seu trabalho é abrir vincos nos troncos para extrair o látex e, em seguida, defumá-lo até que se transforme em borracha. Como a seringueira só nasce na mata preservada, o seringueiro passou a ser um combativo defensor da floresta, denunciando queimadas e a atuação de madeireiros.



O CAIÇARA

É o morador do litoral sudeste brasileiro, que povoa as matas de restinga próximas aos manguezais. Vive da pesca na foz dos rios e do cultivo de subsistência. Adotou muitos hábitos indígenas, como a roça de coivara e a pesca artesanal com covas. Preserva palavras do português quinhentista e alguns são loiros porque descendem de aventureiros franceses e suíços que se instalaram ali no período colonial.



O JANGADEIRO

É o pescador dos mares nordestinos, que vive nas comunidades do litoral. Especializou-se na pesca de rede a bordo de jangadas, pequenas embarcações de vela triangular feitas de seis paus roliços retirados das matas da região. Singrando as águas verdes e ensolaradas, no amanhecer ou no pôr-do-sol, o jangadeiro virou elemento típico da paisagem da região e símbolo de Alagoas.



O MESTIÇO ORIENTAL

O termo mestiço serve para definir qualquer tipo de mistura de raças, mas nos últimos anos tem sido mais usado para o caso dos orientais. O fenômeno ainda é recente e, em certa medida, raro, pois a raça amarela - da qual os japoneses são maioria no Brasil - viveu décadas organizada em colônias fechadas, o que dificultou a mistura.



Fonte: Revista TERRA 06/98 - resumo do texto de Vinícius Romagnol

Texto multimodal, representação étnica. Bem-vindo! : 172

Tal como tínhamos antecipado na secção anterior, vamo-nos referir brevemente aos processos discursivos usados na apresentação das “personagens típicas”. A distinção de cada tipo regional está relacionada com a geografia, a história da colonização e as condições da vida.

O gaúcho, o caipira, o sertanejo, o seringueiro, o jangadeiro são povos de regiões diferentes, mas também com modos de vida, falares e personalidades distintas. Como já referimos, o processo usado tem uma multimodalidade repetida: texto verbal ocupando o espaço idêntico ao visual. Sendo que o visual consiste em reproduções estereotipadas e não de fotografia. O género discursivo é o relatório descritivo, assentando em orações declarativas ou assertivas construídas em torno de processos relacionais e os atributos ou circunstâncias, adequados ao elemento descrito. Para as

várias personalidades, os textos têm em conta a sua personalidade, ocupação, região, traços físicos/apresentação. Será interessante poder verificar o conjunto de elementos destacados nos textos, patentes no quadro 11,

Personagem/ Tipo	Personalidade	Ocupação/ hábitos	Região	Traços físicos/ apresentação
O gaúcho	Solitário Destemido	Busca do gado Chimarrão e churrasco	Vastas pastagens do Rio Grande do Sul	Bombacha nas pernas; Boleadeira no lugar do laço
O sertanejo	-	Vida simples e dura; Criação de gado; Plantio de subsistência	Zonas secas, Nordestina	sobre o jegue, de facão na cintura, chapéu e gibão de couro e capanga
A caipira	Modos rústicos	Cultiva a roça	Mares nordestinos	
O seringueiro	Recluso no busto, Combativo defensor da floresta	Extração de látex	Floresta Amazónica	
O jangadeiro	-	Pescador, pesca de rede a bordo de jangadas	Mares nordestinos	-
O pantaneiro	-	Vaqueiro em pastagem húmida	Pantanal	-
O caçara	-	Pesca na foz dos rios; Cultivo de subsistência; Adotou hábitos indígenas; Preserva palavras de português quinzentista	Litoral sudeste brasileiro	Alguns são loiras

Quadro 11: elementos destacados no texto *Quem somos afinal?*

Como se pode verificar, nem todas as personagens recebem o mesmo tipo de atenção, o que implica que tenha havido uma escolha na composição da *persona*. Por

exemplo, do caiçara, do pantaneiro, do seringueiro e do jangadeiro, nada é dito sobre a sua personalidade. Por outro lado, apresentação física dos traços próprios ou dos adereços que compõem à figura só merece referência para o gaúcho e sertanejo, se bem que do caiçara se diga que “alguns são loiros”. Há portanto, um privilégio dado à ocupação/hábitos e a região. Com efeito, historicamente, estas figuras brasileiras, mudaram-se em torno das condições da habitação da sua região e da ocupação que desempenhavam. Porém, a maioria deles, adquiriu com o tempo, traços de personalidade ou de comportamento típicos, também eles relacionados com a vida escolhida, mas seguramente não muito apreciados por outros grupos populacionais. Os textos deixam isso claro nos adjetivos reservados ao gaúcho, ao sertanejo, ao caipira e ao seringueiro; o primeiro é descrito como solidário e destemido, (traços que são reforçados pela descrição física: “bandeira em lugar do laço”), enquanto o sertanejo é “simples”, o seringueiro é “recluso no mato” e o caipira tem modos rústicos, nada que se possa classificar de muito elogioso. Em todas as descrições, pelas razões acima apontadas, reforça-se o estereótipo de comunidades paradas no tempo.

Porventura, o caipira é figura menos bem tratada, onde se afirma que “seus modos rústicos,... provocavam desdém quando visitava a cidade”, para além de se dar conta das setenta designações pejorativas, sinónimas de caipira. De acordo com Chianca (2010), “trata-se de uma caricatura do homem rural, frequentemente pejorativa. Ele não sabe se vestir, se comportar e até sua fala tem sotaques e vícios gramaticais – variáveis segundo os locais e regiões -, mas sempre inadequados.” Em contraponto a esta descrição simples superficial, estereotipada, também se podem encontrar, embora muito menos quantidade, textos mais complexos para a apresentação destas figuras. É o caso do texto dedicado ao sertanejo no manual PV, um texto autêntico, embora no século dezanove, onde estão presentes todos os traços físicos psicológicos da personagem. Exceto a sua força natural, toda restante composição é negativa (“É desgracioso, desengonçado, torto, Hércules-Quasímodo,

reflete no aspeto a fealdade típica dos fracos”. “É um homem permanentemente fatigado”).

Em todo o caso, de uma forma geral, nunca se procura pôr em destaque a riqueza da variedade e o contributo que as populações representadas por essas figuras, emprestam ao “ser brasileiro” e as características intrínsecas.

Texto 7:



Texto narrativo



Os índios do Brasil

Quando, em 1500, Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, chegou às praias do que agora é a Bahia, havia 5 milhões de índios na área que, depois, se transformou no Brasil. Hoje, há 270.000 índios, pouco mais de 5% da população original. Várias

foram as causas desta redução: mortes por doenças contagiosas (sarampo, tuberculose, varíola e gripe), por assassinatos, por suicídios, por confinamento e guerras tribais.

Na época do descobrimento do Brasil, existiam quase 1200 línguas indígenas. Hoje são 170, faladas por 206 grupos.

No momento, a situação do índio brasileiro é crítica, mas já foi pior. No final dos anos 50, havia, no máximo, 100.000 índios. A partir dos anos 60, no entanto, o governo organizou reservas para proteger o índio e sua cultura. Hoje, essas reservas ocupam quase 11% do território brasileiro, uma área igual à área ocupada pela França e pela Inglaterra juntas. Apesar disso, muitos povos indígenas continuam desaparecendo.

Qual o futuro dos índios brasileiros? O futuro deles depende do governo. Só a ação do governo vai impedir sua morte e a destruição de sua cultura. A febre do ouro, a exploração da madeira, a criação de fazendas extensas para a criação de gado e o desenvolvimento de cidades próximas às reservas são as maiores ameaças aos índios.

Na busca do ouro, os garimpeiros invadem as reservas indígenas, perturbam seu habitat (a floresta, os rios) e sua cultura. Grupos inteiros de índios morrem por doenças como gripe. Em áreas da floresta, onde não há ouro ou onde o ouro acabou, chegam grandes companhias que cortam árvores por causa do valor comercial de sua madeira. Outros grupos comerciais cortam árvores para formar pastagens para criação de gado. Em todos esses casos, as áreas indígenas são invadidas e choques armados com os índios acontecem.

Hoje há, pelo menos, 60 grupos indígenas ocultos na floresta. São os índios arredios. Temos pouca ou nenhuma informação sobre eles. Eles vivem completamente isolados, exatamente como viviam há 500 anos. Nenhum desses grupos tem contato com outro grupo indígena, resistindo com violência à invasão de suas terras. Quando perdem a luta, afastam-se para pontos ainda mais inacessíveis. As tentativas de aproximação são sempre perigosas. Como já aconteceu várias vezes, os índios podem atacar de repente. Flechas e bordunas são sua resposta à tentativa de conversa do homem branco.

Como há 206 grupos diferentes de índios e 170 línguas indígenas, não se pode falar de uma cultura

índigena, mas de diferentes culturas indígenas. Mas, apesar das grandes diferenças, entre eles há um ponto em comum. Enquanto nós organizamos nosso mundo e nossa vida em diferentes esferas (economia, política, educação, religião, etc), na vida do índio todas as esferas estão ligadas. Assim, por exemplo, o corte de uma árvore tem implicações religiosas, sociais, políticas, econômicas, etc.

O índio respeita a floresta. A posse da terra é coletiva e é determinada pelo seu uso.

Os índios vivem em aldeamentos, geralmente de 30 a 100 pessoas. Há aldeamentos maiores, com 400 ou 500 pessoas.

Na produção, há trabalho masculino e feminino. O homem caça, pesca e colhe o que foi plantado. A mulher cuida da plantação e cozinha. A produção, como vemos, depende do trabalho da família, mas depois é distribuída na comunidade.

Ao contrário de nós, que queremos entender a realidade através da ciência, os índios explicam o sol, a chuva, o dia, a noite, a morte através de mitos.

Os rituais — festas com músicas, danças, bebidas, pintura corporal e trajes específicos — marcam momentos importantes na vida das pessoas e da comunidade e colocam o índio em contato com os seres de seus mitos, com o espírito de seus mortos e com os seres sobrenaturais que vivem nos rios e na floresta.

A política atual do governo brasileiro defende a proteção do índio e a preservação de sua cultura. Ele deve viver como sempre viveu. O homem civilizado pode aproximar-se dele, mas deve respeitar sua cultura, tão diferente da nossa.

Falar, ler e escrever: 191-192

Antes de analisar o discurso acima, é necessário enfatizar a necessidade que os autores do manual tiveram de que fosse observado o estereótipo colado à identidade indígena, mostrando um índio materializado e isolado do restante país.

Os autores do manual FLE inauguram uma série dos textos da mesma natureza, dedicados à apresentação de aspectos da cultura brasileira. Todos os textos desta série são classificados pelos próprios autores como texto narrativo, sendo que esta classificação não tem correspondência com qualquer tipologia de gêneros; na verdade, identificamos explicações, relatórios descritivos, argumentos, para além de pequenas narrativas.

O texto é encimado por duas fotografias: à direita uma representação não muito feliz, de uma dança índia; à esquerda, uma fotografia menor mas dominada por uma única personagem índia que contém os elementos visuais suficientes para acompanhar o conteúdo verbal. Na verdade, é representado um homem índio, em demanda, oferecendo ao observador um olhar duro e feroz, quase ofensivo, que tem complemento na lança que ostenta nas mãos, estando parte do corpo coberta (disfarçada) pela vegetação que o circunda. Em conformidade, o texto proclama: “flechas e bordunas são sua resposta à tentativa de conversa do homem branco”, “Ao contrário de nós”, “resistindo com violência à invasão de suas terras, podem atacar de repente”. A descrição é, pois, coerente com a imagem no sentido em que sublinha

traços selvagens, bárbaros e perigosos. O âmbito e a natureza da descrição na multimodalidade textual é idêntica à que encontramos em Carvalho (2012), referindo-se aos critérios rigorosos para a identificação do verdadeiro índio, “O índio anda nu ou vestido de penas, vive no mato – caçando e pescando – não usa sal, é da raça vermelha, adora o sol e a lua, fala uma língua própria, é guerreiro valente, conhece os segredos das plantas, tem muita força...” (Carvalho, 2012: 34). Faz sentido citar Grupioni neste particular; Segundo, “os livros didáticos produzem a mágica de fazer aparecer e desaparecer os índios na história do Brasil. O que parece mais grave (neste procedimento) é que, ao jogar os índios no passado, (o aprendente) não tem condições de entender a presença dos índios no presente e futuro brasileiros (Grupioni, 1996: 425).

Acresce dizer que o texto não é identificado, pelo que, supostamente é da responsabilidade dos autores, autores estes que não hesitam em inscrever a sua opinião: “Qual o futuro dos índios brasileiros? O futuro deles depende do governo.” Trata-se de uma opinião muito ancorada no presente (agora já passado). Mais do que isso, assumem uma perspectiva de olhar que, no mínimo é paradoxal: em mais do que um momento do texto é referido o plural do pronome “nós” que identifica o/os produtor/es do texto com o leitor, excluindo obviamente, o alvo da descrição – o índio. Quem somos “nós”, afinal, segundo os autores? “Enquanto nós organizamos nosso mundo e nossa vida em diferentes esferas...na vida do índio todas as esferas são ligadas”; “Ao contrário de nós”; “tão diferente de nossa.”

O ponto de vista assumido é do olhar do “homem branco” ou “homem civilizado” definições já de si problemáticas, mas aqui agravadas pelo facto de “nós” incluir os leitores mais interessados, os aprendentes de PLE, seguramente que de entre eles, muitos não se identificam como “homem branco”, pelo menos na cor da pele. Os índios, vistos como o “outro”, retratados como dominados e subordinados à cultura dos brancos ou como não integrados nela, como se não pertencessem ao povo

brasileiro. Todo o significado multimodal converge em transmitir uma visão etnocêntrica no sentido em que Rocha, na senda de muitos outros autores a entendem:

“O etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência.” (Rocha,1988: 5)

4.1.1.1 Língua portuguesa no Brasil

Terminamos esta seção dedicada ao “ser brasileiro” por nos referirmos a um raro texto sobre a língua portuguesa no Brasil e ao seu papel integrador da identidade nacional.

Texto 8:

D2 Português ou brasileiro?

1. Leia o texto.

Reconhecer a existência de um português brasileiro é importante, para que a gente comece a ver e ouvir a nossa língua com olhos e ouvidos de brasileiros, e não mais pelo filtro da gramática portuguesa de Portugal.

Dizer que a língua falada no Brasil é somente “português” implica um esquecimento sério e perigoso: o esquecimento de que há coisa nesta língua que é característica nossa, de que esta língua é parte integrante da nossa identidade nacional, construída a duras penas, com o extermínio de centenas de nações indígenas, com o monstruoso massacre físico e espiritual de milhões de negros africanos trazidos para cá como escravos, e com todas as lutas que o povo brasileiro enfrentou e continua enfrentando para se constituir como nação.

Por outro lado, dizer que nossa língua é simplesmente o “brasileiro” significa também

operar outros esquecimentos, outros silenciamentos: o esquecimento do nosso passado colonial, que não pode ser apagado porque é história, e a história não é passado: é presente, premente, insistente. Somos um país nascido de um processo colonial, com tudo o que isso significa.

Estamos numa etapa intermediária na história da nossa língua. Quinhentos anos atrás, ela podia ser chamada simplesmente de português. Hoje, ela pode e deve ser chamada de português brasileiro. Daqui a mais quinhentos anos, ela sem dúvida só poderá ser chamada de brasileiro. Até lá, temos de lutar para que o peso da colonização sobre nossa sociedade não seja tão grande quanto é ainda hoje.

(Marcos Bagno, *Português ou Brasileiro?*
(quarta capa) Parábola Editorial.

Avenida Brasil III: 68

Trata-se de um texto autêntico, sem ilustração, que tem o objetivo de levar aos alunos a refletir sobre a língua que estão a aprender, para conhecê-la melhor. “Reconhecer a existência de um português brasileiro é importante, para que a gente comece a ver e ouvir a nossa língua com olhos e ouvidos de brasileiros, e não mais

pelo filtro da gramática portuguesa de Portugal.” A língua é influenciada por vários processos históricos e socioculturais, uma mesma língua nos continentes diferentes, tem a sua própria construção de identidade cultural. Fiorin (1997: 34) argumenta que a língua traz uma visão de mundo, e pode ser vista como uma reflexão de cultura, ao necessitar dela para dar-lhe suporte. Nesse caso, a língua influencia uma cultura dada e também por ela ser influenciada faria vez de traço identitário de uma nação com vistas a conferir-lhe um espaço simbólico de identificação. Quando nós escrevemos e falamos noutra língua, estamos a mudar a nossa identidade porque a linguagem é o “emblema da identidade”, é um tipo de código para entrar num território. Segundo Santana (2012: 65), as identidades são “socialmente construídas, linguisticamente influenciadas e culturalmente determinadas”.

Ao longo da história de formação de português brasileiro, nos Séculos XV e XVI tem início a época de navegação, a língua portuguesa começou a ser transportada no Brasil. Mas oficialmente, os colonizadores portugueses espalharam o português arcaico no Brasil, como era em 1532. Ao mesmo tempo, várias palavras indígenas, expressões utilizadas pelos escravos africanos vinham enriquecendo o português brasileiro até 1830. A busca de português brasileiro tem um caminho tortuoso, baseado no “extermínio de centenas de nações indígenas” e “monstruoso massacre físico e espiritual de milhões de negros”. A formação do português brasileiro é definitivamente incorporada à identidade nacional.

Estas são os contornos do texto que se podem reduzir a uma frase “não podemos dizer que português brasileiro é somente ‘português’, nem é ‘brasileiro’, que se complementa na afirmação de que “estamos numa fase intermediária da nossa língua”.

Terminamos a análise do primeiro tópico “o ser brasileiro” por um breve balanço. Tratando-se da apresentação étnica de um povo tão variado, supomos que, tal como foi atrás afirmado e resulta da análise quantitativa, o número de textos a ela dedicada é parco. Talvez porque é reduzido, não dá a devida atenção a algumas das realidades

étnicas e sócio culturais verdadeiramente importantes no país. No entanto, a análise dos textos que escolhemos deixa entrever que a deficiência não está apenas no número, tanto mais que os manuais que dedicam mais espaço ao tópico fazem-no através de processos muito idênticos. Um exemplo, é a construção multimodal dos pequenos textos destinados a apresentar o “caboclo”, o “mulato” e o “mestiço oriental”; em todos os textos, simetria quase perfeita entre o texto verbal e o visual, em que o texto verbal ocupa a posição de “dado” e a imagem a de “novo”. Tal harmonia de processos é muito comum nos manuais, em geral, contribuindo para a construção do significado interno, mas aqui, ajudou a sedimentar as deficiências de significação:

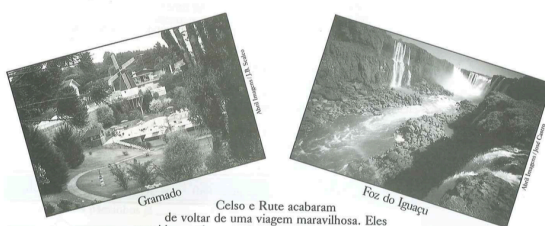
- visão estereotipada das figuras visadas (praticamente em todos os casos);
- visão superficial dos elementos que compõem o *etos* descrito (c.f. caboclo, negro);
- perspectiva etnocêntrica e paradoxal (praticamente em todos os casos, em particular na apresentação do “índio”);
- perspectiva preconceituosa (de forma direta ou indireta, praticamente em todos os textos).

Não foi possível verificar que a pluralidade e a diversidade da cultura brasileira constituem um valor importante e inegável, tal é a valorização sistemática do branco. Estando a falar de textos para serem lidos para quem demanda uma nova língua (e uma nova cultura), ao professor caberá o papel difícil de evitar as deficiências textuais, propondo novos documentos, outras visões.

4.1.2 Identidade Regional

Texto 9:

UM POUCO DE BRASIL - I




Gramado
Foz do Iguaçu

Celso e Rute acabaram de voltar de uma viagem maravilhosa. Eles convidaram alguns amigos para ver os slides da viagem:

Celso: Todo mundo pronto? Rute, apague a luz! Bom, nós começamos nossa viagem pelas Cataratas do Iguaçu.
Essa é a Garganta do Diabo, a parte mais alta e mais forte das cataratas.
Mário: Puxa, é impressionante! Olha o arco-íris! Que lindo!
Celso: As cataratas são a grande atração, mas como a gente já estava na fronteira, aproveitei para conhecer a Argentina e o Paraguai.
Rute: Depois nós fomos para Gramado, no Rio Grande do Sul.
Esse é um casal amigo que nos convidou para um churrasco típico gaúcho. Tinha um monte de gente lá, e todo mundo usando "cu": "Tu gostaste de Gramado? Esta cerveja é para ti. Está geladinha. Tu moras em São Paulo? Barbaridade, tchê!"
Vera: Você está parecendo uma gaúcha! Seu sotaque está ótimo!
Celso: O hotel onde nós ficamos...
Vera: Parece um chalé suíço.
Celso: É, a cidade toda é assim. Olha só quantas hortênsias!
Mário: E o chocolate de lá, é bom mesmo?
Celso: Você não acredita! Uma delícia! E os vinhos da região então, nem se fala! Também

puдера, com tantos imigrantes italianos e alemães, o vinho tinha que ser ótimo.
Rute: De lá fomos para Blumenau em Santa Catarina. A influência alemã na cidade é marcante. Nós até ouvimos pessoas falando alemão nas lojas.
Vera: Vocês compraram alguns cristais?
Celso: Alguns? A Rute queria comprar todos os cristais que ela via.
Rute: Que exagero, Celso! Nem tanto... Bom gente, que tal fazer uma pausa para um cafezinho?
Mário: Boa ideia!




Brasil
Área: 8.511.066,3 km²
População: 199.799.170 habitantes (Censo de 2000)
Litoral: 7.327 km

Brasil
— Veja! Você vai primeiro para a Região Norte. Uma estada de 4 dias. Vai visitar Manaus, sua cidade mais importante. Cuidado! Lá a temperatura é sempre alta e o calor é terrível!

Robert: — Temos negócios lá?
Ronaldo: — Ainda não, mas em breve sim. É uma de nossas prioridades. Temos planos muito especiais para essa região e nossos contatos lá não ficam. Discutimos o assunto na semana passada. Ontem recebemos um fax de Manaus. O convite é oficial. Você já leu?
Robert: — Não, ainda não li. Quando viajar?
Ronaldo: — Na primeira quinzena do próximo mês.

Região Norte
Estados: Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Roraima, Rondônia, Tocantins.
Área: 3.939.637,9 km² = 45,92% do território nacional
População: 12.900.704 habitantes = (3,33 hab/km²)
7,5% da população nacional
Atividades econômicas:
Extrativismo vegetal: látex, madeiras, castanha, açaí
Extrativismo mineral: ouro, diamantes, cassiterita, estanho, ferro, manganês
Indústria: parque industrial baseado em montadoras de produtos eletrônicos



45

Identidade regional a partir do diálogo: Fala Brasil: 143, Diálogo Brasil: 45

Dedicaremos à próxima secção a apresentação da identidade brasileira concentrada em regiões importantes, em que o texto proposto é um diálogo. Trata-se portanto, de textos forjados em que se espera que apresentação dos conteúdos seja indireta. Exemplificamos com textos de dois manuais FB e DB que para tal criaram personagens através das quais o diálogo pode fluir.

No primeiro caso, as personagens são brasileiros jovens em viagem pelo país, dando-se um título adequado aos objetivos dos autores “Um pouco de Brasil”. No segundo caso, sem título, o diálogo é entre Robert, um estrangeiro, com interesses económicos no Brasil e Ronaldo, seu funcionário que lhe organiza a digressão por terras brasileiras.

Os diálogos em ambos os manuais são distintos, quer na extensão (FB, tem diálogos mais longos), quer nos conteúdos; em FB, as personagens dialogam entre si, em DB, há interação com locais, sobretudo para aquisição de bens e serviços (cf. rendas, toalha, redes, etc). Os diálogos do primeiro manual, incidem diretamente nos conteúdos regionais, os do segundo manual, praticamente, na mercadoria a adquirir, mercadoria é esta que pode ser representativa da região.

Nos diálogos a representação da identidade do local, recai, sobretudo nos espaços que são definidos por uma das personagens através de frases assertivas com conteúdos claros. As orações são maioritariamente construídas a partir de um nome (espaço ou realidade referida), um processo relacional atributivo e relativos atributos. Esta configuração retórica descritiva manifesta-se, por exemplo, nos seguintes termos:

“as cataratas são grande atração.”

“o hotel parece o chalé suíço.”

“a influência alemã na cidade é marcante.”

O texto, sendo imitação do oral, entre personagens jovens, tem o registo coloquial, onde podem ocorrer manifestações de forte pendor avaliativo: “Puxa, é impressionante”, “Você não acredita, uma delícia!” “E os vinhos da região, então, nem se fala!”.

À parte desta configuração retórica predominante, o texto tem uma orientação multimodal fixa; é encimado por duas fotografias da região referida e no canto inferior direito, um mapa estilizado que permite ao leitor perceber a localização da zona do Brasil em causa. No caso do DB, as imagens correspondem as trocas comerciais e aos putativos vendedores. Neste caso, para superar a pobreza ou

ausência de referências regionais no diálogo, o texto enquadrado por uma caixa em que apresentam dados quantitativos sobre população, área, território, atividades económicas de uma região.

Como o não poderia deixar de ser, os diálogos constituem uma estratégia para apresentar os conteúdos regionais, ou seja, pela boca das personagens, realçar a grandeza e maravilha dos espaços (como por exemplo, cataratas, igrejas, arquitetura), a qualidade dos produtos (queijos, vinhos, cristais, etc.), as particularidades dos falares regionais. Pena é que, tendo em conta a riqueza e variedade, os conteúdos são superficiais. Procura-se uma apresentação com simplicidade, o que resulta numa prática de divulgação a partir de clichés o que não deixa de ser pernicioso. Como diz Maisonneuve, a realidade estereotipada tende a “ser grosseira, rígida, brutal e repousar numa espécie de essencialismo simplista.” (Maisonneuve, 1977: 118)

4.1.2.1 Gastronomia

De entre os tópicos que são, regra geral, privilegiados no ensino de PLE, a gastronomia (alimentação) ocupa uma posição de destaque porque, além das possibilidades de apresentação da cultura alvo, é assunto de inúmeras interações (no bar, no restaurante, receitas – texto instrutivo, hábitos e preceitos alimentares, etc.). No que diz, particularmente, respeito à complexidade cultural associada, as palavras de Sonati (2009) são elucidativas:

“Um conjunto de práticas alimentares determinadas ao longo do tempo por uma sociedade passa a identificá-la e muitas vezes, quando enraíza, se torna património cultural. O ato da alimentação, mais do que biológico, envolve as formas e tecnologias de cultivo, manejo e a coleta do alimento, a escolha, seu armazenamento e formas de preparo e de apresentação, constituindo um processo social e cultural.” (Sonati, 2009: 137)

Foram identificadas nos manuais três formas típicas de apresentar a cultura através da culinária ou alimentação implicando a cultura. Em primeiro lugar, podemos falar de um tipo de texto de opinião que, sendo também informativo no seu conjunto, tente a avaliar os aspetos mais interessantes da alimentação brasileira.

O texto que propomos como exemplo desta forma de abordar o tópico nos manuais, é um texto autêntico, extraído de *Casa Grande & Senzala* (Gilbert Freyre), presente em AB: 63, faz-se o elogio da contribuição dos grupos autóctones para a tradição alimentar do Brasil, referindo-se a mistura racial não como um ponto fraco, mas como vantagem do Brasil, quando comparado com as outras nações.

Texto 10:

Culinária

No regime alimentar brasileiro, a contribuição africana se afirmou principalmente pela introdução do azeite de dendê e da pimenta-malagueta, tão característico da cozinha baiana; pela introdução do quiabo; pelo maior uso da banana; pela grande variedade na maneira de preparar a galinha e o peixe. Várias comidas portuguesas ou indígenas foram, no Brasil, modificadas pela condimentação ou pela técnica culinária do negro. Alguns dos pratos mais caracteristicamente brasileiros são de técnica africana: a farofa, o quibebe, o vatapá. Das comidas preparadas pela mulher indígena, as principais eram as que se faziam com a massa ou a farinha de mandioca. Do milho, preparavam, além da farinha, a canjica e a pamonha.

Do peixe ou da carne picada e misturada com farinha, faziam a paçoca. Moqueca é peixe assado no rescaldo e vem todo embrulhado em folha de bananeira.

baseado em "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre.

Glossário

quibebe	prato cremoso feito com abóbora.	canjica	tipo de creme com milho verde ralado, açúcar, leite e canela.
vatapá	prato feito com peixe ou galinha, leite de coco, camarão, amendoim, castanha de caju e temperado com azeite de dendê e outros temperos.	pamonha	doce feito com milho verde, leite de coco, manteiga, canela e cozido nas folhas do próprio milho.

Avenida Brasil: 63

Com efeito, a cultura alimentar do Brasil é muito especial, uma vez que é formada pela mistura portuguesa, africana e indígena. Se os ingredientes utilizados na alimentação indígena eram provenientes de natureza, como folhas, legumes, raízes e frutos (os homens indígenas caçam e pescam, as mulheres cultivam os legumes - “Das comidas preparadas pela mulher indígena, as principais eram as que se faziam com a massa ou a farinha de mandioca.”); a gastronomia portuguesa trouxe o gosto pelo sal e o hábito de usar óleo vegetal e gordura dos animais, que quase não eram utilizados

pelos índios e africanos; o contributo africano misturando a farofa, o quibebe e vatapá entre outros ingredientes - “as comidas misturadas na mesma panela” (Santana, 2017).

Seria esta variedade que gostaríamos de ver e se esperava estar presente nos manuais de ensino PLE no Brasil. Como se verificou na análise quantitativa, não há um número substancial de textos sobre alimentação, culinária e seus derivados nos manuais. Com efeito, o número global dos textos dedicados deste assunto parece-nos, dada a importância do tópico, ser diminuto. Sendo diminuto, tem ainda como defeito não dar globalmente evidência à variedade e à riqueza da alimentação culinária brasileira.


A cultura apresentada é, sobre o Brasil no seu todo e destina-se informar o leitor, neste caso, a aprendizagem de PLE sobre a importância da alimentação do país. Com imagens visualmente atraentes e um glossário que dá conta desta variedade exposta. O texto, sendo pequeno, é o resumo da opinião dos autores sobre a culinária em geral. Curiosamente, este texto com o título de Culinária, começa por falar do regime de alimentação brasileira, de forma difícil e complicada, talvez menos correta de abordar, já que uma coisa é o regime de alimentação brasileira atual, fortemente influenciado pela tradição americana, do *fastfood*, etc.; outra coisa é o elemento culinário tradicional da cultura brasileira. De resto do texto é interessante, explorável, e tem a vantagem de ser um texto autêntico.

Texto 11:

AI, QUE FOME...

Conheça as delícias típicas da Região Sudeste!

MINAS GERAIS
Cozinha Mineira



Mineiro come cinco vezes ao dia. Pela manhã, café forte para os homens, ralo para mulheres e crianças - com pão e manteiga ou broa de fubá. Ao meio-dia, arroz na panela de pedra-sabão, feijão na panela de ferro, carne, angu e verduras. Sobremesa: doce de leite, ambrosia ou goiabada com queijo. No meio da tarde, quitutes: bolos, rascas, biscoitos, sequilhos e sonhos. À hora do Ângelus, quando o sino repica na matriz, o jantar: sopa, arroz e feijão com couve e ora-pro-nóbis, sem faltar a carne de porco ou o frango ao molho pardo. Uma farofa bem molhada na manteiga e com ovos. E doces de sobremesa. Antes de dormir, o bule aquece corações ao sabor do pão de queijo quentinho, dos biscoitos de nata e doce de amendoim. Minas não é uma região, é um paladar.

Tudo bem? : 45

O segundo tipo de texto, também é texto de opinião/informação, sob forma de relatório descritivo ou explicação factorial distingue-se do modelo anterior por não visar a alimentação brasileira no seu geral, mas apresentar as suas particularidades regionais e culturais. O texto por nós seleccionado faz parte de um conjunto de textos do manual TB, onde está presente muito léxico complicado por designarem realidades desconhecidas dos alunos (parece-nos que os textos não têm cuidado em tratar deste léxico de forma visual), mas de resto, constitui uma proposta muito interessante. Sob o título apelativo “Ai, que fome...”, este pequeno texto destina-se a apresentar os aspectos de cozinha mineira, de Minas Gerais e começa um por falar dos hábitos alimentares do mineiro (a hora em que acorda, a hora da refeição, etc.). São, na verdade, textos construídos numa relação entre a alimentação, quem a come, quem a cozinha e os seus hábitos. São os textos interessantes, variados e apresentam a variedade da cultura brasileira.


Infelizmente, não há abundância de textos desta natureza nos manuais escolhidos.

O terceiro tipo de texto, de que não trouxemos nenhum exemplo para esta análise, porque ser muito comum em manuais de ensino de PLE é um texto instrutivo (receita culinária), em que se propõe ao aluno que tome conhecimento de uma receita. O valor é relativo enquanto apresentação da cultura, mas permite ao professor estabelecer, ele próprio, se quiser, outro tipo de relações e elaborar sobre o assunto de uma forma diferente da que está propriamente proposta no manual.

Finalmente, referimo-nos a dois tipos de texto, dos quais vamos dar um exemplo, não orientados diretamente para a alimentação, mas em que a alimentação é um tópico abordado. Falamos de alguns diálogos, como diálogo no restaurante, no mercado, etc., em que a alimentação está relacionada, mas o objetivo principal é troca comunicativa entre o vendedor e comprador, para efeitos de aprendizagem mais de língua, em que naturalmente a cultura está presente. Não demos nenhum exemplo destes, mas trazemos um exemplo de outro texto não diretamente relacionado.

Texto 12:

LIÇÃO A **PANORAMA**
Tipos de comida



Todo país tem sua comida típica. O Brasil, por exemplo, tem a feijoada, o churrasco e a moqueca, entre outras. Nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, você consegue encontrar todos os tipos de comidas: tanto comidas típicas quanto comidas internacionais.

Qual é a comida típica de seu país?
Qual é a comida de que você mais gosta?

211

Tudo bem? : 211

Trata-se de um texto predominantemente visual (sob o título “tipos de comida”, texto do manual MP), em que se apresenta comida típica do Brasil, a feijoada, o churrasco e a moqueca, sem qualquer informação sobre o que estes termos designam. Presume-se o que o professor possa trabalhar a ausência de informação. Aqui a alimentação é apenas um pretexto; parte-se das imagens visuais, para se suscitar, da parte do aluno, as respostas podem ser orais e escritas consoante o professor quiser. “Qual é comida típica do seu país?”, “Qual é a comida de que você mais gosta?”.

Globalmente, podemos portanto dizer que os textos mais interessantes são aqueles que permitem trabalho tópico associando as pessoas, os seus hábitos, a sua cultura e a sua região nos seus espaços, às aquilo que comem. Infelizmente, temos poucos textos desta natureza. Como já foi anteriormente dito, os restantes textos concentram-se em três géneros específicos: explicação fatorial, relatório descritivo e texto instrutivo.

4.1.3 A presença da mulher brasileira

Decidimos dar uma atenção particular à presença da mulher brasileira nos manuais, não só por ser um tópico incontornável da apresentação de um povo, como por ser um dos aspetos que deixa o estrangeiro conhecer melhor uma nova cultura.

Numa primeira abordagem aos textos que explicitamente referem a questão da mulher, podemos dizer que não é frequente que a mulher seja representada de forma não sexista no desempenho de uma atividade profissional; vários são os textos que descrevem mulher como dependente do dinheiro dos homens.

Selecionamos quatro textos para um comentário mais detalhado. Estes textos serão analisados de forma comparativa já que, no primeiro par, estão representados dois modos emblemáticos de tratar a mulher, quer do ponto de vista formal, quer do ponto de vista do conteúdo. Num segundo momento, dedicaremos a nossa atenção à proposta de um manual AB em que, os próprios autores decidem contrastar duas realidades femininas brasileiras.

Vale a pena, a propósito, destacar a participação no papel social da mulher na história do Brasil, sobretudo desde os anos 80, com o início da feminização nos cursos superiores, o acesso à profissionalização nas áreas que anteriormente era ocupada pelos homens, hoje em dia há cada vez mais mulheres no mercado de trabalho. Segundo a tabela de IBGE(2010:108)²², desde 2000 até 2010, a taxa de atividade dos trabalhadores femininos aumentou 4.5%. Mesmo que em 2010 ainda seja 21.1%, ainda é mais baixa do que a dos trabalhadores masculinos.

Mesmo com nova legislação trabalhista, a prática da lei nem sempre se faz de forma correta; muitas mulheres ainda continuam a sofrer a discriminação no mercado do trabalho, até porque algumas ocupações ainda são consideradas como tipicamente masculinas ou femininas. Além do mais, regista-se uma forte prevalência de uma cultura machista, a herança de uma sociedade nomeadamente patriarcal (Machado, 2000).

²² Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010: 108

Muitas mulheres enfrentam no mercado de trabalho barreiras invisíveis ('teto de vidro') que acarretam grande dificuldade em galgar postos destacados e de maior responsabilidade, apesar das conquistas históricas do movimento feminista. Tal dificuldade pode estar relacionada com a dupla jornada de trabalho e a necessidade de conciliação entre vida profissional e vida familiar. (Proni.T; Proni. M, 2018:5),

De acordo com os dados da Organização Internacional do Trabalho em 2015, só 5% dos cargos de diretor e CEO são ocupados pelas mulheres²³. A igualdade de gêneros ainda está longe de ser realidade dentro das empresas. É esta realidade que se espera seja apresentada, direta ou indiretamente, nos manuais.

Concentremo-nos, pois nos textos escolhidos para análise.


Texto 13:

Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore

O que começou como lazer, virou profissão e, em 2005, a pecuarista Alice Ferreira assumiu a presidência da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil. É a primeira mulher a dirigir a instituição que responde por 80% do plantel nacional de gado de corte. Alice resolveu virar pecuarista quando herdou do sogro a fazenda de Indaiatuba, em São Paulo, que servia de lazer à família. Comprou gado e hoje tem um plantel de 10 mil cabeças, destinado ao melhoramento genético. "Ser pecuarista é uma profissão muito peculiar, mas a visão profissional na área é igual, independente de ser mulher ou homem", afirma. À frente da cinquentenária entidade, Alice pretende dar continuidade à administração atual, onde era vice-presidente. Entre as metas para a gestão, estão a difusão do Programa de Qualidade Nelore Natural e do Circuito Boi Verde de Julgamento de Carne, que visam estabelecer normas de criação dos animais e destacar os melhores da raça. Atualmente, são produzidas 700 toneladas/mês com o selo de qualidade da raça. Alice quer também aumentar em 20% o número de associados, que, no início de 2005, era de 1,6 mil pessoas. Para atingir essas metas, a ACNB pretendia investir R\$ 2 milhões em 2005. Alice acredita que a participação das mulheres tem crescido no setor. O reflexo da força feminina no agronegócio verificou-se no Congresso Internacional da Mulher no Campo, em abril de 2005.

Fonte: adaptado do artigo de Neila Baldi para o jornal Gazeta Mercantil, março/2005

Situação 1 - No trabalho



Em Pirapora, a cidade onde morava a família do seu Juca, funcionava uma grande fábrica de queijo. O cunhado do seu Juca, seu Miguel, era o diretor administrativo. A fábrica produzia quatro tipos de queijo e para isso usava o leite produzido na região. O seu Miguel era o responsável pela compra do leite e por isso tinha muito contato com os fazendeiros, através das reuniões que eles faziam frequentemente. Nessas reuniões eles discutiam o preço do leite, o volume da produção e outros assuntos. A secretária do seu Miguel se chamava Diva e era ela quem marcava e providenciava tudo para as reuniões.

[Na sala do seu Miguel]

— D. Diva, a senhora já marcou a reunião?
 — Já. Vai ser nessa sexta-feira, às 14:30 h.
 — A senhora conseguiu falar com todos os produtores?
 — Consegui.
 — Ótimo. A senhora podia me trazer o relatório de compras do mês passado?
 — Só mais dez minutos. Estou acabando de bater.

[Alguns minutos depois...]

[toc, toc, toc...]

— Entre, Armando.
 — Bom dia, seu Miguel.
 — Bom dia, Armando, nós precisamos resolver qual vai ser o salário dos novos funcionários da segurança.

[Antes da reunião]

— D. Diva, a senhora já providenciou tudo para a reunião com os produtores de leite?
 — Já. Eu pus lápis, borracha, caneta e um bloco para cada um deles.
 — Perfeito.

[No fim da reunião]

— A senhora anotou tudo?
 — Sim, senhor.
 — Então, depois de datilografar o relatório, deixe-o em cima da minha mesa.
 — Mas alguma coisa, seu Miguel?
 — Não. Por hoje é só. Tenha um bom fim de semana. E, por favor, não deixe para bater o relatório na última hora, como a senhora fez com o do mês passado.

Panorama Brasil: 16

Fala Brasil: 118

²³ "And the larger the company or organization, the less likely the head will be a woman- 5 per cent or less of the CEOs of the world's largest corporations are woman." (Fonte: *Woman in business and management- gaining momentum*, 2015:7)

Neste texto expositivo, a senhora é “a primeira mulher a dirigir a instituição que responde por 80% do plantel nacional de gado de corte”. A mulher aqui está a desempenhar profissionalmente, apresentada quer verbalmente quer visualmente, é branca, elegante e bem-sucedida. Além disso, a maioria dos manuais tem ausência de imagens com indivíduos bem-sucedidos de mulher negra e indígena.

A primeira parte dos textos consiste dois géneros distintos. Em primeiro lugar, o texto do PB trata-se uma autobiografia que é um texto autêntico, que nós decidimos contestar com um diálogo do manual FB, o diálogo é naturalmente forjado.

Na biografia, é apresentada uma figura feminina, da “primeira mulher a dirigir a instituição que responde por 80% do plantel nacional”, organização ligada ao gado de corte. Esta mulher é biografada, representada como branca, loira, bem sucedida, com capacidades de liderança de um determinado tipo de negócio e também com capacidade de organização que enquadra. Trata-se, ainda de acordo com a biografia, de alguém que dirige não só as suas empresas, tem sucesso na vida.

O diálogo, por seu lado, constrói-se a partir de quatro situações, em que estão em causa duas personagens; uma masculina, outra feminina. O diálogo está construído para que possa reproduzir os clichés de ambos os géneros: a figura masculina que, por detrás da boa educação, não disfarça a sua arrogância de sexo; a figura feminina também não disfarça a sua condição submissiva.

A nível do texto, estas representações são claras: na boca da figura masculina, aparecem enunciados de ordem, escritos no imperativo, o modo verbal mais adequado à expressão de ordem, mas na verdade, não aquela através do qual os brasileiros e os portugueses exprimem a ordem. Assim, pode-se associar ao homem várias orações imperativas, como por exemplo, “deixe-o em cima da mesa”, ou “não deixa para bater o relatório na última hora”, enquanto a figura feminina apenas tem direito a algumas perguntas para confirmação e a algumas sugestões condicionadas. Por exemplo, “Só mais 10 minutos. Estou acabando de bater”. “Já. Eu pus lápis, borracha, caneta e um bloco para cada um deles”.

Como foi referido, em primeiro lugar, a biografia corresponde a alguém de poder, uma exceção à regra, por se tratar de uma mulher, em contraste com o papel reservado à mulher no diálogo. É muito interessante verificar como o elemento visual apoia estes textos. De facto, a multimodalidade é muito coerente: enquanto para a biografia, temos uma fotografia que multiplica todos os atributos do texto verbal, como por exemplo, o sorriso largo, o cabelo bem penteado, olhar seguro, colares, jóias; enfim, todo o aparato do sucesso que se transfere do texto verbal.

No caso do diálogo, temos o apoio visual de um desenho figurativo, não de uma fotografia, em que as posturas das personagens são convencionais. A figura feminina está de costas, ligeiramente inclinada em direção à figura masculina, que está do outro lado de secretária, assumindo uma postura dominante. Se tivermos em conta o que temos aqui presente, faltará, nos manuais, textos que sirvam uma outra figura de mulher de sucesso na sociedade que não somente seja branca, loira e carregada de jóias, ou, por outro lado, diálogos em que o patrão (ou o elemento do dominador) seja feminino.

Sendo assim, os textos nos manuais acabam por reforçar, implicitamente, a ordem ideias convencional e desadequada ao ensino.

Verifiquemos, agora, um outro exemplo de textos nos manuais representativo de outra forma de ver a questão da mulher.

Texto 14:

O dia-a-dia de duas brasileiras

Dona Cecília, 38 anos, professora e dona-de-casa, 4 filhos.

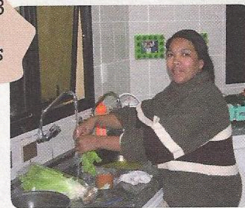
Sou professora, e mãe de 4 filhos. Três vezes por semana, dou aulas numa escola particular. Como nossa casa é grande e dá muito trabalho, tenho uma empregada e uma faxineira. As crianças almoçam em casa. Durante a semana, à tarde, elas têm aulas de inglês, de teclado, de judô e de ballet. Eu as levo para lá e para cá o tempo todo. E depois, vou buscá-las. É terrível, mas, o que posso fazer? À noite, geralmente, ficamos em casa; mas, de vez em quando, às 6^{as}-feiras, meu marido e eu saímos. Às vezes, quando o tempo está bom, vamos à praia no fim de semana. Temos uma casa lá.



© Agência Brasil

Dona Conceição, 43 anos, empregada doméstica, 4 filhos adolescentes.

Moro na periferia, longe do meu emprego. Levanto muito cedo, dou café para minha família e vou trabalhar. Tomo dois ônibus. Chego às 8 horas na casa da minha patroa. Limpo a casa, lavo e passo roupa, faço o almoço e arrumo a cozinha. Às 4 horas, vou para casa. Mais dois ônibus! Em casa, eu tenho muito serviço, mas o que posso fazer? Meus filhos, graças a Deus, já estão trabalhando: dois na fábrica, os outros, num supermercado. O Zeca vai à escola à noite. Ele diz que gosta de estudar.



Avenida Brasil I : 44

Trata-se do manual AB que optou colocar num mesmo espaço em oposição paralela, duas propostas de autobiografias, em que são contrastadas duas personagens, quer visualmente, quer textualmente. Estas personagens são contrastantes em todos os aspetos, exceto num que é o número de filhos – ambas têm 4 filhos.

Quais são os aspetos mais relevados?

À esquerda, temos a Dona Cília, que tem como profissão ser professor, contraste com a Dona Conceição, que é empregada doméstica. A Dona Cecília é branca enquanto a Dona Conceição é negra. Os filhos da Dona Cecília têm aulas de língua, de judo, de teclado, de ballet, enquanto os filhos da Dona Conceição, dois já trabalham, embora sejam jovens, um ainda vai à escola à noite. A senhora branca é professora, mora numa casa grande onde tem uma empregada e uma faxineira. No fim de semana, passa férias com o seu marido nas praias. Ao contrário, a senhora negra tem muitos trabalhos por fazer no dia-a-dia, mora longe do centro de cidade, sem poderes económicos.

No que diz respeito a aqueles consideram difícil ambas destacam com dificuldade, para a Dona Conceição, é o facto diariamente deslocado só trabalho ter que apanhar o ônibus, dois de cada vez. Enquanto para a Dona Cecília, que tem o trabalho part-time.

O que é “terrível” é a ocupação de levar e trazer as crianças. Com certeza, a Dona Conceição não tem tempos livres nem grandes divertimentos ou não menciona esses factos na sua autobiografia, mas, a representante da classe mais alta não deixa de afirmar que sai com o seu marido.

Esta solução é visual, a multimodalidade é consistente, tudo é paralelo, também o tamanho das fotos são muito idênticas. A própria cor da pele é contrastante, portanto, a multimodalidade é bastante coerente com a intenção dos autores. Estes, claramente, pretendem propor textos em que seja possível, aos alunos, identificar dois tipos de realidades brasileiras postas, e permitir que, através destas diversas ocupações, trabalhos, profissões, vestuários, hábitos, consigam integrar e perceber melhor a sociedade brasileira. Consideramos que textos como o exemplificado, do manual AB, é muito mais fértil no campo pedagógico porque permite uma exploração e uma aproximação mais natural dos aprendentes à realidade do Brasil.

Por outro lado, pode-se argumentar que as imagens realçam o estereótipo do negro sem alta educação.

4.1.4 Festas Brasileiras

De modo geral, a imagem de um país é construída a partir das informações e experiências, sobretudo por quem não o conhece. Para muitos estrangeiros que ainda não foram ao Brasil, a imagem que eles tinham do país era a do carnaval todo o tempo. Na verdade, não há muitos países que possuam uma identidade tão positiva e relacionada com festas, alegria e comemoração.

Texto 15:



Diálogo Brasil: 195

O texto de DB é autêntico, supostamente jornalístico, sem se indicar a origem. No título define alegria como “vocação brasileira”. A palavra alegria associa-se com a noção da festa, da facilidade da comunicação, da facilidade de intervenção, com as frases próximas do *slogan* como: “De janeiro a dezembro, uma agenda repleta de eventos”, “Cantar e dançar está no sangue do brasileiro”. “Ritmo é com ele” realça essa imagem. O estereótipo de alegria foi consolidado desde os anos 1930 em verso e prosa, como um componente marcante da brasilidade. Mais tarde, crônicas, ficções, ensaios, reportagens e campanhas turísticas vêm reforçar esta característica do povo brasileiro. De acordo com Filho (2015: 401), a alegria é destacada e elogiada pelos viajantes saudosos e discursos publicitários.

“A típica alegria dos brasileiros foi captada e cristalizada em um singelo conjunto de imagens, ritmos e símbolos: os saracoteios do samba na Sapucaí; as ruas ocupadas por foliões eufóricos e irreverentes; garis que removem os restos da festa, bailando felizes da vida; a descontração desnuda nas praias; o jeito lúdico de praticar e de apreciar o futebol; a forma risonha ou gaiata de aguentar o fardo de uma rotina de trabalhos estafantes e de direitos precários”. (Filho, 2015: 402)

A alegria do povo brasileiro aparece fundida lexicalmente em samba, festas, praia, verão. Toda esta construção propicia a leitura do estrangeiro de um certo otimismo do povo perante as situações negativas do cotidiano. Nos textos, este traço, nunca é associado ao ‘excesso de relaxamento’ ou ‘falta de compromisso’, pelo contrário, esse aspecto é enaltecido como um estereótipo a ser copiado. A falta de profundidade na apresentação das festas brasileiras também contribui para a visão estereotipada de que estamos a referir.

Texto 16:

Texto narrativo

O carnaval

A maior festa popular brasileira e a mais conhecida mundialmente é, sem dúvida, o carnaval. Oficialmente, o carnaval dura três dias: domingo, segunda-feira e terça-feira. Na realidade, porém, a festa começa já na noite de sábado e só termina na manhã de 4ª feira de Cinzas.

Alegria ou ilusão?
 “A gente trabalha
 o ano inteiro,
 Por um momento de sonho
 Pra fazer a fantasia de rei,
 De pirata ou jardineira,
 E tudo se acabar
 na 4ª-feira”.

A tradição dessa festa vem desde os tempos da guerra do Paraguai. No começo era o entrudo, festa de origem européia. Fazendeiros, peões, brancos e pretos brincavam nas ruas, jogando água, farinha de trigo e polvilho uns nos outros. Com o tempo, por causa dos excessos, o entrudo foi proibido em algumas cidades. Acabado o entrudo, apareceram os bailes de salão. O primeiro realizou-se no Rio de Janeiro, em 1840. O povo, no entanto, sem o entrudo, inventou outras formas de mostrar sua alegria nas ruas. Em 1846 surgiu “o cordão do Zé Pereira” — um grupo de pessoas que saíam pelas ruas da cidade, com bumbos e tambores, fazendo um barulho ensurdecedor. Depois, muito depois, apareceram os corsos — um enorme desfile de carros, muitos com capotas de lona abaixadas, levando foliões fantasiados, muito confete, serpentina e alegria. Os corsos ficaram famosos em todo o país e mesmo cidades pequenas do interior costumavam fazê-los.

Várias cidades brasileiras mantêm hoje, por tradição, um carnaval de rua com características bem próprias. Em Salvador, na Bahia, por exemplo, o Trio Elétrico, um caminhão muito iluminado e lento, tocando músicas camavalescas num volume de som infernal, é seguido pela multidão que, com ou sem fantasia, dança e brinca na maior confusão. Em Recife, capital de Pernambuco, pelas ruas multidões dançam o frevo — música de ritmo muito agitado e alegre.

Os desfiles das escolas de samba são certamente o que há de mais espetacular nos festejos camavalescos. Embora haja desfiles em várias cidades brasileiras, o Rio de Janeiro é, sem sombra de dúvida,



Foto: Desfile carnaval 1996, sambista do Escola Unidos de Pernambuco/RL



Foto: Simulacro, de Henrique Balthaz, Acervo RBN

Falar, ler e escrever: 209

Neste contexto, a referência ao Carnaval constitui um dos lugares obrigatórios de apresentação da chamada cultura popular brasileira. Há, porém, múltiplas formas de

abordar o assunto, a maior parte delas arredadas das práticas dos manuais consultados.

Na verdade, de acordo com Bolognini (1991: 46), os LDs não servem apenas para cumprir a sua função primordial, também assumem a função de cartão postal do país onde se fala a língua-alvo, apresentam os lugares bonitos, os monumentos conhecidos tal como os cartões postais o fazem. O Carnaval apresentado em *FLE* celebra-se nas diversas regiões com várias tradições, tais como os Trio Elétricos e a dança do frevo, não se limita somente ao Rio de Janeiro.

No texto proposto, o género textual é o relatório descritivo e não a narrativa, como é apresentado num dos títulos da página. Nele se relata a história seguindo uma ordem cronológica para explicar a dimensão e as camadas de significados que o carnaval possui no coração dos brasileiros: “A gente trabalha o ano inteiro, por um momento de sonho. Pra fazer a fantasia de rei, de pirata ou jardineira, e tudo se acaba na 4ª feira”. As imagens que acompanham o texto mostram os corsos e uma máscara, frisando as ideias de “sonho” e “fantasia”.

A questão que se coloca com a opção dos manuais por este tipo de textos é se ela serve mais para apresentar didaticamente um tópico cultural inerente ao Brasil ou se a alegria do carnaval brasileiro, especialmente o carioca, espelhada na escolha textual, mais não serve do que para reforçar o estereótipo da imagem do Brasil aos estrangeiros. Com efeito, se há aspeto da cultura brasileira conhecida no mundo, o Carnaval está entre eles.

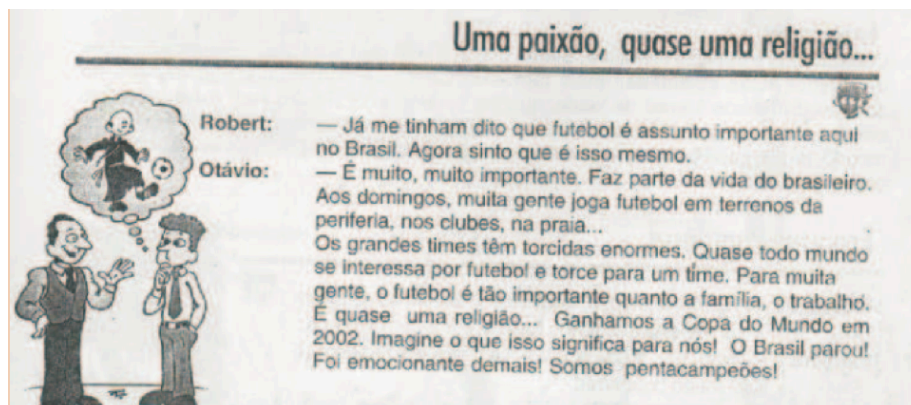
4.2 O estar brasileiro

4.2.1 Fanatismo por futebol

Mais um elemento do ser brasileiro entre aqueles são conhecidos em todo o mundo, é o forte pego de futebol. Tipicamente, este assunto é trabalhado em diálogos

informais entre dois torcedores para usar a sua linguagem, ou entre personagens de um estrangeiro e um brasileiro.

Texto 17:



Diálogo Brasil: 137

Texto 18:

Fanático por esporte

A: Oi, Beto. Você viu o Juninho hoje?

B: **Ainda não. Por quê?**

A: Meu! O cara é mesmo fanático! O Corinthians ganhou o jogo ontem e hoje ele está todo vestido de branco e preto, boné do Corinthians, bandeira amarrada na mochila...

B: **O cara é demais! Você sabia que ele tem um pôster dos jogadores na parede do quarto dele e uma bandeira colada na porta?**

A: Isso é que é paixão por futebol!

B: **Nada contra. Eu também gosto de torcer pro meu time. Fico ferrado quando o Palmeiras perde, mas acho que o Juninho é um pouco exagerado. Outro dia, ele não veio à escola só porque o Corinthians perdeu de virada pro Sport. Você também é Corinthiano, Eduardo?**

A: Que nada! Tô fora! Eu sou Fluminense.

B: **Então acho melhor você nem chegar perto do Juninho hoje.**

A: É. Tô sabendo. O Fluminense perdeu de 5 a 3 pro Corinthians nos pênaltis.

B: **Vai ser a maior tiração de sarro!**

A: O cara vai ficar no meu pé o dia todo.

Tudo bem? : 80

Com efeito, o futebol instaurou-se na lista cultural do país, da qual contabiliza os símbolos cruciais que cada brasileiro deve possuir para ser “brasileiro”. A paixão pelo futebol é indubitável. “faz parte da vida do brasileiro”, “O futebol é tão importante quanto a família, o trabalho. E quase uma religião”. Essas expressões são incluídos nos textos como se fossem uma marca idiossincrática do povo brasileiro, destacando a importância cultural e identitária que este desporto exerce na sociedade brasileira.

Trata-se de uma perspectiva praticamente unidimensional e generalizada, que atinge apenas o caráter geral da nação, os manuais não se referem as particularidades da identidade que sustentam o pego de futebol nem as bases sociológicas que o explicam. De modo geral, o povo brasileiro torce por equipas do Estado e o pela equipa nacional, como forma de pertença; uma identidade patriótica. A devoção do povo tornou-o fanático, por que ganhar ou perder já não é uma dicotomia, mas um duelo final entre as torcidas ganhadoras e perdedoras, às vezes até acabar com os mortos e feridos.

O diálogo em TB reflete o fanatismo de futebol de uma forma indireta e cria condições para refletir sobre a própria cultura por posição à brasileira. No diálogo, os interlocutores falam sobre um rapaz fanático que torce pelo Corinthians, veste as cores da equipa na escola e a sua mentalidade é facilmente afetada pelo jogo. Todo o ambiente criado deixa aos alunos estrangeiros uma impressão de que, o futebol não é somente um desporto, mas também constitui um sentimento de pertença.

O diálogo apresenta marcas fonéticas da oralidade na escrita, por exemplo, tô/estou, pro/para. Também estão presentes termos da gíria como *tiração de sarro*.

Reforçam o estereótipo positivo em LDs. Ao apresentar aos alunos estrangeiros o elemento da paixão pela equipa, a importância do coletivo das torcidas.

4.2.2 O jeito brasileiro

Texto 19:

LIÇÃO B **PANORAMA**
Costumes



Cada país tem seus costumes, assim também acontece com o Brasil. Vamos ver agora alguns dos costumes brasileiros mais dificilmente entendidos pelos estrangeiros, como o jeitinho brasileiro - maneira de achar solução para tudo - os beijinhos nos cumprimentos e o atraso nos encontros.

Quais são os costumes mais populares no seu país?
Há algum costume, no seu país, que os estrangeiros acham estranho?

Muito Prazer! : 216

O exemplo textual de MP alude ao tema de “costumes”, que são apresentados como “dificilmente entendidos” pelos estrangeiros. O primeiro é o jeitinho brasileiro definido como maneira (brasileira) de solucionar tudo, tema também apresentado em outros manuais como em DB, com mais detalhes. O segundo é os “beijinhos” como forma de cumprimento, apoiado numa imagem ilustrada de duas pessoas, provavelmente, numa festa. Esta prática, aparentemente, refere a generalidade do brasileiro e não situações específicas, independentemente do comportamento e hábito dos falantes. O terceiro elemento de “costumes” é o atraso nos encontros, também referido em outros manuais como AB e EB, este último proposto abaixo. Esses três aspectos confirmam o estereótipo brasileiro.

Texto 20:

2 A questão da pontualidade

Você pôde observar que o último comentário de Olivier é sobre a possível falta de pontualidade do brasileiro. Sobre isso, veja um trecho do livro *O essencial*, de Costanza Pascolato, consultora de moda, empresária e considerada por muitos como uma das mulheres mais elegantes do Brasil.

"No Brasil, como em qualquer lugar do mundo, a pontualidade em compromissos profissionais é fundamental. Mas quando se trata de reuniões sociais... A hora de chegar é importante. É um problema no Brasil, onde a ordem parece ser chegar sempre mais tarde. Ninguém quer ser o primeiro. Realmente é chato, fica aquela coisa mortal: você sozinha dentro da casa alheia. Porque, às vezes, nem mesmo o anfitrião chegou – se for realmente cedo, ou exatamente às nove quando se marcou às nove, há o risco de até o dono da festa ainda estar tomando banho, essas coisas. Portanto, diria que é tão malcriado chegar muito tarde quanto muito cedo" (Pascolato,


Estação Brasil: Plataforma I

Destaca-se o facto de o autor desse texto ser uma mulher brasileira, empresária, bem-sucedida e elegante, aspetos que são usados como cunhagem (poder de voz autoral) de uma verdade, logo mais convincente. Será necessário não ignorar que, tratando-se de um manual de ensino de línguas, temos dois autores: o autor do texto quando é autêntico, e o autor do manual que faz uma escolha. Neste caso, a explicação para a questão da falta de pontualidade, é justificada por uma questão de delicadeza “tão malcriado chegar muito tarde quanto muito cedo”.

Texto 21:

O brasileiro: seu jeito de viver, de trabalhar e de fazer negócios **A4** dialogar

O bombeiro
No Brasil, o herói da empresa é o apagador de incêndios, o resolvidor de emergências. Admira-se quem reage depressa, quem descobre saídas. O planejador, ao contrário, é considerado burocrático, sonhador, fora da realidade.



Victor: (engenheiro recém-chegado do Canadá) — E isto é verdade?
Robert: — É. Por isso o brasileiro é flexível, criativo. Ele vive em um ambiente instável, com regras que podem mudar a qualquer momento, com leis que “pegam” e leis que não “pegam”. Na empresa, os executivos precisam ser ágeis, precisam fazer planos de contingência.
Victor: — Então imagino que os planos são implantados nas empresas com mais facilidade.
Robert: — Claro. O brasileiro se adapta rapidamente a novas situações. Aprende a ser esperto, vivo. E há também o jeitinho brasileiro, uma forma positiva de simplificar as coisas, de eliminar obstáculos.
Victor: — Assim tudo fica mais fácil, tudo dá certo.
Robert: — Nem sempre, Victor. Veja os pontos negativos. Por ser muito flexível, o brasileiro, em geral, detesta regras e minúcias. O “jeitinho”, uma maneira tão simpática de facilitar a vida, às vezes pode ser desonesto. E a autoconfiança excessiva e o otimismo permanente são um perigo...

Diálogo Brasil: 225-226

O texto é o diálogo tirado do Exame de 2000 em *Gestão à brasileira*, Tanure (2003) alude a três eixos básicos da cultura brasileira: a flexibilidade, as relações pessoais e o poder. A primeira destas partes refere-se justamente ao jeitinho brasileiro. No diálogo entre personagens Vítor e Robert, sobressai a ideia de que “o brasileiro se adapta rapidamente a novas situações. Aprende a ser esperto, vivo. E há também o jeitinho brasileiro, uma forma positiva de simplificar as coisas, de eliminar os obstáculos”. Ficamos a saber com esta definição pela boca de uma das personagens Robert (representante do “outro”, personagem a quem é apresentada a cultura do Brasil).

Como apareceu esse costume do jeitinho brasileiro? Qual é a sua origem? Confiemos nas palavras de Livia Barbosa:

O jeitinho é sempre uma forma “especial” de se resolver algum problema ou situação difícil ou proibida; ou uma solução criativa para alguma emergência, seja sob a forma de conciliação, esperteza ou habilidade. Portanto, para que uma determinada situação seja considerada jeito, necessita-se de um acontecimento imprevisto e adverso aos objetivos do indivíduo. Para resolvê-la, é necessária uma maneira especial, não é eficiente e rápida, para tratar do “problema”. (Livia Barbosa, 2005: 41)

Na sociedade atual do Brasil, o jeitinho brasileiro emerge no cotidiano, e aparentemente, os brasileiros já estão habituados; acham bonito, inocente e necessário. Porém, esta pode não ser uma característica de que o povo se deva orgulhar, segundo alguns autores ou observadores da realidade brasileira: “É lobo em pele de cordeiro, é o embrião da corrupção, é a escola da safadeza.” Todo povo brasileiro é o culpado, vítima e mantenedor do sistema. (Rodrigues Neto, 1994: 25)

No próprio diálogo, Robert não deixa de dar conta dos pontos negativos “às vezes pode ser desonesto, autoestima excessiva e o otimismo permanente.” Qual o espaço

que esta reflexão tem nos manuais? Aparentemente, quase nenhum, ou nenhum mesmo.

Terminamos com sugestão de um texto que usa uma estratégia já identificada em outros lugares deste capítulo: a de colocar na boca de uma personagem, no caso vertente um estrangeiro, no Brasil, as opiniões que, supostamente, os autores dos manuais consideram apropriadas. Justificamos a escolha deste texto com facto de nele se referir, não um aspeto isolado da cultura, mas várias observações sobre distintos tópicos. Aqueles que a personagem decide registar no seu blogue.

Texto 22:

Culturas diferentes atraem você?

Olivier, um jovem francês que veio estudar em Belo Horizonte, tem um *blog* ((*O outro*) *diário do Olivier* ;)), em que relata várias experiências, inclusive algumas particularidades do modo de vida brasileiro. Veja uma postagem que circulou bastante na Internet. Nela, Olivier descreve comportamentos que lhe causaram estranheza ou encantamento.

Aqui são (sic) umas das minhas observações, às vezes um pouco exageradas, sobre o Brasil. Nada sério. [...]

Aqui no Brasil, é comum conhecer alguém, bater um papo, falar “a gente se vê, vamos combinar, tá?”, e nem trocar telefone. [...]

Aqui no Brasil, o clima é muito bom. Tem bastante sol, não está frio, todas as condições estão reunidas para poder curtir atividades fora. Porém, nos domingos, se quiser encontrar uma alma viva no meio da tarde, tem que ir pro shopping. As ruas estão às moscas, mas os shoppings estão lotados. Shopping é a coisa mais sem graça do Brasil. [...]

Aqui no Brasil, Deus está muito presente... pelo menos na linguagem: ‘vai com o Deus’, ‘se Deus quiser’, ‘Deus me livre’, ‘ai meu Deus’, ‘graças a Deus’, ‘pelo amor de Deus’. Ainda bem que ele é Brasileiro.

Aqui no Brasil, relacionamentos são codificados e cada etapa tem um rótulo: peguete, ficante, namorada, noiva, esposa, (ex-mulher...). Amor com rótulos. [...]

Aqui no Brasil, o povo é muito receptivo. É natural acolher alguém novo no seu grupo de amigos. Isso faz a maior diferença do mundo. Obrigado, brasileiros!

Aqui no Brasil, os brasileiros acreditam pouco no Brasil. As coisas não podem funcionar totalmente ou dar certo, porque aqui é assim, é Brasil. Tem um sentimento geral de inferioridade que é gritante. Principalmente a respeito dos Estados Unidos. Tô esperando o dia quando o Brasil vai abrir seus olhos. [...]

Aqui no Brasil, as pessoas saem da casa dos pais quando casam.

Assim tem bastantes pessoas de 30 anos ou mais morando com os pais. [...]

Aqui no Brasil, marcar um encontro às 20h significa às 21h ou depois. Principalmente se tiver muitas pessoas envolvidas. [...]
(Teboul, 2013).

Estação Brasil : Plataforma I

O texto é autêntico com a visão estrangeira sobre os brasileiros, constata a existência de estereótipos. Num estilo oralizado e informal, com expressões como *bater um papo*, *às moscas* e *dar certo*, o texto constrói-se discursivamente a partir da circunstância. Aqui no Brasil, que é *leit motiv* para o discurso sobre o “outro”. Vemos um retrato bem definido dos brasileiros: amigáveis, consumistas, religiosos e recetivos, sem autoestima, acreditando pouco neles próprios: “As coisas não podem funcionar totalmente ou dar certo porque é assim, é Brasil. Tem um sentimento geral de inferioridade que é gritante”.

Com problemas sociais no âmbito de saúde e educação, com as taxas de desemprego cada vez maiores, acontece que o povo brasileiro não tem confiança no governo nem em si próprio, sofre de uma baixa autoestima. Criticar o país é um vício e os que ousam enfatizar os pontos positivos são vistos como hipócritas ou ingênuos.

A visão do bloguista estrangeiro continua: “Aqui no Brasil, marcar um encontro às 20h significa às 21h ou depois. Principalmente se tiver muitas pessoas envolvidas.” Um povo que não se sabe ser pontual nem é comprometido com o horário, é algo que é apresentado como característico do povo brasileiro; porém, não serão os brasileiros,, sempre, os mais atrasados.

O percurso pela textualização do estar brasileiro nos manuais oscila entre dois pólos convencionados. Por um lado, o Brasil, um país que almeja por um lugar de destaque no cenário mundial. Apesar de suas várias conquistas, tais como: é a terceira maior democracia do mundo, com o sistema bancário mais moderno, reconhecido até nos EUA, um dos membros de BRICS; por outro lado, o país do carnaval e do futebol, das praias e das mulheres bonitas, da falta de autoestima, de pontualidade. Convenhamos que, o primeiro Brasil está muito mais patente nos textos dos manuais do que o segundo.

Considerações Finais

“Vou ficar na capital, Rio de Janeiro, famoso pelo Carnaval e pelas mulatas bonitas. Vou poder ver o Carnaval porque vou em abril para lá. Espero que alguma mulata bonita me ensine a sambar.”

Bem Vindo!: 43

Iniciamos esta secção de “considerações finais” por propor a leitura de um texto de BV. Esta forma pouco canónica iniciar uma secção que pretende ser conclusiva de um tipo de práticas identificadas nos manuais para a apresentação da cultura brasileira, justifica-se por, neste conteúdo textual, confluírem algumas linhas gerais marcantes destas práticas discursivas.

Antes de passarmos à análise do texto, pretendemos deixar claro que, tendo escolhido a análise crítica do discurso como referência teórica, fazemos um balanço positivo do contributo recebido, embora aceitemos que, estando sempre presente como pano de fundo, nenhuma das suas ferramentas foi aproveitada em detalhe, porque sentimos que a sua exploração em domínios tão diversos, iria extravasar os limites desta dissertação. Por exemplo, se se concentrasse apenas na imagem da mulher ou nas questões étnicas, seria possível escolher uma ferramenta da ACD e aplicá-la de forma detalhada ao tópico.

O PAÍS E O IDIOMA



Esta imensidão cercada pelo Oceano Atlântico, pelas Guianas, pelo Suriname, pela Venezuela, pela Colômbia, pelo Peru, pela Bolívia, pelo Paraguai, pela Argentina e pelo Uruguai tem um nome imponente: REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. É um país bom para nós, brasileiros, e para todos que nos visitam ou que mudam para cá: não temos guerras nem grandes catástrofes naturais. Muitos de nós, contudo, passam por muitas dificuldades financeiras mas é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria. O Brasil é dividido em 5 regiões e cada qual é conhecida dentro e fora do país por algumas características bem marcantes. O *Norte* abrange a Amazônia com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas. É num estado *Nordestino* que se fala o português mais correto do Brasil: no Maranhão. É também no *Nordeste* que se encontram algumas das praias mais famosas e tão bonitas que atraem turistas do mundo inteiro. Na Região *Sudeste* está uma das cidades mais conhecidas do mundo, verdadeiro cartão-postal do Brasil: o Rio de Janeiro com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas. A capital do país, Brasília, se situa no Distrito Federal que está na Região *Centro-Oeste*. Já boa parte dos imigrantes italianos, japoneses e alemães optou por habitar na Região *Sul* onde provavelmente o clima se aproxima mais ao das suas terras de origem. Um grande elo de união do nosso povo é que em todas as regiões do Brasil fala-se português!

No decorrer desta unidade você terá oportunidade de conhecer muito, muito mais sobre esta linda terra *onde canta o sabiá!*

Bem-vindo! : 73

Trata-se de um texto que, na sua pequenez, se esforça por trazer uma imagem positiva e sincrética do país, tal como identificado na introdução desta dissertação. Em primeiro lugar, faz-se ressaltar o nome do próprio país que é **imponente**, o país que é **bom** para “nós” brasileiros, para os que visitam, país que tem uma cidade **belíssima**, entre muitas outras, com praias **famosas e tão bonitas que atraem (os turistas)** e onde a **beleza** das mulheres se associa de forma incrível, sublinhada pelas reticências “o Rio de Janeiro com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e...suas mulheres bonitas”.

Um país onde as pessoas, apesar das suas dificuldades, teimam em **cantar o sabiá**, porque têm **otimismo e alegria**. Todas estas características identificadas confluem na ideia de que, a seleção deste texto fez-se para produzir uma imagem positiva, sincrética. De resto, consegue falar das cinco grandes regiões em termos de tal modo sintéticos que não ficamos com nenhuma ideia concreta de cada uma delas. Trata-se portanto um texto representativo do esforço em apresentar uma imagem positiva, que coincide com outro esforço, o de tentar colocar o particular no global a

variedade no monolitismo, a complexidade no banal. Resultam destas duas motivações combinadas, uma linguagem sincrética, muito pobre (repare-se na pobreza da adjetivação, a negrito no nosso texto). Sabe-se que é impossível, num texto tão pequeno, dar em entender qualquer noção verossímil do país; o resultado são frases pré-fabricadas, denotadas de uma determinada leitura, neutralização da variedade, superficialidade, estereótipos (a mulher, neste texto). Segundo Ribeiro (2000), o “corpo nu das nativas” é considerado como objeto central da construção de estereótipos sobre o Brasil. Este fenómeno em que se vê as mulheres brasileiras como puro objeto de desejo é quase a imagem que circula no exterior, disseminada pelos próprios brasileiros e por estrangeiros.

Consegue-se num texto tão pequeno, além de referir as regiões através de uma descrição global, fazer uma alusão à língua que é falada, de resto, seguindo o roteiro que é traçado no título do livro. Esta alusão à língua, afirmando que o português mais correto é o do Maranhão, é tão ilusória quanto toda a restante imagem que é passada do Brasil, já que não é possível afirmar variedades nacionais mais ou menos puras do que outras. Uma outra particularidade será o fenómeno de hibridismo temático: textos em que, por exemplo, a beleza da mulher pode aparecer por ser tratada em textos cujo tópico central é a etnia ou quando, como no exemplo acima, se faz a referência à cidade do Rio de Janeiro.

Ao longo desta dissertação, designadamente na análise qualitativa, fomos identificando e comentando as práticas que nos parecem ser mais perniciosas na apresentação da cultura em manuais de ensino de línguas. Isto não significa que muitos textos, em vários manuais, não recorram a formas mais favoráveis de apresentação de uma cultura; todavia, pareceu-nos mais adequado, numa dissertação desta natureza, dedicar mais espaço ao que será necessário melhorar. De resto, outros autores, vêm chamando a atenção para a mesma pecha, como é o caso de Kawachi e Lima (2013) que a estende a toda a prática didática, afirmando que algumas metodologias de ensino parecem não permitir abertura o suficiente para a inclusão de

conteúdos de preocupação social de temas abrangentes e transversais, atendo-se ao estudo de estruturas linguísticas em detrimento da formação cidadão do estudante. Além disso, os materiais didáticos adotados geralmente privilegiam concepções superficiais de cultura, ficando ao nível de “curiosidade” (Kawachi e Lima, 2013: 96).

As características acima identificadas são simbólicas de uma visão do Brasil em parte dos manuais; outras tentativas textuais coexistem, tentando apresentar a variedade como riqueza e procurando descrições mais particulares e detalhadas, menos superficiais da realidade brasileira. Os estereótipos, a discriminação (racial ou outra), por norma, colam-se ao primeiro tipo de práticas. Podemos, graficamente, sintetizar os dois tipos de práticas identificados:



Figura 6: As duas apresentações da cultura brasileira

A questão colocada na nossa introdução quanto à possibilidade de promover uma imagem junto dos aprendentes suficientemente criativa para apresentar os aspetos particulares da cultura brasileira, posto que é na sua variedade que está a riqueza cultural do Brasil, não tem, para já resposta, ou não sabemos dar melhor resposta à questão. Mas, a análise das imagens e dos textos contidos nos 12 manuais

permite concluir que, provavelmente, a ideia de um sincretismo textual que explique a variedade da cultura, não é o melhor processo ou caminho a seguir.

Em primeiro lugar, já referimos que este reforço redundou, frequentemente, na promoção de um país como cartaz turístico, logo, numa apresentação do que há de mais superficial e imediato numa cultura. A miúdo, verificou-se que estas práticas têm uma consequência paradoxal: valoriza-se o secundário, desvalorizando-se aquilo que é central, mais importante. Como referimos no corpo da dissertação, o país tem uma promoção exterior para efeitos turísticos, económicos, etc. Essa promoção encontra prolongamento em parte dos textos dos manuais, onde os aspetos conhecidos em todo o mundo como fazendo parte desta imagem pré-fabricada (cf. o carnaval, a beleza da mulher, o futebol, a alegria), são exatamente os elementos que alguns manuais não conseguem evitar falar.

Pelo caminho, neste esforço de sintetizar aquilo que provavelmente não é sintetizável, correm-se em riscos como ficar demonstrado da estereotipação. Sejam erros associados à beleza; as belezas naturais das praias, das regiões, das mulheres e os seus estereótipos - de resto, a figura da mulher brasileira com muita frequência, é feita a partir da visão masculina. Estes esforços que temos vindo de identificar tem uma outra consequência: os géneros discursivos envolvidos na apresentação da cultura, são pouco variados. Chamamos atenção, ao longo da dissertação, para a pouca variedade (o diálogo, o texto de opinião, o relatório descritivo ou a explicação fatorial).

Temo-nos, até agora, neste texto conclusivo, referido praticamente aos textos verbais; mas, se atentarmos na multimodalidade, ou seja, no modo como o elemento visual acompanha os textos escritos, verificámos que *grosso modo*, as características identificadas encontram, quase sempre na multimodalidade um reforço, como fomos chamando a atenção ao longo da nossa análise.

Na verdade, o que define um povo, não é a democracia territorial, a cor da pele ou a língua falada, mas sim um conjunto de características que fazem dele um

organismo que desperta a pertença a um grupo identitário. Neste sentido, um texto que seja concebido ou selecionado apenas como repositório de estruturas gramaticais para o ensino da língua-alvo não estará verdadeiramente em condições de cumprir plenamente a sua função mediadora. Como veículos de mediação cultural, os manuais constituem uma bússola para a descoberta da identidade brasileira, no caso de se ser um aprendente estrangeiro da língua.

Consideramos a apresentação que trazemos nesta dissertação, da apresentação da cultura brasileira nos manuais, é fidedigna, baseada em critérios seguros e que permite, se não responder, pelo menos a questionar o modo como as culturas dos países, sejam grandes ou pequenos, mas sobretudo de países tão variados como o Brasil, podem ser representados no seu sincretismo, em documentos de ensino como os manuais de PLE.

Bibliografia

Alfonso, L. P. *Embratur: Formadora de imagens da nação brasileira*. Dissertação (Mestrado em antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, São Paulo, Campinas: Unicamp, 2006.

Almeida Filho, J. C. P. *O Ensino de Português para Estrangeiros: Pressupostos para o Planejamento de Cursos e Elaboração de Materiais*. 2.ed., Campinas: Pontes, 1997.

Andrade, Oswald. *Manifesto Antropófago*. Em: *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Bagno, M. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, São Paulo: Loyola, 1999.

Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Barbosa, L.M.A. *Visões interculturais ou identidades cristalizadas? O Brasil e os brasileiros nos livros didáticos de Português para estrangeiros*. Anais do XII Congresso da ARIC, Florianópolis, 2009.

Disponível em <http://www.aric2009.ufsc.br/publicacoes.htm>

Barizon, T. *Faces do Brasil e dos Brasileiros em Imagens de Livros Didáticos de Português para Estrangeiros*. UFSCar, São Carlos, 2010.

Berns, M; Matsuda, P K. *Applied Linguistics in Concise Encyclopedia of Applied Linguistics*, Purdue University, Elsevier Ltd, 2006.

Bolognini, C. Z. *Livro didático: cartão postal do país onde se fala a língua-alvo*. Campinas: Unicamp, 1991.

Brown, H.D. *Principles of language learning and teaching*. 5.ed. White Plains: Pearson Longman, San Francisco State University, 2007.

Brumfit, C. *How applied linguistics is the same as any other science*. Em *International journal of Applied linguistics*, Volume 7, Issue 1, 1997.

Buckingham, D. "Introducing Identity." *Youth, Identity, and Digital Media*, the John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning, Cambridge, MA: The MIT Press, 2008.

Calmon, P. *História da civilização brasileira*, Senado Federal, Brasília: Conselho Editorial, 2002.

Carneiro, M. L. T. *O racismo na História do Brasil-mito e realidade*, São Paulo: Ática, 2003.

Carvalho, A. M. *Representações do trabalho em textos de materiais didáticos de português para estrangeiros publicados no Brasil do século XX*. Doutorado em estudos de linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

Carvalho, MR., e Carvalho, AM., org. *Índios e caboclos: a história recontada*. Salvador: EDUFBA, 2012.

Chartier, R. *A história cultural- entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

Chianca, L. *Festa junina, o modo de viver caipira*. Edição-36, 2010.

Link: <https://diplomatie.org.br/o-modo-de-viver-caipira/>

Choppin, A. *Les manuels scolaires: Histoire et actualité*. Paris: Hachette Éducation, 1992.

Christie, F. *Genres and Genre Theory: A Response to Michael Rosen*, *Changing English: Studies in Culture and Education*, 20:1, 11-22, 2013.

DOI:[10.1080/1358684X.2012.757056](https://doi.org/10.1080/1358684X.2012.757056)

_____. *Language Education throughout the School Years: a Functional Perspective*, Michigan: Wiley-Blackwell, 2012.

Corrêa, R.L.T. *Livro Escolar como fonte de pesquisa em história da educação*. Cadernos Cedes, São Paulo: Campinas, n.52, p.11-24, 2000.

Cordier-Gauthier. C. *Les éléments constitutifs du discours du Manuel*. Ela. Études de linguistique appliquée. 2002/1 (n° 125). P.25-36.

Costa, G.S. *Breve histórico da linguística aplicada*. CEFET-PI- UNED, Floriano, 2001. Disponível em: <http://www.giseldacosta.com/wordpress/wp-content/uploads/2015/04/2184332-Breve-historico-da-linguistica-aplicada.pdf>

Daflon, V. T, *Tão longe, tão perto: identidades, discriminação e estereótipos de pretos e pardos no Brasil*. -1.ed., Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2017.

Damatta, R. *Exploração: um ensaio de sociologia interpretativo*, Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

Davies, A; Elder, C. *The Handbook of Applied Linguistics*. Blackwell Publishing, 2004.

Derewianka, B. *A New Grammar Companion for Teachers*, Sydney: PETAA, 2011.

Doltz, J; Schneuwly, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

Du Gay, P. (org.) *Production of Culture/Cultures of Production*. Sage, Londres: The Open University, 1997.

D. Smith, A. *National Identity*, University of Nevada Press, 1991.

Link: https://issuu.com/burakcimrenli/docs/anthony_d._smith_national_identity

Elias, N. *O processo civilizatório*. São Paulo: Edusp, 1995.

Fairclough, N. *Language and Power*. New York: Longman, 1989.

_____. *Discourse and Social Change*. Blackwell Publishing, 1992.

_____. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London and New York: Longman, 1995.

_____. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2007.

Fanon, F, *On National Culture*, em *The wretched of the earth*, London, 1963

Foucault, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 1996.

Filho, J. F. *Era uma vez o país da alegria: mídia, estados de ânimo e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, n.34, p.401-420. 2015.

Disponível em : <http://dx.doi.org/10.19132/1807>

Fiorin, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1997.

Freud, S. *Group Psychology and the Analysis of the Ego*; Trans. by James Strachey. New York: *Boni and Liveright*, [1922]; Bartleby.com, 2010.

Disponível em: www.bartleby.com/290/.

Gee, J.P. *Social Linguistics and Literacies: Ideology in Discourses, Critical Perspectives on Literacy and Education*; London: New York, 1990.

Grabe, W. *Applied linguistics: an emerging discipline for the twenty-first century*. In R.B. Kaplan (ed.), *The Oxford handbook of applied linguistics* (pp.3-12). Oxford: Oxford University Press, 2002.

Grupioni, L. D. B. *Índios no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994.

_____. *Livros didáticos e fontes de informação sobre as sociedades indígenas no Brasil*. A questão indígena na sala de aula. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC, 1995, p.407-419.

Hall, S. *Cultural identity and diaspora*, in J. Rutherford (ed.), *identity: community, Culture, Difference*, London: Lawrence & Wishart (222-37), 1990.

Hall, S; Gay, P.D. *Questions of Cultural Identity*. SAGE Publications. London: Thousand Oaks, New Delhi, 1996.

Halliday, M. M – techniques – problem. Em: Halliday, M.A.K; Webster, J. (Org). *Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics*, em London: Continuum International, 2009.

Hatugai, É. R. *O lugar do mestiço na história da imigração japonesa. Corpo, conflito e parentesco entre famílias interétnicas*. Em SPG08 Fronteiras: território, políticas e interculturalidade. 39º Encontro Anual da ANPOCS. Link: <https://anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/spg/spg08/9891-o-lugar-do-mestico-na-historia-da-imigracao-japonesa-corpo-conflito-e-parentesco-entre-familias-intereticas/file>

Hobsbawn, E. J. *Nations and nationalism since 1780: programme, myth, reality*. Cambridge, 1990.

Hodge, R; Kress, G. *Social Semiotics*. Cambridge: Polity Press, 1988.

Hofstede, G. *Culture's consequences, comparing values, behaviors, institutions, and organizations across nations*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2001.

Holanda, S.B. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

Huntington, S. P. *O Choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro, 1996.

IBGE. *Estatísticas de Género, uma análise dos resultados do censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro, 2014.

Jäger, S. *Discourse and knowledge: theoretical and methodological aspects of a critical discourse and dispositive analysis*.

Link:

<http://diss-duisburg.de/Internetbibliothek/Artikel/Discourse%20and%20Knowledge%20.pdf>

Júdice, N. *Compreensão e produção no ensino de português para estrangeiros*. Em: KLETT, E. Et al. *Enseñanza-aprendizaje de lenguas extranjeras: enfoques y contextos*. Buenos Aires: Araucária, 2004.

_____. *Identidade brasileira em material para o ensino de português a falantes de alemão*, 2011.

Kawachi, G; Lima, A. P. *Aspetos culturais e formação cidadão em um livro didático de inglês para crianças*. Em: Rocha, C; Maciel, R. (Orgs.). *Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas*. Campinas, SP: Pontes, 2013.

Leeman, J; Martínez, G. *From identity to commodity: Ideologies of Spanish in heritage language textbooks*. *Critical Inquiry in Language Studies*, 4(1), p.35-65, 2007.

Lima, D. M. *A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico*. *Novos Cadernos NAEA vol.2, nº2*, 1999.

Livia Barbosa, *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros*. Editores Campus, 2005.

Lopes, J. H. *Materiais didáticos de português para falantes de outras línguas: do levantamento de produções brasileiras a uma nova proposta*. In *Formação de professores de português para falantes de outras línguas: reflexões e contribuições*. Furtoso, Viviane. B. Londrina: EDUEL, 2009.

Machado, L.Z. *Perspetivas em confronto: relação de género ou patriarcado contemporâneo?* Série Antropologia n.284. Brasília: UnB, 2000.

Maisonneuve, J. *Opiniões e estereótipos*. Em: *Introdução à psicossociologia*. São Paulo: Edusp, 1977.

Mauad, A. M. *Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar*. Hist. Educ. Vol. 19 no.47 Santa Maria, Sept./Dec. 2015.

Link: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/47244>

Marconi, M.A; Presotto, Z.M.N. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1987.

Martins, F. *Identidade Cultural e desenvolvimento*, Lisboa, 2007.

Martin, J. R., & D. Rose. *Genre Relations. Mapping Culture*. London and Oakville: Equinox, 2008.

Mercer, K. *Welcome to the jungle*, in: RUTHERFORD, J. (org.). *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

Moreno, J. C. *Revistando o conceito de identidade nacional*, em *Quem somos nós: apropriações e representações sobre a(s) identidade(s) brasileira(s) em livros didáticos de História* (Paco Editorial, UENP, 2014).

Rodrigues, Raymundo Nina *Os africanos no Brasil*. 2ª ed. S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1935. Idem, *As coletividades anormais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Ed., 1939.

Oliven, R. G. *Violência e Cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *Cultura brasileira e identidade nacional (o eterno retorno)*. In: *O que ler na ciência social brasileira: 1970-2002*, Brasília: Sumaré, 2002.

Oliveira, J. P; Freire, Carlos Augusto da Rocha. *A Presença Indígena na Formação do Brasil*, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu Nacional, 2006.

Ortiz, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Pacheco, D. G. L. C. *Português para estrangeiros e os materiais didáticos: um olhar discursivo*. 2006. Tese – Rio de Janeiro: Instituto de Letras, UFRJ , 2006.

Paltridge, B. *Making Sense of Discourse Analysis*. Gold Coast: Antipodean Educational Enterprises, 2000.

Pennycook, A. *Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

Pessoa, R.A.S. *Gente sem sorte: os mulatos no Brasil colonial*, Franca, São Paulo, 2007.

Pinto, T. *A avaliação dos manuais escolares numa perspetiva de género*. In R. Castro, A. Rodrigues, J. Silva, M. Sousa (eds.), *Manuais escolares, Estatuto, funções, história*. Actas do I encontro Internacional sobre Manuais escolares, p.387-395. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga. 1999.

Proni, T.; Proni, M. *Discriminação de género em grandes empresas no Brasil*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2018.

Link: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n141780>

Puren, C. *et alii*. *Se former en Didactique des langues*. Paris: Ellipses, 1988.

Queiroz, M. I. P. *Identidade Cultural, Identidade Nacional do Brasil*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1989.

Reis, J. C. *As identidades do Brasil 2, de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Resende, V. M.; Ramalho, Viviane. *Análise do Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

Ribeiro, G. L. *Cultura e Política no Mundo Contemporâneo*. Brasília: UnB Editora, 2000.

_____. *Tropicalismo e europeísmo: modos de apresentar o Brasil e a Argentina*. Brasília: Série Antropologia, 2001.

- Ribeiro, J. U. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- Rocha, E. *O que é etnocentrismo?* São Paulo: Editora brasiliense, 1988.
- Rodrigues Neto, Pedro. *A culpa é do jeitinho brasileiro*. 1.ed. Barueri, São Paulo: Novo Século Editora, 2014.
- Rodrigues, R. H; Cerutti-Rizzatti, Elizabeth, M. *Linguística Aplicada*, 6º Período. Florianópolis, 2011.
- Rutherford, J.(org.). *Identity: community, culture, difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.
- Santana, F. *A alimentação como identidade cultural*. 2017.
Link: <https://maisminas.org/a-alimentacao-como-identidade-cultural/>
- Santana, J. Duarte. *Língua, Cultura e Identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: língua-vidas em português*. Linha d'Água, n.25 (1), 2012: 47-66.
- Santos, L. *As identidades culturais: proposições conceituais e teóricas*. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Revista Rascunhos Culturais v.2 n.4 p.141-157. 2011.
- Schmitz, J.R. *Linguística Aplicada e o Ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil*. Baseado numa comunicação apresentada no Grupo de Trabalho Linguística Aplicada: Ensino de Língua Estrangeira no IX Congresso Internacional da ALFAL, 1990.
- Schmitz, N.&Celce-Murcia, M. *An overview of applied linguistics*. Em N. Schmitt (ed.) *An introduction to applied linguistics* (pp.1-16). London: Arnold, 2002.
- Silva, S. R. *Tua imensa torcida é bem feliz...da relação torcedor com o clube*. Campinas, SP: (s.n.), 2001.
- Silveira, R. A. *Michel Foucault: poder e análise das organizações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Originalmente apresentada como dissertação do autor (mestrado – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, 2002).

Sonati, J. G; Vilarta, R.; Silva, C.C. *Influências culinárias e diversidade cultural da identidade brasileira: Imigração, Regionalização e suas comidas*. Qualidade de Vida e Cultura Alimentar. 1ª ed. V.1, Campinas: IPES, 2009, p.137-147.

Silva, T. T. da. (org.); Hall, Stuart; Woodward, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

Swales, J. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Tanure, B. *Gestão à Brasileira: uma comparação entre América Latina, Estados Unidos, Europa e Ásia*. São Paulo: Atlas, 2003.

Thiesse, A. M. *A Criação Cultural das Identidades Nacionais na Europa*. 2017. Link : https://docgo.net/philosophy-of-money.html?utm_source=2-anne-marie-thiesse-a-criacao-cultural-das-identidades-nacionais-na-europa-www-gtehc-pro-br

Ueti, L. S. *O Gênero Carta de Pedido de Conselho nos LDs de PFOL*. In *Reflexões sobre o ensino de português para falantes de outras línguas*. Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa FFLCH / USP, 2012: 13-20.

Van Dijk, Teun A. *Principles of Critical Discourse Analysis*, London: Discourse & Society, v.4, n.2, 1993: 249-283.

Vieira, R. C. *Traços da cultura brasileira e a gestão em microempresas*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, da Fundação Instituto Capixaba de Pesquisa em Administração, Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE), 2014.


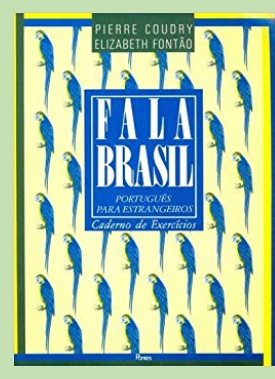


Anexo

Anexo A

Código	Título (Publicação) ²⁴	Autor	Editora/ Páginas ²⁵	Local de publicação	Capa
AB	Novo Avenida Brasil: Curso básico de Português para estrangeiros (2008-2009)	Emma E.O.F. Lima, Lutz Rohrmann, Tokiko Ishihara, Cristián G. Bergweiler e Samira A. Iunes.	EPU 144(Vol.1) 176(Vol.2) 161(Vol.3)	São Paulo-SP	
BV	Bem-Vindo! (2004)	Ponce, Harumi; Burim, Silvia; Florissi, Susanna;	SBS 220	São Paulo-SP	
DB	Diálogo Brasil: Curso Intensivo de Português para Estrangeiros (2003)	Emma Eberlein O. F. Lima, Samira A. Iunes e Marina R. Leite.	EPU 278	São Paulo – SP	

²⁴ As datas de publicação são levantadas nos sites das editoras ou Catálogo da Fundação Biblioteca Nacional- Nos casos de discrepância, optou-se por manter o Catálogo da Fundação Biblioteca Nacional.

²⁵ O número de páginas é levantado nos site das editoras ou no Catálogo da Fundação Biblioteca Nacional

EB	Estação Brasil: Português para Estrangeiros (2005)	Ana Cecília Bizon, Elizabeth Fontão do Patrocínio	Átomo	Campinas - SP	
FB	Fala Brasil: Português para Estrangeiros (2004)	Coudry, Pierre; Fontao, Elizabeth;	Pontes 238	São Paulo e Campinas – SP	
FLE	Falar... ler... escrever... Um curso para estrangeiros (2007)	Lima, Emma Eberlein O. F; Lunes, Samira Abirad.	EPU 294	São Paulo-SP	
MP	Muito Prazer- Fale o Português do Brasil (2008)	Fernandes, Gláucia roberta Rocha; Ferreira, Telma de Lurdes São Bento; Ramos, Vera Lúcia	Disal 468	São Paulo-SP	

PB	Panorama Brasil: Português para Estrangeiros (2006)	Harumi de Ponce, Silvia Burim e Susanna Florissi	Galpão	São Paulo – SP	
PC	Português para estrangeiros I. Curso básico. Material para as aulas Português para estrangeiros II. Curso intermediário. Material para as aulas (2015)	Weiss, Denise Barros	Online https://opportunity.files.wordpress.com/2013/05/apostila-2014.pdf	Universidade Federal de Juiz de Fora	Sem capa
PE	Pode Entrar: Português do Brasil para Refugiadas e Refugiados (2015)	Jacqueline Feitosa, Juliana Marra, Karina Fasson, Nayara Moreira, Renata Pereira	Online – disponível em www.acnur.org/t3/portugues/recursos/publicacoes/139	São Paulo – SP	
PV	Português Via Brasil – Um Curso Avançado Para Estrangeiros – Nova Ortografia (2005)	Lima, Emma Eberlein O. F.	EPU 232	São Paulo-SP	

TB	Tudo Bem? Português para Nova Geração (2001)	Maria H. O. de Ponce, Silvia R. B. A. Burim e Susana Florissi	Hub Editorial 155(Vol.1) 176(Vol.2)	São Paulo- SP	
TC	Terra Brasil- curso de língua e cultura (2008)	Maria Dell'Isola e Maria José de Almeida	EdUFMG 316	Belo Horizont e- MG	
VL	Viva!- Língua Portuguesa Para Estrangeiros (2010)	Romanichen, Claudio	Positivo/ Didáticos 96(Vol.1) 96(Vol.2) 96(Vol.3) 96(Vol.4)		

Corpus de análise

Anexo B

O ser brasileiro

Cena brasileira: O Negro

O Preconceito racial

Cento e tantos anos depois da Abolição da Escravatura, a libertação dos negros é ainda uma questão mal resolvida.

Dentro da totalidade da população brasileira, o negro é minoria – 44% de todos os habitantes do país, considerando-se nesse grupo todas as pessoas de pele mais escura – do negro de pele preta com reflexos azulados ao mulato claro. Na camada pobre, no entanto, os negros formam a maioria. Se, de cada dez brasileiros, quatro são negros, de cada dez brasileiros pobres, os negros são seis.

Embora ilegal desde 1951, a discriminação racial está integrada ao cotidiano brasileiro.

O preconceito racial não assume formas agressivas, mas faz, indiscutivelmente, parte do comportamento da população. O racismo, condenado publicamente, de forma vigorosa, frequentemente aflora na esfera privada e em situações concretas de trabalho.

O brasileiro reage de forma emocional, indignada mesmo, se acusado de possuir preconceito racial. A atitude das classes média e alta, porém, o contradiz. Na classe baixa, no entanto, há confraternização – a confraternização na pobreza.

É nessa camada que se verifica a miscigenação.



Português via Brasil: 27

QUEM SOMOS, AFINAL? (1)

Uma fusão de raças e culturas que já dura meio milênio deu aos brasileiros traços e personalidade próprios. Mas basta olhar mais de perto para perceber que, apesar de tudo, não perdemos contato com as raízes de nossa formação.

Algumas das cabeças mais brilhantes do Brasil, de Gilberto Freire a Darcy Ribeiro, gastaram décadas de trabalho tentando resolver a questão 'o que é ser brasileiro?' e não chegaram a uma resposta definitiva.

De algumas coisas, porém, temos noções suficientes para darmos palpites: somos um povo ainda em formação, que junta num vasto território raças e culturas distintas, numa imensa massa humana que já chega a 160 milhões de pessoas - e que costumamos chamar de povo brasileiro.

O brasileiro é isso: o resultado de uma mistura que, mesmo submetida a tantos contrastes históricos e geográficos, manteve-se unida. E não só por causa da língua portuguesa que todos os brasileiros entendem, pois nossos vizinhos hispano-americanos acabaram se fragmentando em vários países. O que temos no Brasil é, por falta de um termo mais apropriado, uma alma comum.

Mas de onde vem essa alma? 'Dos nossos índios', arrisca o sociólogo Roberto Gambini, 'apesar da importante influência portuguesa e negra na nossa constituição, os principais traços culturais que distinguem o brasileiro dos outros povos foram herdados dos índios. Nosso espírito brincalhão, por exemplo, que não consegue ver limites muito claros entre o que é trabalho e o que é diversão, pode ser ainda hoje encontrado nas aldeias indígenas espalhadas pelo país'.

Segundo essa hipótese, os tipos regionais brasileiros, dos gaúchos do sul aos caboclos do norte, dos caiçaras do litoral aos sertanejos do Mato Grosso, possuem em comum um estrato básico de cultura indígena. Não só aquele facilmente comprovado nos nomes das cidades, nas técnicas de cultivo, nos utensílios ou no folclore de sacis e curupiras, mas algo mais profundo, que moldou nosso inteiro jeito de ser.



O GAÚCHO

O tipo gaúcho está diretamente ligado às vastas pastagens dos pampas do Rio Grande do Sul. Solitário e destemido, essa figura surgiu em busca do gado que, trazido pelos jesuítas, ficou abandonado depois da destruição das missões, reproduzindo-se de maneira selvagem. A bombacha nas pernas, a boleadeira no lugar do laço, o chimarrão e o churrasco são as suas marcas registradas.

O CABOCCO

A palavra caboclo também é usada como sinônimo de mameluco - a mistura entre brancos e índios. Como tipo cultural, no entanto, o caboclo é o ribeirinho, ou seja, o morador das margens dos rios, principalmente os da região Norte, da bacia amazônica. Vive basicamente da pesca e do pequeno roçado aberto em clareiras, e mora em palafitas por causa das freqüentes cheias a que está sujeito.



De um modo geral, é quem mora no interior de São Paulo e Minas Gerais, vivendo de cultivar a roça. Planta principalmente o milho, do qual fabrica o fubá, mas também retira a palha para o chapéu e o cigarro. Seus modos rústicos, herdados da convivência com os índios, provocavam desdém quando visitava a cidade. Tem mais de setenta sinônimos, a maior parte deles pejorativos, como jeca, caipiau, matuto e pé-duro.

O CAIPIRA



O SERTANEJO



É o morador das zonas secas do país, principalmente das chapadas e da caatinga nordestina. Enfrenta a dureza do sertão com uma vida simples, baseada na criação de umas poucas cabeças de gado e no plantio de subsistência. Sua figura sobre o jegue, de facão na cintura, chapéu e gibão de couro e capanga inspirou obras de escritores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha.


Claro que o Brasil não se esgota na herança indígena, como também não está tão permeado pela cultura negra como se chegou a afirmar nas últimas décadas, graças principalmente à intensa produção cultural dos baianos.

Nos centros urbanos vivem hoje 76% dos brasileiros, o que teve um impacto gigantesco na forma de encararmos o mundo. Em 1900, éramos pouco mais de 17 milhões de pessoas, a grande maioria espalhada pelo interior do país, vivendo em contato com a natureza. Não tínhamos televisão, as estradas eram poucas e quase ninguém tinha a chance de viajar por outras partes do país. Quem morava no sul nem sonhava com o estilo de seus conterrâneos do norte. Hoje, porém, vivemos num Brasil bem diferente. Primeiro, experimentamos a chegada de milhares de imigrantes convocados para trabalhar nas lavouras de café de São Paulo ou, então, colonizar as zonas desabitadas do sul brasileiro. Foi um incremento populacional importante, que, além da força de trabalho, introduziu novos elementos culturais. Quem anda pelas ruas das cidades brasileiras neste final de século sente-se tentado a dizer que estamos cada vez mais parecidos. Mas, se olharmos mais de perto esses brasileiros, veremos que ainda é possível encontrar gente que leva consigo a alma de caipiras, sertanejos e tantos outros personagens que fizeram a história do povo brasileiro.

Fonte: Revista TERRA 06/98 - resumo do texto de Vinícius Romanini

O CABOCLLO


A palavra caboclo também é usada como sinônimo de mameluco - a mistura entre brancos e índios. Como tipo cultural, no entanto, o caboclo é o ribeirinho, ou seja, o morador das margens dos rios, principalmente os da região Norte, da bacia amazônica. Vive basicamente da pesca e do pequeno roçado aberto em clareiras, e mora em palafitas por causa das frequentes cheias a que está sujeito.



Bem Vindo!: 162

O MULATO

É a mestiçagem mais comum no Brasil, fruto do cruzamento entre brancos e negros. No período colonial, o mulato era quase sempre a prova do abuso do senhor de engenho, que escolhia na senzala as mulheres negras mais bonitas para sua satisfação sexual. Hoje, o mulato é um símbolo da beleza brasileira cada vez mais numeroso.



Bem Vindo!: 172

O MESTIÇO ORIENTAL

O termo mestiço serve para definir qualquer tipo de mistura de raças, mas nos últimos anos tem sido mais usado para o caso dos orientais. O fenômeno ainda é recente e, em certa medida, raro, pois a raça amarela - da qual os japoneses são maioria no Brasil - viveu décadas organizada em colônias fechadas, o que dificultou a mistura.



Fonte: Revista TERRA 06/98 - resumo do texto de Vinícius Romanini

Bem Vindo!: 172

QUEM SOMOS, AFINAL? (2)

Outros personagens típicos entre o povo brasileiro são:

O MULATO

É a mestiçagem mais comum no Brasil, fruto do cruzamento entre brancos e negros. No período colonial, o mulato era quase sempre a prova do abuso do senhor de engenho, que escolhia na senzala as mulheres negras mais bonitas para sua satisfação sexual. Hoje, o mulato é um símbolo da beleza brasileira cada vez mais numeroso.



O PANTANEIRO

O homem pantaneiro, que é basicamente um vaqueiro adaptado para as pastagens úmidas, nasceu com a chegada da criação extensiva de gado ao Pantanal. O sistema de cheias e vazantes do Rio Paraguai obriga o constante deslocamento dos rebanhos das terras baixas e alagáveis para as altas e secas. Ao contrário do gaúcho, que só come carne, o pantaneiro também aprecia a fartura de peixe da região.



O SERINGUEIRO



Vive recluso no meio do mato, nas regiões da Floresta Amazônica, onde as seringueiras nascem espontaneamente, como no Acre. Seu trabalho é abrir vincos nos troncos para extrair o látex e, em seguida, defumá-lo até que se transforme em borracha. Como a seringueira só nasce na mata preservada, o seringueiro passou a ser um combativo defensor da floresta, denunciando queimadas e a atuação de madeireiras.

O CAIÇARA



É o morador do litoral sudeste brasileiro, que povoa as matas de restinga próximas aos manguezais. Vive da pesca na foz dos rios e do cultivo de subsistência. Adotou muitos hábitos indígenas, como a roça de coivara e a pesca artesanal com covas. Preserva palavras do português quinhentista e alguns são loiros porque descendem de aventureiros franceses e suíços que se instalaram ali no período colonial.

O JANGADEIRO

É o pescador dos mares nordestinos, que vive nas comunidades do litoral. Especializou-se na pesca de rede a bordo de jangadas, pequenas embarcações de vela triangular feitas de seis paus roliços retirados das matas da região. Singrando as águas verdes e ensolaradas, no amanhecer ou no pôr-do-sol, o jangadeiro virou elemento típico da paisagem da região e símbolo de Alagoas.



O MESTIÇO ORIENTAL

O termo mestiço serve para definir qualquer tipo de mistura de raças, mas nos últimos anos tem sido mais usado para o caso dos orientais. O fenômeno ainda é recente e, em certa medida, raro, pois a raça amarela - da qual os japoneses são maioria no Brasil - viveu décadas organizada em colônias fechadas, o que dificultou a mistura.



Fonte: Revista TERRA 06/98 - resumo do texto de Vinícius Romanini



Texto narrativo

Os índios do Brasil

Quando, em 1500, Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, chegou às praias do que agora é a Bahia, havia 5 milhões de índios na área que, depois, se transformou no Brasil. Hoje, há 270.000 índios, pouco mais de 5% da população original. Várias

foram as causas desta redução: mortes por doenças contagiosas (sarampo, tuberculose, varíola e gripe), por assassinatos, por suicídios, por confinamento e guerras tribais.

Na época do descobrimento do Brasil, existiam quase 1200 línguas indígenas. Hoje são 170, faladas por 206 grupos.

No momento, a situação do índio brasileiro é crítica, mas já foi pior. No final dos anos 50, havia, no máximo, 100.000 índios. A partir dos anos 60, no entanto, o governo organizou reservas para proteger o índio e sua cultura. Hoje, essas reservas ocupam quase 11% do território brasileiro, uma área igual à área ocupada pela França e pela Inglaterra juntas. Apesar disso, muitos povos indígenas continuam desaparecendo.

Qual o futuro dos índios brasileiros? O futuro deles depende do governo. Só a ação do governo vai impedir sua morte e a destruição de sua cultura. A febre do ouro, a exploração da madeira, a criação de fazendas extensas para a criação de gado e o desenvolvimento de cidades próximas às reservas são as maiores ameaças aos índios.

Na busca do ouro, os garimpeiros invadem as reservas indígenas, perturbam seu habitat (a floresta, os rios) e sua cultura. Grupos inteiros de índios morrem por doenças como gripe. Em áreas da floresta, onde não há ouro ou onde o ouro acabou, chegam grandes companhias que cortam árvores por causa do valor comercial de sua madeira. Outros grupos comerciais cortam árvores para formar pastagens para criação de gado. Em todos esses casos, as áreas indígenas são invadidas e choques armados com os índios acontecem.

Hoje há, pelo menos, 60 grupos indígenas ocultos na floresta. São os índios arredios. Temos pouca ou nenhuma informação sobre eles. Eles vivem completamente isolados, exatamente como viviam há 500 anos. Nenhum desses grupos tem contato com outro grupo indígena, resistindo com violência à invasão de suas terras. Quando perdem a luta, afastam-se para pontos ainda mais inacessíveis. As tentativas de aproximação são sempre perigosas. Como já aconteceu várias vezes, os índios podem atacar de repente. Flechas e bordunas são sua resposta à tentativa de conversa do homem branco.

Como há 206 grupos diferentes de índios e 170 línguas indígenas, não se pode falar de uma cultura

indígena, mas de diferentes culturas indígenas. Mas, apesar das grandes diferenças, entre eles há um ponto em comum. Enquanto nós organizamos nosso mundo e nossa vida em diferentes esferas (economia, política, educação, religião, etc), na vida do índio todas as esferas estão ligadas. Assim, por exemplo, o corte de uma árvore tem implicações religiosas, sociais, políticas, econômicas, etc.

O índio respeita a floresta. A posse da terra é coletiva e é determinada pelo seu uso.

Os índios vivem em aldeamentos, geralmente de 30 a 100 pessoas. Há aldeamentos maiores, com 400 ou 500 pessoas.

Na produção, há trabalho masculino e feminino. O homem caça, pesca e colhe o que foi plantado. A mulher cuida da plantação e cozinha. A produção, como vemos, depende do trabalho da família, mas depois é distribuída na comunidade.

Ao contrário de nós, que queremos entender a realidade através da ciência, os índios explicam o sol, a chuva, o dia, a noite, a morte através de mitos.

Os rituais — festas com músicas, danças, bebidas, pintura corporal e trajes específicos — marcam momentos importantes na vida das pessoas e da comunidade e colocam o índio em contato com os seres de seus mitos, com o espírito de seus mortos e com os seres sobrenaturais que vivem nos rios e na floresta.

A política atual do governo brasileiro defende a proteção do índio e a preservação de sua cultura. Ele deve viver como sempre viveu. O homem civilizado pode aproximar-se dele, mas deve respeitar sua cultura, tão diferente da nossa.

Falar, ler e escrever: 191-192

D2 Português ou brasileiro?

1. Leia o texto.

Reconhecer a existência de um português brasileiro é importante, para que a gente comece a ver e ouvir a nossa língua com olhos e ouvidos de brasileiros, e não mais pelo filtro da gramática portuguesa de Portugal.

Dizer que a língua falada no Brasil é somente “português” implica um esquecimento sério e perigoso: o esquecimento de que há coisa nesta língua que é característica nossa, de que esta língua é parte integrante da nossa identidade nacional, construída a duras penas, com o extermínio de centenas de nações indígenas, com o monstruoso massacre físico e espiritual de milhões de negros africanos trazidos para cá como escravos, e com todas as lutas que o povo brasileiro enfrentou e continua enfrentando para se constituir como nação.

Por outro lado, dizer que nossa língua é simplesmente o “brasileiro” significa também

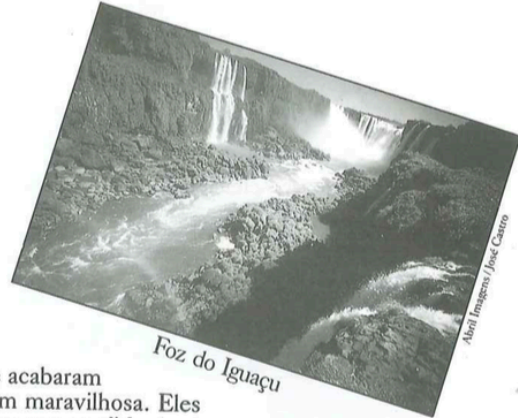
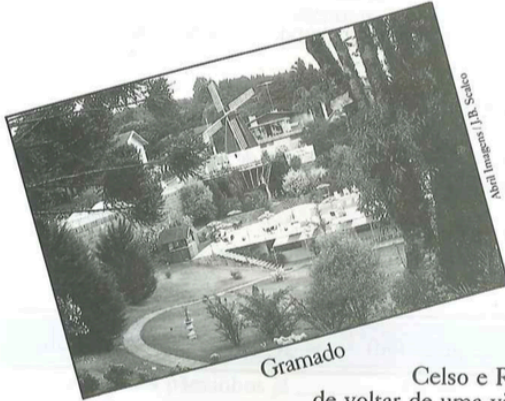
operar outros esquecimentos, outros silenciamentos: o esquecimento do nosso passado colonial, que não pode ser apagado porque é história, e a história não é passado: é presente, premente, insistente. Somos um país nascido de um processo colonial, com tudo o que isso significa.

Estamos numa etapa intermediária na história da nossa língua. Quinhentos anos atrás, ela podia ser chamada simplesmente de português. Hoje, ela pode e deve ser chamada de português brasileiro. Daqui a mais quinhentos anos, ela sem dúvida só poderá ser chamada de brasileiro. Até lá, temos de lutar para que o peso da colonização sobre nossa sociedade não seja tão grande quanto é ainda hoje.

*(Marcos Bagno, Português ou Brasileiro?
(quarta capa) Parábola Editorial.*

Avenida Brasil III: 68

UM POUCO DE BRASIL - I



Celso e Rute acabaram de voltar de uma viagem maravilhosa. Eles convidaram alguns amigos para ver os slides da viagem:

Celso: Todo mundo pronto? Rute, apague a luz! Bom, nós começamos nossa viagem pelas Cataratas do Iguaçu.

Essa é a Garganta do Diabo, a parte mais alta e mais forte das cataratas.

Mário: Puxa, é impressionante! Olha o arco-íris! Que lindo!

Celso: As cataratas são a grande atração, mas como a gente já estava na fronteira, aproveitou para conhecer a Argentina e o Paraguai.

Rute: Depois nós fomos para Gramado, no Rio Grande do Sul.

Esse é um casal amigo que nos convidou para um churrasco típico gaúcho. Tinha um monte de gente lá, e todo mundo usando "tu":

"Tu gostaste de Gramado? Esta cerveja é para ti. Está geladinha. Tu moras em São Paulo? Barbaridade, tchê!"

Vera: Você está parecendo uma gaúcha! Seu sotaque está ótimo!

Celso: O hotel onde nós ficamos...

Vera: Parece um chalé suíço.

Celso: É, a cidade toda é assim. Olha só quantas hortênsias!

Mário: E o chocolate de lá, é bom mesmo?

Celso: Você não acredita! Uma delícia! E os vinhos da região então, nem se fala! Também

pudera, com tantos imigrantes italianos e alemães, o vinho tinha que ser ótimo.

Rute: De lá fomos para Blumenau em Santa Catarina. A influência alemã na cidade é marcante. Nós até ouvimos pessoas falando alemão nas lojas.

Vera: Vocês compraram alguns cristais?

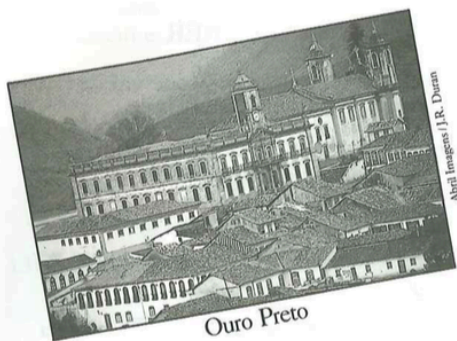
Celso: Alguns? A Rute queria comprar todos os cristais que ela via.

Rute: Que exagero, Celso! Nem tanto... Bom gente, que tal fazer uma pausa para um cafezinho?

Mário: Boa idéia!



UM POUCO DE BRASIL - II



Ouro Preto



Congonhas do Campo

Rute: Ninguém quer mais café? Não? Então vamos continuar.

Celso: Do sul, começamos a subir em direção ao norte. Paramos em Minas Gerais para visitar as cidades históricas de Ouro Preto, Sabará, Mariana e Congonhas do Campo.

Rute: Essa é a parte central de Ouro Preto.

Vera: Nossa! Como as ruas são estreitas!

Rute: É, andando por essas ruas, parecia que a gente tinha voltado no tempo. Reparem no calçamento, nas casas coloniais...

Mário: Vocês visitaram muitas igrejas?

Celso: Visitamos. Eu adoro a arquitetura barroca. É impressionante a riqueza das igrejas: revestimento em ouro, castiçais de prata maciça...

Rute: Ah, essas são as famosas estátuas dos doze apóstolos feitas por Aleijadinho, em Congonhas do Campo.

Celso: De Congonhas nós fomos para Pirapora visitar o Tio Miguel, que tem uma fábrica de queijos.

Vera: Hum!... Eu adoro um queijo de Minas.

Rute: Pois é... Queijo, doce de leite, broa de milho, pão de queijo, muita carne de porco... ficamos lá três dias e engordamos uns dois quilos.

Celso: Agora, vejam o contraste: Brasília. A Catedral, o Palácio da Alvorada, o Congresso...

Mário: Espera aí, Celso! Mais devagar, eu nunca estive lá.

Celso: Não? Você precisa ir. Vale a pena. Não só pela arquitetura moderna, mas também por toda a concepção revolucionária da cidade: seu traçado em forma de avião, as superquadras, as

divisões em setores. Esse, por exemplo, é o setor das embaixadas. Mas tem também o setor comercial, o dos hotéis...

Rute: Agora, vou falar uma coisa: sem carro, não dá. Sem carro tudo fica muito difícil; as distâncias são enormes.

Vera: Vocês viram o presidente?

Rute: Que nada. Era feriado e todo mundo tinha viajado.

Mário: Nossa, como já é tarde! Vera, nós não combinamos com a *baby-sitter* de voltar às onze horas?

Vera: Meu Deus! Como o tempo voou!

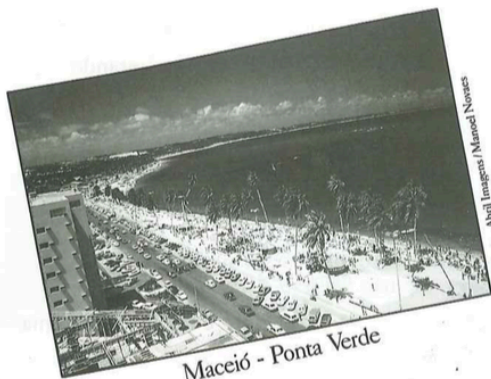
Celso: Bom, então vamos deixar o final para outro dia.

Mário: Tá bom. Combinado. Tchau e obrigado, hem?

Rute: Tchau, gente. Um beijo nas crianças.



UM POUCO DE BRASIL - III



- Alô?
- De onde falam?
- 883-7780.
- Vera? Aqui é a Rute. Tudo bem?
- Oi Rute, tudo bem. E você?
- Tudo certo. Estou telefonando para convidar você, o Mário e as crianças para tomar um lanche aqui em casa e terminar de ver os *slides*.
- Ótimo! Quando?
- Hoje mesmo, lá pelas sete horas. Vocês podem?
- Podemos, sim. Tá combinado.
- Então, até logo mais.

[Depois do lanche...]

Vera: Rute, o acarajé está uma delícia! Foi na Bahia que você aprendeu a fazer?

Rute: Foi. Você precisa conhecer os outros pratos típicos baianos.

Vera: São realmente muito apimentados?

Rute: São. Pimenta, leite de coco e azeite de dendê são muito usados, afinal, são pratos de origem africana. Aliás, eles estão cultivando a tradição africana cada vez mais na Bahia. Nós observamos isso também na música, nas roupas coloridas e nos cabelos “afro”.

Mário: Por que será que a Bahia tem mais ligação com a África que qualquer outro estado?

Celso: Bem, Salvador foi a primeira capital do Brasil, e por isso recebeu muitos negros. Conserva até hoje um pelourinho, onde era feita a punição pública dos escravos.

Rute: Esses são *slides* da área histórica que fica na parte alta da cidade.

Vera: Ah, essa não é a igreja de São Francisco?

Celso: É. Agora olhem só o interior da igreja!

Todo revestido em ouro! Esse é o famoso elevador Lacerda, que liga a parte alta à parte baixa da cidade. Lá embaixo, na beira do mar, está o Mercado Modelo, onde compramos a lembrancinha que demos para vocês.

Mário: Vocês não foram à praia? Dizem que Salvador tem praias lindas!

Celso: O tempo não estava muito bom. Mas em compensação, em Macció, não fizemos outra coisa.

Vera: Puxa! Mas vocês viajaram, hem?

Celso: É. Foram trinta dias inesquecíveis.

Vejam que maravilha as praias de Macció: areia branquinha, coqueiros, jangadas... Um paraíso!

Rute: Ah, gente, nós fizemos um passeio de jangada!... Foi bárbaro! Paramos num banco de areia no meio do mar e ficamos lá, tomando caipirinha, comendo espetinho de camarão...

Vera: Hum... Dá até água na boca! Na próxima vez, nós queremos ir com vocês.

Região Nordeste



Estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Piauí, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Território: Fernando de Noronha

Área: 1.561.177,8 km² - 18,28% do território nacional

População: 47.741.711 habitantes - (30,5 hab/km²)
28,1% da população nacional

Atividades econômicas:
Agroindústria do açúcar e do cacau.
Exploração de petróleo, no litoral e na plataforma continental.
Turismo intenso nas belas praias da região.

Fortaleza de São Miguel - Natal - RN (SETUR - RN)

Em Fortaleza, no Ceará.
Na Feira Noturna - Av. Beira-Mar

É muito cara. Quero um desconto

Robert: — Quanto custa esta toalha de renda?

Vendedor: — 200 dólares.

Robert: — Nossa! É muito cara! É uma quantia muito alta!

Vendedor: — Mas, olhe, é uma toalha muito bonita. Toda feita a mão.
Uma jóia.


Robert: — Eu sei, mas é muito cara. Quero um desconto. Vou pagar 150 dólares.

Vendedor: — 150 dólares? Não é possível.
Posso vender por 190.

Robert: — Então 180.

Vendedor: — Tudo bem. 180.

Robert: — Vou levar.



Quero trocar dinheiro

Em Salvador, na Bahia. No Mercado Modelo

Robert: — Gostei dessa rede. O senhor aceita cartão de crédito?



Vendedor: — Qual?

Robert: — American Express.

Vendedor: — Não, sinto muito. Só trabalhamos com o Visa ou com cheque.

Robert: — Não tenho talão de cheque. Então, onde há um banco por aqui? Quero trocar dinheiro.

Vendedor: — Os bancos fecham às 4 horas. Agora são 5. Mas há uma casa de câmbio ali na esquina.



Os bancos abrem às 10 da manhã e fecham às 4 da tarde.

A senhora aceita cheque de viagem?

Quanto está o câmbio?

- Só tenho uma nota de 100.
- Não tenho troca.

Onde é o correio?
Quero comprar selos

- Vocês aceitam moeda estrangeira?
- Só dólar.



Região Sudeste

Estados: Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo.

Área: 927.286,2 km² - 10,85% do território nacional
População: 72.412.411 habitantes - (78,09 hab/km²)
42,8% da população nacional

Atividades econômicas:

Indústria: grande parque industrial. Concentra 49,8% dos estabelecimentos industriais.

Agropecuária: cana-de-açúcar, laranja e café
Grandes rebanhos bovinos.

Exploração de petróleo na bacia de Campos, RJ.
Grandes reservas de ferro e manganês, em Minas.

Região Sul

Estados: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul
Área: 577.214,0 km² - 6,76% do território nacional
População: 25.107.616 habitantes - (43,49 hab/km²)
14,8% da população nacional.

Atividades econômicas:

Indústria: parque industrial muito ativo

Agropecuária: agricultura moderna de trigo, soja, arroz,
milho, feijão e tabaco. Rebanhos bovinos e suínos.

Extrativismo: madeira de pinho e carvão mineral.



Em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

No balcão de recepção do hotel

Não posso esperar mais

- Robert: — Por favor, meu recibo ainda não está pronto?
- Funcionário: — Ainda não. Só mais um momentinho, por favor.
- Robert: — Não vou esperar mais. Estou aqui há 20 minutos para acertar minha conta.
- Funcionário: — É que estamos com problema no computador e nosso gerente está atrasado. Ele está sempre na hora. Ele é pontual. Às vezes está até adiantado. Mas hoje... Um instante, por favor.
- Robert: — Assim não dá. Não posso esperar mais. Eu desisto!



Região Centro-Oeste

Estados: Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

Área: 1.612.077,2 km² - 18,86% do território nacional
População: 11.636.728 habitantes - (7,21 hab/km²)
6,8% da população nacional

Atividades econômicas:

Pecuária: extensiva, em grandes latifúndios

Agricultura extensiva, em escala comercial

Grandes reservas de manganês,
ainda pouco exploradas.

C2 Culinária

No regime alimentar brasileiro, a contribuição africana se afirmou principalmente pela introdução do azeite de dendê e da pimenta-malagueta, tão característico da cozinha baiana; pela introdução do quiabo; pelo maior uso da banana; pela grande variedade na maneira de preparar a galinha e o peixe. Várias comidas portuguesas ou indígenas foram, no Brasil, modificadas pela condimentação ou pela técnica culinária do negro. Alguns dos pratos mais caracteristicamente brasileiros são de técnica

africana: a farofa, o quibebe, o vatapá. Das comidas preparadas pela mulher indígena, as principais eram as que se faziam com a massa ou a farinha de mandioca. Do milho, preparavam, além da farinha, a canjica e a pamonha.

Do peixe ou da carne picada e misturada com farinha, faziam a paçoca. Moqueca é peixe assado no rescaldo e vem todo embrulhado em folha de bananeira.

baseado em "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre.

Glossário

quibebe	prato cremoso feito com abóbora.	canjica	tipo de creme com milho verde ralado, açúcar, leite e canela.
vatapá	prato feito com peixe ou galinha, leite de coco, camarão, amendoim, castanha de caju e temperado com azeite de dendê e outros temperos.	pamonha	doce feito com milho verde, leite de coco, manteiga, canela e cozido nas folhas do próprio milho.



quiabo



mandioca



azeite de dendê



castanha de caju



canela



amendoim

AI, QUE FOME...

Conheça as delícias típicas da Região Sudeste!

MINAS GERAIS Cozinha Mineira



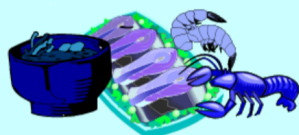
Mineiro come cinco vezes ao dia. Pela manhã, café forte para os homens, ralo para mulheres e crianças – com pão e manteiga ou broa de fubá. Ao meio-dia, arroz na panela de pedra-sabão, feijão na panela de ferro, carne, angu e verduras. Sobremesa: doce de leite, ambrosia ou goiabada com queijo. No meio da tarde, quitutes: bolos, roscas, biscoitos, sequilhos e sonhos. À hora do Ângelus, quando o sino repica na matriz, o jantar: sopa, arroz e feijão com couve e ora-pro-nóbis, sem faltar a carne de porco ou o frango ao molho pardo. Uma farofa bem molhada na manteiga e com ovos. E doces de sobremesa. Antes de dormir, o bule aquece corações ao sabor do pão de queijo quentinho, dos biscoitos de nata e doce de amendoim. Minas não é uma região, é um paladar.

ESPÍRITO SANTO Moqueca de índio e torta cristã

A moqueca capixaba é velha receita de índio. Leva postas de badejo, papa-terra, pargo ou robalo, e um molho de dar água na boca: azeite doce (de oliva), cebolinha verde, cebola, tomate. O urucum se encarrega de tingir o prato de vermelho vivo e dar o toque indígena. Depois, é só levar ao fogo na panela de barro, que mantém a comida quente por muito tempo na mesa. Longe da aldeia, a torta capixaba nasceu bem cristã, no século passado. Com recheio de vários tipos de mariscos, siris e caranguejos, virou o prato ideal para o jejum da Sexta-Feira Santa. Mas ficou tão gostosa que se profanou... e não deu outra: passou a ser saboreada todo santo dia, assada na frigideira de barro e coberta com espuma de clara de ovos.



RIO DE JANEIRO



Pitadas de finura da Corte, do individualismo português e duas generosas colheres africanas, de alegria e balanço. Eis o saboroso paladar da culinária carioca – na feijoada, na bacalhoadinha, na mestiçagem do caldo verde e do camarão com chuchu, nos lanches de fim de tarde e nas festas de fim de ano com seus velhos sabores: rabanada, baba-de-moça, quindim, cocada. Aos sábados, ou a qualquer pretexto, a regra é "botar água no feijão", para receber parentes e amigos com a famosa feijoada completa cantada por Chico Buarque. Aos domingos, a senhora bacalhoadinha. Ou peixes e frutos do mar, porque, enfim, o Atlântico tá logo ali.

SÃO PAULO Mesa-múndi na cidade de São Paulo

Quem vem à cidade pensando no estômago acha quase tudo, e quase nada. Pratos que desenhem identidade regional, nem pensar: a comida paulista foi engolfada pelo perfil cosmopolita da cidade. Cozinha de Cantão? Da Toscana? Prato coreano? Tem. Um bom vatapá já não é tão fácil. Um empadão interiorano, um azul-marinho caiçara, quase impossível. Mas taco mexicano, "garan marsala" indiano... E não perca uma boquinha numa instituição paulistana, a padaria. Em nenhum lugar do mundo ela é tão acolhedora. Sob o morno perfume de pão fresco, os sanduíches de casca crocante, o pão doce, um café ou uma cerveja gelada...



(Fonte: Roteiros Turísticos FIAT Brasil)

LIÇÃO A PANORAMA

Tipos de comida



Todo país tem sua comida típica. O Brasil, por exemplo, tem a feijoada, o churrasco e a moqueca, entre outras. Nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, você consegue encontrar todos os tipos de comidas: tanto comidas típicas quanto comidas internacionais.

Qual é a comida típica de seu país?
Qual é a comida de que você mais gosta?

211

Muito Prazer: 211

Anexo D

A mulher brasileira

Uma Mulher no Comando dos Criadores de Nelore

O que começou como lazer, virou profissão e, em 2005, a pecuarista Alice Ferreira assumiu a presidência da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil. É a primeira mulher a dirigir a instituição que responde por 80% do plantel nacional de gado de corte. Alice resolveu virar pecuarista quando herdou do sogro a fazenda de Indaiatuba, em São Paulo, que servia de lazer à família. Comprou gado e hoje tem um plantel de 10 mil cabeças, destinado ao melhoramento genético. "Ser pecuarista é uma profissão muito peculiar, mas a visão profissional na área é igual, independente de ser mulher ou homem.", afirma. À frente da cinquentenária entidade, Alice pretende dar continuidade à administração atual, onde era vice-presidente. Entre as metas para a gestão, estão a difusão do Programa de Qualidade Nelore Natural e do Circuito Boi Verde de Julgamento de Carcaça, que visam estabelecer normas de criação dos animais e destacar os melhores da raça. Atualmente, são produzidas 700 toneladas/mês com o selo de qualidade da raça. Alice quer também aumentar em 20% o número de associados, que, no início de 2005, era de 1,6 mil pessoas. Para atingir essas metas, a ACNB pretendia investir R\$ 2 milhões em 2005. Alice acredita que a participação das mulheres tem crescido no setor. O reflexo da força feminina no agronegócio verificou-se no Congresso Internacional da Mulher no Campo, em abril de 2005.

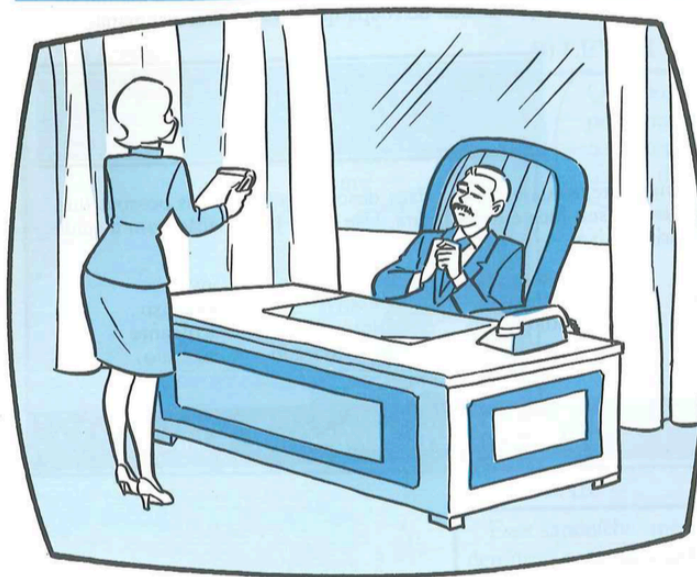


Foto: Roberto Luffel

Fonte: adaptado do artigo de Neila Baldi para o jornal Gazeta Mercantil, março/2005

Panorama Brasil: 16

Situação 1 - No trabalho



Em Pirapora, a cidade onde morava a família do seu Juca, funcionava uma grande fábrica de queijo.

O cunhado do seu Juca, seu Miguel, era o diretor administrativo. A fábrica produzia quatro tipos de queijo e para isso usava o leite produzido na região. O seu Miguel era o responsável pela compra do leite e por isso tinha muito contato com os fazendeiros, através das reuniões que eles faziam freqüentemente. Nessas reuniões eles discutiam o preço do leite, o volume da produção e outros assuntos.

A secretária do seu Miguel se chamava Diva e era ela quem marcava e providenciava tudo para as reuniões.

[Na sala do seu Miguel]

- D. Diva, a senhora já marcou a reunião?
- Já. Vai ser nessa sexta-feira, às 14:30 h.
- A senhora conseguiu falar com todos os produtores?
- Consegui.
- Ótimo. A senhora podia me trazer o relatório de compras do mês passado?
- Só mais dez minutos. Estou acabando de bater.

.....

- D. Diva, a senhora podia chamar o gerente de pessoal?

[Alguns minutos depois...]

[toc, toc, toc...]

- Entre, Armando.
- Bom dia, seu Miguel.
- Bom dia. Armando, nós precisamos resolver qual vai ser o salário dos novos funcionários da segurança.

[Antes da reunião]

- D. Diva, a senhora já providenciou tudo para a reunião com os produtores de leite?
- Já. Eu pus lápis, borracha, caneta e um bloco para cada um deles.
- Perfeito.

[No fim da reunião]

- A senhora anotou tudo?
- Sim, senhor.
- Então, depois de datilografar o relatório, deixe-o em cima da minha mesa.
- Mais alguma coisa, seu Miguel?
- Não. Por hoje é só. Tenha um bom fim de semana. E, por favor, não deixe para bater o relatório na última hora, como a senhora fez com o do mês passado.

O dia-a-dia de duas brasileiras

Dona Cecília, 38 anos, professora e dona-de-casa, 4 filhos.

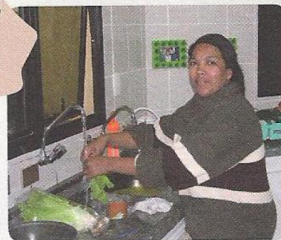
Sou professora, e mãe de 4 filhos. Três vezes por semana, dou aulas numa escola particular. Como nossa casa é grande e dá muito trabalho, tenho uma empregada e uma faxineira. As crianças almoçam em casa. Durante a semana, à tarde, elas têm aulas de inglês, de teclado, de judô e de ballet. Eu as levo para lá e para cá o tempo todo. E depois, vou buscá-las. É terrível, mas, o que posso fazer? À noite, geralmente, ficamos em casa; mas, de vez em quando, às 6^{as}-feiras, meu marido e eu saímos. Às vezes, quando o tempo está bom, vamos à praia no fim de semana. Temos uma casa lá.



© Agência Brasil

Dona Conceição, 43 anos, empregada doméstica, 4 filhos adolescentes.

Moro na periferia, longe do meu emprego. Levanto muito cedo, dou café para minha família e vou trabalhar. Tomo dois ônibus. Chego às 8 horas na casa da minha patroa. Limpo a casa, lavo e passo roupa, faço o almoço e arrumo a cozinha. Às 4 horas, vou para casa. Mais dois ônibus! Em casa, eu tenho muito serviço, mas o que posso fazer? Meus filhos, graças a Deus, já estão trabalhando: dois na fábrica, os outros, num supermercado. O Zeca vai à escola à noite. Ele diz que gosta de estudar.



Avenida Brasil I: 44

Anexo E
As festas

Vocação brasileira: alegria!

De janeiro a dezembro, uma agenda repleta de eventos

RICARDO SAMY

"Dizem que a alma de um povo se revela quando ele se encontra para celebrar."
No Brasil, de norte a sul, de janeiro a dezembro, centenas de festas populares acontecem. Festas aos santos católicos e às entidades do candomblé, festas juninas, festas regionais.

A disposição dos brasileiros para festejar é herança deixada pelos colonizadores, escravos e imigrantes.
A música acompanha todas as manifestações populares. Cantar e dançar está no sangue do brasileiro. Ritmo é com ele.
São muitas as opções. Faça a sua!

Mangueira em São Paulo. Foto: Diagonais.

Quadrilha em Curitiba. Foto: Maria Vitoria.

Diálogo Brasil: 195

Texto narrativo

O carnaval

A maior festa popular brasileira e a mais conhecida mundialmente é, sem dúvida, o carnaval.

Oficialmente, o carnaval dura três dias: domingo, segunda-feira e terça-feira. Na realidade, porém, a festa começa já na noite de sábado e só termina na manhã de 4ª feira de Cinzas.

Alegria ou ilusão?

“A gente trabalha
o ano inteiro,
Por um momento de sonho
Pra fazer a fantasia de rei,
De pirata ou jardineira,
E tudo se acabar
na 4ª-feira”.

A tradição dessa festa vem desde os tempos da guerra do Paraguai. No começo era o entrudo, festa de origem européia. Fazendeiros, peões, brancos e pretos brincavam nas ruas, jogando água, farinha de trigo e polvilho uns nos outros. Com o tempo, por causa dos excessos, o entrudo foi proibido em algumas cidades. Acabado o entrudo, apareceram os bailes de salão. O primeiro realizou-se no Rio de Janeiro, em 1840. O povo, no entanto, sem o entrudo, inventou outras formas de mostrar sua alegria nas ruas. Em 1846 surgiu “o cordão do Zé Pereira” — um grupo de pessoas que saíam pelas ruas da cidade, com bumbos e tambores, fazendo um barulho ensurdecedor. Depois, muito depois, apareceram os corsos — um enorme desfile de carros, muitos com capotas de lona abaixadas, levando foliões fantasiados, muito confete, serpentina e alegria. Os corsos ficaram famosos em todo o país e mesmo cidades pequenas do interior costumavam fazê-los.

Várias cidades brasileiras mantêm hoje, por tradição, um carnaval de rua com características bem próprias. Em Salvador, na Bahia, por exemplo, o Trio Elétrico, um caminhão muito iluminado e lento, tocando músicas carnavalescas num volume de som infernal, é seguido pela multidão que, com ou sem fantasia, dança e brinca na maior confusão. Em Recife, capital de Pernambuco, pelas ruas multidões dançam o frevo — música de ritmo muito agitado e alegre.

Os desfiles das escolas de samba são certamente o que há de mais espetacular nos festejos carnavalescos. Embora haja desfiles em várias cidades brasileiras, o Rio de Janeiro é, sem sombra de dúvida,



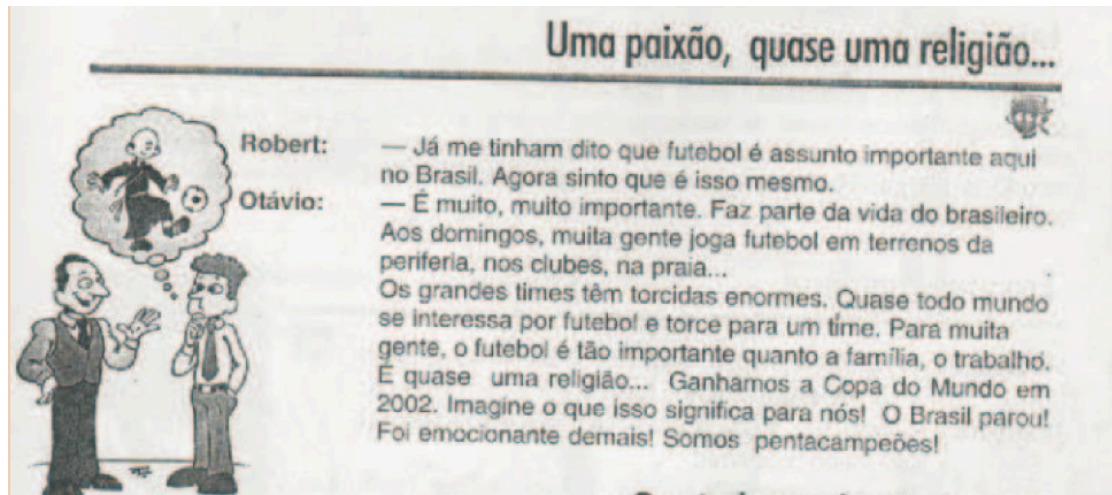
Foto: Desfile carnaval 1998, sambista da Escola Unidos da Perneck/RJ.



Foto: Sambódromo de Marquês Belfino, Acervo Rômulo.

Falar, ler e escrever: 209

Anexo F
O estar brasileiro



Diálogo Brasil: 137

Fanático por esporte

A: Oi, Beto. Você viu o Juninho hoje?

B: *Ainda não. Por quê?*

A: Meu! O cara é mesmo fanático! O Corinthians ganhou o jogo ontem e hoje ele está todo vestido de branco e preto, boné do Corinthians, bandeira amarrada na mochila...

B: *O cara é demais! Você sabia que ele tem um pôster dos jogadores na parede do quarto dele e uma bandeira colada na porta?*

A: Isso é que é paixão por futebol!

B: *Nada contra. Eu também gosto de torcer pro meu time. Fico ferrado quando o Palmeiras perde, mas acho que o Juninho é um pouco exagerado. Outro dia, ele não veio à escola só porque o Corinthians perdeu de virada pro Sport. Você também é Corinthiano, Eduardo?*

A: Que nada! Tô fora! Eu sou Fluminense.

B: *Então acho melhor você nem chegar perto do Juninho hoje.*

A: É. Tô sabendo. O Fluminense perdeu de 5 a 3 pro Corinthians nos pênaltis.

B: *Vai ser a maior firação de sarro!*

A: O cara vai ficar no meu pé o dia todo.

Tudo bem? 1: 80

LIÇÃO B **PANORAMA**
Costumes



Cada país tem seus costumes, assim também acontece com o Brasil. Vamos ver agora alguns dos costumes brasileiros mais dificilmente entendidos pelos estrangeiros, como o jeitinho brasileiro - maneira de achar solução para tudo - os beijinhos nos cumprimentos e o atraso nos encontros.

Quais são os costumes mais populares no seu país?
Há algum costume, no seu país, que os estrangeiros acham estranho?

Muito Prazer!: 216

**O brasileiro: seu jeito de viver,
de trabalhar e de fazer negócios**

A4 diálogo

O bombeiro

No Brasil, o herói da empresa é o apagador de incêndios, o resolvidor de emergências. Admira-se quem reage depressa, quem descobre saídas. O planejador, ao contrário, é considerado burocrático, sonhador, fora da realidade.



- Victor:** (engenheiro recém-chegado do Canadá) — E isto é verdade?
Robert: — É. Por isso o brasileiro é flexível, criativo. Ele vive em um ambiente instável, com regras que podem mudar a qualquer momento, com leis que "pegam" e leis que não "pegam". Na empresa, os executivos precisam ser ágeis, precisam fazer planos de contingência.
Victor: — Então imagino que os planos são implantados nas empresas com mais facilidade.
Robert: — Claro. O brasileiro se adapta rapidamente a novas situações. Aprende a ser esperto, vivo, E há também o jeitinho brasileiro, uma forma positiva de simplificar as coisas, de eliminar obstáculos.
Victor: — Assim tudo fica mais fácil, tudo dá certo.
Robert: — Nem sempre, Victor. Veja os pontos negativos. Por ser muito flexível, o brasileiro, em geral, detesta regras e minúcias. O "jeitinho", uma maneira tão simpática de facilitar a vida, às vezes pode ser desonesto. E a autoconfiança excessiva e o otimismo permanente são um perigo...

Diálogo Brasil: 225

2 A questão da pontualidade

Você pôde observar que o último comentário de Olivier é sobre a possível falta de pontualidade do brasileiro. Sobre isso, veja um trecho do livro *O essencial*, de Costanza Pascolato, consultora de moda, empresária e considerada por muitos como uma das mulheres mais elegantes do Brasil.

"No Brasil, como em qualquer lugar do mundo, a pontualidade em compromissos profissionais é fundamental. Mas quando se trata de reuniões sociais... A hora de chegar é importante. É um problema no Brasil, onde a ordem parece ser chegar sempre mais tarde. Ninguém quer ser o primeiro. Realmente é chato, fica aquela coisa mortal: você sozinha dentro da casa alheia. Porque, às vezes, nem mesmo o anfitrião chegou – se for realmente cedo, ou exatamente às nove quando se marcou às nove, há o risco de até o dono da festa ainda estar tomando banho, essas coisas. Portanto, diria que é tão malcriado chegar muito tarde quanto muito cedo" (Pascolato,

Estação Brasil: Plataforma I

Culturas diferentes atraem você?

Olivier, um jovem francês que veio estudar em Belo Horizonte, tem um *blog* ((*O outro*) *diário do Olivier* ;)), em que relata várias experiências, inclusive algumas particularidades do modo de vida brasileiro. Veja uma postagem que circulou bastante na Internet. Nela, Olivier descreve comportamentos que lhe causaram estranheza ou encantamento.

Aqui são (sic) umas das minhas observações, às vezes um pouco exageradas, sobre o Brasil. Nada sério. [...]

Aqui no Brasil, é comum conhecer alguém, bater um papo, falar “a gente se vê, vamos combinar, tá?”, e nem trocar telefone. [...]

Aqui no Brasil, o clima é muito bom. Tem bastante sol, não está frio, todas as condições estão reunidas para poder curtir atividades fora. Porém, nos domingos, se quiser encontrar uma alma viva no meio da tarde, tem que ir pro shopping. As ruas estão às moscas, mas os shoppings estão lotados. Shopping é a coisa mais sem graça do Brasil. [...]

Aqui no Brasil, Deus está muito presente... pelo menos na linguagem: ‘vai com o Deus’, ‘se Deus quiser’, ‘Deus me livre’, ‘ai meu Deus’, ‘graças a Deus’, ‘pelo amor de Deus’. Ainda bem que ele é Brasileiro.

Aqui no Brasil, relacionamentos são codificados e cada etapa tem um rótulo: pequete, ficante, namorada, noiva, esposa, (ex-mulher...). Amor com rótulos. [...]

Aqui no Brasil, o povo é muito receptivo. É natural acolher alguém novo no seu grupo de amigos. Isso faz a maior diferença do mundo. Obrigado, brasileiros!

Aqui no Brasil, os brasileiros acreditam pouco no Brasil. As coisas não podem funcionar totalmente ou dar certo, porque aqui é assim, é Brasil. Tem um sentimento geral de inferioridade que é gritante. Principalmente a respeito dos Estados Unidos. Tô esperando o dia quando o Brasil vai abrir seus olhos. [...]

Aqui no Brasil, as pessoas saem da casa dos pais quando casam.

Assim tem bastantes pessoas de 30 anos ou mais morando com os pais. [...]

Aqui no Brasil, marcar um encontro às 20h significa às 21h ou depois. Principalmente se tiver muitas pessoas envolvidas. [...] (Teboul, 2013).

Estação Brasil: Plataforma I

Anexo G

Considerações finais

O PAÍSE O IDIOMA



Esta imensidão cercada pelo Oceano Atlântico, pelas Guianas, pelo Suriname, pela Venezuela, pela Colômbia, pelo Peru, pela Bolívia, pelo Paraguai, pela Argentina e pelo Uruguai tem um nome imponente: REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. É um país bom para nós, brasileiros, e para todos que nos visitam ou que mudam para cá: não temos guerras nem grandes catástrofes naturais. Muitos de nós, contudo, passam por muitas dificuldades financeiras mas é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria. O Brasil é dividido em 5 regiões e cada qual é conhecida dentro e fora do país por algumas características bem marcantes. O *Norte* abrange a Amazônia com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas. É num estado *Nordestino* que se fala o português mais correto do Brasil: no Maranhão. É também no *Nordeste* que se encontram algumas das praias mais famosas e tão bonitas que atraem turistas do mundo inteiro. Na Região *Sudeste* está uma das cidades mais conhecidas do mundo, verdadeiro cartão-postal do Brasil: o Rio de Janeiro com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas. A capital do país, Brasília, se situa no Distrito Federal que está na Região *Centro-Oeste*. Já boa parte dos imigrantes italianos, japoneses e alemães optou por habitar na Região *Sul* onde provavelmente o clima se aproxima mais ao das suas terras de origem. Um grande elo de união do nosso povo é que em todas as regiões do Brasil fala-se português!

No decorrer desta unidade você terá oportunidade de conhecer muito, muito mais sobre esta linda terra *onde canta o sabiá!*

Bem Vindo!: 73